

# IDE E FAZEI APRENDIZES

## Por Philip Vogel

[support@dcj.org.uk](mailto:support@dcj.org.uk)



### **Agradecimentos**

Agradeço à minha esposa Hilary, que tem sido parte deste livro e tem me ajudado a escrevê-lo. Para Anne que veio viver conosco e acabou digitando o manuscrito. Meus agradecimentos também vão para Jim Holl, amigo e colega, cuja experiência como revisor foi de grande ajuda. Finalmente, agradeço pela contribuição de Terry Brewer como um ex-aprendiz (veja o apêndice), e a todos os outros aprendizes com os quais tenho me associado há anos e que significaram muito para mim.

### **Prefácio**

**Por Clide Calver, ex-diretor da Aliança Evangélica do Reino Unido**

A liderança deve ser uma das palavras-chave nas igrejas hoje em dia. Embora existam modelos indubitavelmente severos que podem ser seguidos, e, por conseguinte um número crescente de livros destacando posturas diferentes em relação à liderança, eu creio que esta contribuição de Philip Vogel será de particular importância.

Phil não somente tem tocado em um assunto que é íntimo dos corações de muitos de nós, o corpo de Cristo, mas ele aborda as questões com uma sensibilidade e comprometimento confirmados através do serviço cristão de longa data. O conhecimento adquirido através de diversas experiências é um pré-requisito necessário para encarar tarefa tão grande e importante. Os anos de Phil na Igreja Batista de Millmead e depois na Igreja da Comunidade de Guildford o equiparam com o entendimento da natureza da liderança em igrejas livres, tanto nas novas emergentes como nas de perspectiva mais tradicional.

Seus anos como evangelista o capacitaram a ver uma variedade de situações dentro deste país, que seriam paralelas com as de algumas pessoas dentro deste país, que seriam paralelas com as de algumas pessoas dentro das igrejas. Seu tempo dentro do estilo de vida de uma comunidade forneceu-lhe outra perspectiva única, enquanto que os anos como Diretor da Juventude Britânica para Cristo foram um tempo de treinar e equipar jovens líderes de ministério dentro da estrutura local e nacional.

Quando adicionamos suas mais recentes experiências em guiar e dirigir a liderança entre as novas igrejas emergentes, junto com uma perspectiva de plantação de igrejas, realmente temos alguma aparência do ministério 'em todos os seus aspectos'.

Tendo conhecido Phil por muitos anos, tenho uma dívida de gratidão para com ele, e é, portanto, um grande privilégio contribuir com o prefácio deste livro. Quando eu me formei na London Bible College, poucos estavam preparados para enfrentar, com justiça, um jovem rebelde e revoltado. Philip raramente se sente ameaçado por esse tipo de desafio. Em meu próprio caso, e nos de muitos outros, ele se determinou a construir sobre alicerces que nos poriam bem estáveis nos anos futuros. Sua percepção sensível da necessidade e desejo para reconhecer potencial, levou muitos a servirem a Deus, pelo menos em termos humanos, e que sem ela, não o estariam fazendo.

Nas páginas deste livro Philip olha para o tipo de líder de que necessitamos dentro de nossas igrejas, para ser treinado, e a necessidade para equipar e apoiar tal liderança. Ele examina cuidadosamente alguns dos problemas que os líderes enfrentam e dá um frescor ao assunto da abordagem, o que torna o livro fácil de ler e inteligente em suas sugestões e idéias variadas.

Ninguém irá concordar com cada página. Ninguém que conhece Philip esperaria por isso! Ele sempre apresenta um grupo radical de alternativas. Ainda que poucos consigam estudar estas páginas sem sentir a determinação de um homem que caminha com Deus e descobre aqueles dons de liderança que tão frequentemente permanecem dormentes dentro de nossas igrejas.

Acredito que você será estimulado, desafiado e encorajado, e sinto que é a preocupação de Philip em escrever este livro. Que Deus dê a cada um de nós a abertura para mudar, uma disposição para nos confirmarmos em alguns de nossos pontos de vista existentes, e o potencial para seguir avante em novas direções, como ele nos leva a fazê-lo. Verdadeiramente vivemos em um tempo em que a liderança também com frequência consiste em seguir um modelo secular. Alternativas são necessárias dentro da igreja. Precisamos aprender deste livro, e de outros similares que sejam criados da experiência daqueles que são usados por Deus, para encorajar e levantar líderes dentro deste país.

Ir e fazer aprendizes é um tema que Philip tem vivido. Ele aponta em uma direção que precisamos reconhecer como estratégica para o crescimento da igreja.

## **Prefácio**

**Por John Noble, ex-líder do Team Spirit, depois Pioneer**

É possível ensinar novos truques a um velho cão? Como um médico reage ao tomar uma dose de seu próprio remédio? Se eu tivesse lido este livro hoje sem conhecer Phil Vogel, minha mente investigativa senão cínica, teria certamente levantado estas questões e talvez até outras. Muitos anos atrás, Phil, agora com setenta e sete anos, participava do Team Spirit, um grupo ministerial que eu costumava liderar. De muitas formas, ele estava muito à minha frente, em habilidade e experiência, mas Deus, por acaso, me ungiu para a posição de liderança. Como meu velho amigo responderia e lidaria com essa situação?

Conheci Phil nos anos 60. Ele foi de grande encorajamento para mim na ajuda prática e ministerial. Quando soube de minha intenção para 'seguir em tempo integral', ele não jogou água fria em meu entusiasmo, me advertindo de todos os problemas que enfrentaria, mas desenvolveu minha fé e confiança em Deus. Isso foi em 1967. Desde então, aprendi que Phil não é um sentimental – ele tem opiniões e sentimentos fortes, e não é facilmente derrotado nos esportes e em debates intelectuais. Assim, apesar de minha apreensão, eu tinha dúvidas se poderia conduzi-lo no grupo e se ele responderia à minha liderança. Meus temores eram totalmente infundados. Houve ocasiões em que a confrontação em nosso relacionamento foi necessária, Phil tem sempre cedido quando chega o momento de uma decisão. Ele tem sido tremendamente apoiador e submisso sem ser um homem do tipo que diz 'sim' para tudo. Não estou bem certo se teríamos êxito sem ele. Phil Vogel ainda é um aprendiz de coração, um verdadeiro discípulo de Jesus Cristo. Sendo assim, leia este livro com confiança.

## **Prefácio**

### **Pelo Dr. Les Norman, fundador do Movimento DCI**

O telefone tocou. "Aqui é Phillip Vogel, gostaria de ir vê-lo, pode ser amanhã pela manhã às 8h30?" Isso foi em 1988, e em meus ouvidos ainda soavam palavras como 'ilegal', 'ilegítimo', 'ministério bastardo' e coisas semelhantes ditas pelo clero local, que sofria ao ouvir os relatos sobre o favor de Deus em nossa muito amadora Escola Missionária, gratuita e aberta a todos, agora encontrada em centenas de locais no mundo todo. Eu já sabia que um ou dois pastores locais estavam preocupados conosco. Mas quando nos telefona um líder carismático nacionalmente respeitado como Phillip Vogel, conselheiro de Gerald Coates e co-fundador do Team Spirit junto com John Noble, os nomes radicais daqueles dias, presume-se que, na verdade, não é somente a cidade, mas a nação inteira que está em pé de guerra. Phillip tinha dirigido desde Gales e estava bem a tempo para aquele, cuja noite agitada tinha me convencido, seria nosso último dia no ministério, mas em trinta minutos tínhamos ganhado um amigo, um mentor e um companheiro de viagem que permaneceria ao nosso lado e derramaria o óleo do Espírito Santo sobre as águas turbulentas. Na Uganda ele sempre será lembrado por aquele dia em que finalmente aceitou usar uma gravata para ensinar, sob a insistência de alguns pastores africanos muito sérios, embora de maneira controversa, sua camisa ficou caída sobre o encosto da cadeira. Este livro coloca em palavras tudo que nossos corações já sabiam, e seguir a sabedoria de Philip Vogel levou-nos de um quarto dos fundos em uma parte ruim de nossa cidade para sermos atualmente capazes de influenciar líderes em uma centena de nações.

# **IDE E FAZEI APRENDIZES**

**Por Philip Vogel**

## **1. Gênesis**

No começo – bem – quase no começo – minha esposa Hilary, eu e nossa filhinha, deixamos os nossos amigos de uma comunidade cristã, para viver e trabalhar em Brighton e Hove. Foi em 1961. Tínhamos nos casado em 1958 e fazíamos parte da Organização Publicitária Cristã, uma comunidade onde todos colocavam suas posses e dinheiro em uma bolsa comunitária da qual todos vivíamos.

Eu sentia o chamado de Deus em minha vida e tinha um desejo inflamado de pregar o evangelho e evangelizar o mundo. Tudo isso me parece bastante distante, porque eu lutava com relacionamentos, amarrava fardos do jornal O Desafio, ou perfurava jardins e valas. Eu não percebia na época que através daquelas lutas, eu aprenderia muito daquilo que seria o alicerce de meu entendimento futuro da igreja e da vida cristã.

Os relacionamentos tinham que ser trabalhados; isto era inevitável quando vivíamos em tal proximidade. As atitudes em relação aos bens eram rapidamente expostas, especialmente quando as pessoas eram vistas usando ou abusando daquilo que eu considerava ser meu. A fé era estendida enquanto aprendíamos juntos a confiar em Deus para as nossas necessidades, e as atitudes em relação à autoridade eram testadas. Esse foi um daqueles períodos dos quais, quando olho para trás, agradeço a Deus.

Depois de três anos na OPC, um novo capítulo iniciou-se em nossas vidas. Nós nos mudamos para Hove, onde fui destacado para trabalhar com uma igreja, cujo pastor tinha pedido auxílio. A igreja se reunia em um grande salão missionário. O pastor tinha buscado fazer alterações estruturais, para que a pequena congregação não ficasse como um punhado de amendoins em uma lata enorme, mas ainda parecia mais vazia do que cheia. Eu me lembro de caminhar por cada sala, algumas das quais estavam úmidas, sujas e desocupadas. Eu orava a Deus, suplicando que Ele se movesse pelo Seu Espírito e uma vez mais enchesse o lugar com Sua vida e vibração.

Alguns anos depois, em 1984, fui experimentar a emoção de ver aquela oração ser respondida. Meu bom amigo desde os primeiros dias, Terry Virgo, convidou-me para passar a noite. Na manhã de domingo fui com a família para a Igreja de Clarendon, a qual Terry estava agora dirigindo, e vi o antigo local restaurado e cheio até transbordar com pessoas que estavam entusiasmadas e cheias do Espírito de Deus. Eu agradei a Deus pela resposta de minha oração. Levou bastante tempo, mas agora eu podia ver que era uma realidade.

Enquanto andava pelas ruas de Brighton e Hove naqueles primeiros dias, parecia haver pouca coisa que pudesse me encorajar. Eu me lembrei da visão de Ezequiel sobre o vale de ossos secos. Espiritualmente a região parecia estar repleta de morte e sequeidão, e eu podia imaginar como Ezequiel devia ter se sentido quando Deus lhe perguntou, 'Porventura viverão estes ossos?'

(Ezequiel 37:3). Humanamente falando parecia impossível e como fez Ezequiel eu somente responderia, 'Senhor Deus, tu o sabes' (Ezequiel 37:3).

Onde eu estava para poder começar? Eu tinha que começar em algum lugar. Vagarosamente, tão vagarosamente que eu mal percebi, alguma coisa começou a acontecer, alguma coisa que estava para formar totalmente meu futuro ministério. Começou dessa forma.

Eu me reunia com jovens cristãos que demonstravam um forte desejo de crescer. Eu podia ver que eles precisavam se abrir e receber uma oportunidade de se desenvolverem, assim nós começamos a nos reunir uma vez por semana em minha casa.

Enquanto orava sobre como ajudar esse pequeno grupo, eu sentia o Senhor me guiando até Mateus 28:20, '...ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado.' Foi assim que eu comecei. Tudo que eu recebia de Deus, eu obedecia e passava para aqueles jovens cristãos. Enquanto isso eu procurava receber mais para meu próprio proveito.

Esse provou ser um período emocionante de descobrimento e crescimento para todos nós. Durante os três anos seguintes, aprendemos a adorar a Deus e orar juntos. Nós evangelizávamos em um conjunto habitacional e à beira-mar em Brighton. Um a um, aqueles jovens cristãos foram sendo cheios do Espírito, e começamos a receber dons.

Mais tarde, dois desses jovens desistiram de suas carreiras e se juntaram a Hilary e eu para servirmos a Deus e 'viver pela fé'. Um deles era Terry Virgo, que desde então saiu para exercer um ministério apostólico que o levou pelo mundo inteiro. O outro era Keith Frampton; por alguns anos ele teve um ministério de liderança como um missionário na Bolívia. De fato, quase que todos daquela 'comunidade de segunda-feira à noite' saíram para servir o Senhor com alguma aptidão.

Somente algum tempo depois é que percebi o quão estreitamente eu tinha seguido um modelo. Houve cerca de doze de nós que tinham formado o núcleo de nossa comunidade. Eu havia ensinado e havíamos aprendido juntos por quase três anos, antes de nos mudarmos para diferentes ministérios. Tínhamos de fato seguido o modelo que o próprio Jesus estabeleceu, e depois ordenou que seus discípulos seguissem. Foi então que percebi que existia algo muito significativo em discipular pessoas, da forma como Jesus tinha feito, e eu tinha ensinado como trabalhar de acordo com aqueles mesmos princípios desde então.

Com o passar dos anos aprendi muito, geralmente através dos erros, mas sempre dizia aos meus aprendizes, 'Por que não aprender dos meus erros, assim vocês poderão aprender em seis meses tudo o que eu levei seis anos para aprender.' Agora estou trabalhando ao lado de líderes de igreja (enquanto que ao mesmo tempo eu também aprendo), e ainda trabalho com os mesmos princípios, muitos dos quais estou esboçando neste livro.

Fundamentalmente estou interessado em ajudar a desenvolver líderes e ministérios, mas os princípios podem ser aplicados em qualquer estágio da vida de um cristão, seja no treino para liderança, ou na vida cristã prática

diária. Levei muitos anos para aprender estes princípios. Espero que através da leitura deste livro você leve um tempo consideravelmente menor, e espero que você aprenda dos meus erros e melhore minhas diretrizes.

## **2. Vá e Faça Aprendizizes**

'Mas onde encontramos os líderes?' A pergunta surgiu não do ministro de uma igreja em dificuldades, com recursos limitados, mas de alguém que dirigia uma igreja próspera com centenas de membros. Muitas pessoas na igreja eram empresárias, das áreas da educação, medicina e de outras profissões. Em suas vidas diárias estavam em posição de autoridade e de responsabilidade, e ainda assim a súplica era: 'Nós não temos líderes o suficiente para nossa igreja.'

Essa súplica por líderes tem ecoado vez após outra em minhas visitas às igrejas, tanto nas áreas ricas da classe média, quanto nos conjuntos habitacionais em áreas carentes. Com frequência essa súplica tem sido um brado por ajuda daqueles que já estão na liderança. Um pastor de uma igreja na Europa oriental, perseguido pelas autoridades comunistas e lutando com poucos recursos, compartilhou comigo o seu desespero em não ter outros para dividir o fardo da liderança e do ministério. Sobrecarregados com responsabilidades e pressionados por demandas absurdas sobre seu tempo, tais líderes e suas famílias vivem sob constante estresse.

Tem que ser realmente assim? As responsabilidades da liderança têm que cair sobre um homem ou mulher sobrecarregados? A igreja não possui muitos outros líderes em potencial entre seus membros? Ou estamos falhando em reconhecer e desenvolver tais líderes?

Minha resposta para a pergunta: 'Onde encontramos os líderes?' é esta: 'Líderes não são encontrados – eles são formados.' Estou convencido de que Deus tem provido o potencial para a liderança e outros ministérios dentro de Sua igreja. Mas em muitos casos esse potencial simplesmente não está sendo notado. A questão crucial é esta: como reconhecemos e desenvolvemos o potencial para satisfazer a extrema necessidade crescente por líderes?

O futuro da igreja será determinado pela qualidade de sua liderança. Um trabalho é tão bom ou tão ruim quanto sua liderança. A igreja não receberá um aperto maior de Deus do que de seus líderes. Ela não demonstrará maior compromisso ou sacrifício do que os demonstrados por seus líderes. Ela não terá visão mais clara do propósito de Deus do que seus líderes.

Uma rápida olhada na história de Israel demonstrará o quão rapidamente o povo de Deus mudava, dependendo da qualidade da liderança. Gideão transformou um povo decaído, desmoralizado e derrotado em uma nação vitoriosa, vivendo sob o domínio de Deus. Ainda que eles tenham voltado rapidamente à prostituição da idolatria, quando Gideão morreu (Juízes 8:33). Este mesmo modelo é reportado vez após outra, na história de Israel. A vida espiritual de Israel podia ser medida pela vida espiritual de seus líderes, e o que era verdade na história de Israel era igualmente verdade na história da igreja. (como veremos mais tarde, o teste de um excelente líder reside tanto

no que ocorre quando ele se vai, como nos efeitos de seu ministério no período de sua liderança.)

Minha preocupação, para incentivar os líderes, não tem somente sido originada de minha compreensão da história de Israel, mas também da maneira como o Espírito Santo tem se movido na igreja nos últimos anos. A tendência agora é de um movimento distante de um 'ministério de um único homem' onde um homem, normalmente um profissional, que seja formalmente treinado e financeiramente apoiado, seja investido com a responsabilidade da liderança, e considerado como o único capaz e suficientemente dotado para ministrar à igreja. Ao contrário, o Espírito tem revelado a verdade da pluralidade da liderança, e muitas igrejas estão agora sendo dirigidas por anciãos ou seus equivalentes.

O Espírito também tem nos levado a apreciar a diversidade e distribuição de dons dentro da igreja, e a necessidade da operação de tais dons se quisermos ver o corpo de Cristo amadurecido (Efésios 4:11-16). Como resultado há um reconhecimento crescente do ministério dos apóstolos, profetas e evangelistas, não somente de pastores e mestres.

Outra tendência recente tem sido a multiplicação das congregações. Centenas de novas igrejas têm surgido em nossa terra. Algumas das grandes igrejas estão se dividindo em muitas congregações, e grupos nos lares têm se tornado uma característica tanto nas igrejas tradicionais como no chamado movimento das igrejas nos lares.

Todos estes fatores têm promovido a necessidade crescente de líderes. Portanto como satisfazer esta necessidade e como desenvolver líderes e ministérios é uma questão vital, e tem ocupado meus pensamentos e ministério por muitos anos.

Tem sido uma grande fonte de satisfação pessoal para mim que, através dos anos, tenho me envolvido com um número de homens e mulheres jovens, bem no começo de seus chamados e ministérios no Reino de Deus. Tendo iniciado nos anos 60, quando vivíamos na Costa Sul pelo período de tempo em que fui Diretor da Juventude Britânica para Cristo, até meu mais recente ministério, Deus tem me levado à órbita de homens e mulheres (normalmente jovens, mas não exclusivamente), nos quais reconheci ter potencial e dons esperando para serem desenvolvidos e liberados no serviço do reino. Eu os tenho assistido crescer em maturidade e serem desafiados por seu amor e zelo para com Deus. Tenho estado ao lado deles e tenho assistido ao surgimento da tentativa de seus ministérios, testemunhado suas dúvidas e frustrações, e chorado com eles e por eles em seus momentos de desespero.

Estou triste por alguns, porque nunca tiveram êxito. Em relação a outros, sinto orgulho porque os vi amadurecer como homens e mulheres em Cristo – fortes e realizando proezas, obtendo vitórias para o Rei e Seu Reino.

Um número destes homens e mulheres tem me encorajado ao falarem da influência que exerci em seus primeiros dias de formação. Alguns têm dito que essa influência foi fundamental para dar forma às suas vidas e ministérios; outros têm dito que ela foi mínima, mas os fortaleceu naquele

exato momento. Meu trabalho com esses jovens tem sido bastante gratificante, e certamente o aspecto mais satisfatório de meu ministério. Mas não tem sido simplesmente uma questão de satisfação pessoal. O mais importante é ver como o Reino de Deus tem sido enriquecido, porque os dons desses homens e mulheres foram liberados no ministério.

Foi o evangelista norte-americano Moody quem disse certa vez, 'Eu prefiro pôr dez homens para trabalhar a fazer o trabalho de dez homens,' uma opinião à qual todos os líderes cristãos provavelmente responderiam com um caloroso 'amém'. Entretanto, o 'amém' poderia ser seguido muito rapidamente com a questão. 'Mas com?' Como colocamos dez pessoas para trabalhar? Quem escolheremos, e como saberemos que Deus os escolheu? Como podemos estimular neles o desejo para trabalhar? Como devemos treiná-los? Quais atitudes devemos adotar?

No passado fui questionado sobre como alcançar tudo isso. Eu passei a questão de largo porque realmente não cria que alguém estivesse interessado no que eu tinha a oferecer, e irreverentemente respondia, 'Se eu soubesse como fazer, escreveria um livro sobre o assunto.'

Quando pensei mais sobre o assunto, percebi que não havia nada reservado ou estranho, sobre como Deus tem me ensinado e me guiado em tudo isto. Não foi mera coincidência que eu tenha encontrado um número de pessoas que mais tarde se desenvolveram como líderes cristãos. Também não foi unicamente devido a alguns aspectos de minha personalidade. Ao contrário, foi porque em algum lugar dos anos 60, em Brighton, mais como resultado da providência de Deus do que de estudo diligente, deparei-me com um modelo bíblico que, quando seguido, significaria inevitavelmente que os homens e mulheres seriam liberados para o ministério. Durante anos, esse modelo tem se tornado mais claro, e através da tentativa e erro, minha prática dele tem se desenvolvido, embora os princípios básicos permaneçam os mesmos.

### **O modelo é mais bem expressado nas palavras de Jesus:**

Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. (Mateus 28:19-20).

A conclusão a que cheguei é que líderes e ministros são mais bem desenvolvidos pelo processo do discipulado. Nem todos os discípulos certamente se tornarão líderes, mas muitos mais poderiam se tornar – algo que logo descobri quando comecei a ensinar aquilo que o Senhor me ensinou.

### **3. Ir e Fazer O Que?**

'Discípulo' é uma daquelas palavras estranhas que, por muitos de nós, é usada somente em um contexto cristão. Ocasionalmente podemos ouvir alguém descrever-se como um discípulo de Karl Marx ou de algum outro filósofo, mas geralmente a palavra é de uso exclusivo da igreja. Outras palavras que usamos tais como pastor, ancião ou diácono, são similarmemente estranhas para as pessoas atualmente. Não as usamos no mundo dos



negócios ou entre operários. São palavras que estão arraigadas na vida cultural dos tempos bíblicos, foram livremente usadas no curso geral da vida, e depois adotadas pela igreja para descrever funções de seus ministros.

Seria interessante saber quais palavras seriam usadas caso a igreja tivesse seu início nos dias atuais, dentro do contexto de nossa própria cultura. Estaríamos falando sobre o 'Conselho da Administração' ou 'vereadores' para descrever a função dos anciãos? Qual palavra nós poderíamos usar para descrever um pastor? Eu duvido que fosse pastor, com o significado de ser alguém que cuida de ovelhas, algo quase sem sentido para um morador de uma cidade média, e em algumas partes da África e da Ásia onde não existem ovelhas.

Que termo nós usaríamos para discípulo? Um aluno? Mas isto descreveria adequadamente a natureza e função essencial de um discípulo? Atualmente a palavra 'aluno' tende a ser aplicada a alguém que recebe educação formal, aprendendo ao ouvir palestras e ao estudar livros, até que se torne qualificado. Isto não descreve adequadamente o que um discípulo é ou a maneira como ele é ensinado. A palavra 'aprendiz' é mais precisa. Aqueles dentre nós que tiveram a experiência de ser um aprendiz de direção, para obter habilitação para conduzir veículos, e da forma como fomos ensinados a dirigir, experimentaram mais de perto a maneira de como um discípulo é ensinado.

Quão importante é que usemos a palavra 'discípulo'? Se soubermos o que é realmente um discípulo, não importará se não usarmos o termo exato. O problema é que como a palavra não é comumente usada, nós poderemos ou presumir seu significado ou fazermos com que ela assuma o significado que quisermos.

Algumas pessoas supõe que a palavra 'discípulo' significa super-cristão. Temos os doze discípulos que foram apóstolos com um chamado especial e um ministério particular, por conseguinte temos alguns cristãos que estão em um plano superior de compromisso e ministério, para os quais aquelas condições exigidas do discipulado se aplicam (Lucas 14:26-33). Enquanto isso o resto de nós, cristãos comuns, podemos convenientemente nos esquecer que todos os seguidores de Jesus foram chamados 'discípulos' muito antes de serem chamados 'cristãos' (Atos 11:26) e que aquelas condições de discipulado exigidas se aplicam a todos que são chamados de cristãos.

Tão perigoso quanto supor o significado de uma palavra, é fazer com que ela assuma o significado que quisermos. Neste caso a palavra 'discípulo' está associada com um grupo ou ênfase de ensino em particular. Desde que Juan Carlos Ortiz escreveu seu livro 'Discípulo' em 1975, esta palavra tem sido colocada em crescente importância. Isto gerou livros que dão importância ao ensino enfático e ao ensino que se opõe a tais pontos de vista. Tem havido tanto uso e abuso, que em alguns círculos ela não pode ser usada de forma alguma devido às reações que causa. 'Cuidado com o movimento do discipulado' diriam alguns. 'Tenha cuidado com o pastoreio pesado.'

Isso, eu me apresso em adicionar, não é culpa de Juan Carlos Ortiz. Ele deu corda ao relógio ao dar o empurrão necessário ao pêndulo; mas como ocorre

com qualquer pêndulo, existem aqueles que querem dar um empurrão extra, e aqueles que, ameaçados pelo movimento e temerosos do que pode acontecer, tentam parar o seu movimento. Não é minha intenção aumentar a controvérsia sobre o empurrar ou parar o pêndulo, mas simplesmente trazer entendimento adicional ao significado de ser um discípulo de Jesus. Ao fazer isto espero não somente recuperar alguns dos significados verdadeiros das palavras, mas também nos possibilitar a que cumpramos as ordens de Jesus.

Qual então seria a palavra ideal para usar para descrever um discípulo? Muitos eruditos que tenho consultado concordam que a palavra mais familiar para nós, e que mais apropriadamente captura a essência do que significa um discípulo, é 'aprendiz'

Um aprendiz, de acordo com o dicionário 'Chambers Twentieth Century Dictionary' (1972), é alguém que está 'ligado a outro para aprender um ofício' (tradução livre). É uma pessoa que aprende suas habilidades junto com alguém mais qualificado e mais experiente e que lhe ensinará tudo que aprendeu. Um aprendiz é alguém que aprende suas habilidades, não somente pela leitura de livros no isolamento de seus estudos, mas ele mesmo experimenta e busca colocar em prática o exemplo de seu mestre. Sua confiança e habilidade crescem enquanto for guiado em seu aprendizado, até que se torne um mestre artífice qualificado em seu próprio direito.

Eu vi esse princípio, claramente ilustrado, quando certo dia caminhava com meu cão pela margem de um rio. Vi um homem tentando ensinar seus filhos a remarem. Ele andava pela margem berrando instruções para seus filhos, que estavam no barco com dificuldades para remar. Embora seus esforços fossem enormes, suas remadas eram descompassadas. Consequentemente a direção do barco e seu progresso eram um tanto irregulares; na verdade, eram mais ou menos em círculo. O pai, que ficava cada vez mais frustrado, começou a demonstrar com seus braços a maneira correta, como um remador habilidoso. Ele sabia com precisão como deveria ser feito, fosse por teoria ou por experiência, mas ele não estava fazendo a demonstração onde era necessário – no barco! Alguns dos seus filhos então ficaram em pé e mudaram de lugar e discutiram sobre quem iria remar e de que forma. O desastre parecia iminente, mas felizmente não ocorreu. Enquanto eu observava aquele homem na margem, dois metros distante da ação, lembrei-me da descrição comum dos pregadores, dois metros acima da contradição.

Quão comumente nós, pregadores, estabelecemos o que deve ser feito sem demonstrar ou dizer como fazê-lo. Tenho perguntado com frequência a grupos de cristãos, 'Quantos de vocês foram ensinados que deveriam testemunhar?' Sempre se ergue uma floresta de mãos. Mas quando pergunto, 'Quantos de vocês foram convidados a sair e receberam demonstração de como fazê-lo?' Somente três ou quatro mãos se levantam.

Descobri que o mesmo ocorre em outras disciplinas da vida cristã. Com muita frequência, nós, como pregadores, exortamos as pessoas naquilo que deviam estar fazendo, enquanto que dentro delas existe a pergunta, 'Sim, mas como? Por favor, mostre-nos.' Isto não é fazer de alguém um aprendiz. Jesus disse, 'Ide e fazei aprendizes.'

Mais cedo em minha caminhada pelo rio naquele dia, vi outro pai ensinando seu filho a remar. A criança estava sentada entre as pernas de seu pai, ambos tinham as mãos nos remos e eles os movimentavam juntos, e eu pude sentir a criança pegando o ritmo do ir e vir dos remos. Era obvio o prazer estampado em ambos os rostos, e também era perceptível que o barco fazia um excelente progresso. Aquilo sim, era puro aprendizado.

#### **4. O Aprendizado, - o modo de Jesus**

##### **O Aprendizado – um modelo de treinamento bem estabelecido**

Ao tomar discípulos, ou aprendizes como prefiro chamá-los, Jesus estava seguindo um modelo de treinamentos bem estabelecido. Nos tempos do Velho Testamento, os líderes tinham seus aprendizes. Josué foi servo de Moisés, servindo como aprendiz até que estivesse pronto para assumir e se tornar o líder do povo de Deus. Os profetas também tinham seus aprendizes, Eliseu, por exemplo, foi o aprendiz de Elias.

Eliseu viu a si mesmo como o sucessor de Elias. Ao pedir porção dobrada, o direito acordado de cada primogênito ou herdeiro aparente, ele sucederia literalmente o manto do profeta líder da nação. Quase posso ouvi-lo dizer a Elias, 'Que os outros tenham por direito sua herança como profetas, mas como aquele que escolheu ser o seu aprendiz, e tendo aprendido bem o meu ofício, deixe-me ser o seu sucessor.'

Nos tempos do Novo Testamento, discipular também era um modo de treinamento estabelecido. Muitos rabis tinham seus grupos de discípulos. Aqueles aprendizes adquiriam suas habilidades ao permanecerem constantemente ao lado de seus rabis. Eles ouviam, observavam e procuravam emular o ensino transmitido a eles. Eles também serviam ao seu rabi de forma prática, executando numerosas tarefas rotineiras – como carregar bagagem, cuidar das finanças, comprar comida, pagar impostos, preparar refeições, transmitir recados. Eles cresciam em caráter e em entendimento todo o tempo.

João Batista também tinha seus discípulos, homens e mulheres que absorviam seus ensinamentos, aprendiam como orar, levavam seus recados e finalmente o serviram ao levarem seu corpo para sepultá-lo. (Mateus 14:12). O discipulado não era confinado aos grupos religiosos ou à tradição judaica. Na cultura helênica, o discipulado era considerado, pelos grandes mestres, como a única forma de ensinar. Filósofos antes do nascimento de Cristo, como Sócrates, Platão e Aristóteles – ensinavam dessa forma. Cada um deles tinha um pequeno e seletivo grupo de discípulos que aprendiam sentados aos pés de seus mestres, ou ouvindo suas palestras em corredores sombrios.

Os meninos judeus aprendiam sobre o comércio através do aprendizado. Jesus teria aprendido carpintaria de José desta maneira, primeiro como um garotinho vendo seu pai trabalhar, escolhendo e dando forma à madeira, para fazer móveis ou instrumentos agrícolas. Depois Ele experimentaria e desenvolveria suas próprias habilidades sob os olhos atentos de seu pai. Ele falava de sua experiência como mestre artífice quando disse, 'Meu jugo é

leve' (Mateus 11:30), significando que ele servia perfeitamente e não causava irritação.

Jesus nasceu em um mundo onde o aprendizado era um meio bem estabelecido e geralmente aceito de ensinar e treinar, seja pela religião, filosofia ou comércio. Então não seria surpresa que encontrássemos Jesus seguindo essa prática estabelecida. Porém, Ele rompeu com o modelo de uma maneira visível, foi Ele quem escolheu seus discípulos, e não o contrário.

'Não me escolhestes vós a mim, mas eu vos escolhi a vós,' disse Jesus (João 15:16). Não foi deles o privilégio de escolher quem queriam seguir; como um rabi cujo ensinamento soasse particularmente palatável ou agradável, ou alguém cuja oratória emocionasse os ouvintes, ou ainda outro cujas demandas por serviço fossem menos severas. Era muito importante que uma escolha fosse feita de acordo com a preferência pessoal do indivíduo ou ainda de acordo com a mente coletiva de um grupo maior de crentes. Esses homens estavam para carregar a responsabilidade futura da igreja, e como tais, deveriam ser escolhidos por Deus, uma decisão que somente poderia ser tomada através de muita oração.

Creio que se seguissemos mais de perto o exemplo de Jesus atualmente, tanto em oração quanto em treinamento, cometeríamos muito menos erros sobre quem seria dada a responsabilidade pela liderança em nossas igrejas.

### **O aprendizado não é o único caminho**

Embora o treinamento através do aprendizado fizesse parte da estrutura social e religiosa nos tempos de Jesus, não vamos cometer o erro de pensar que fosse o único meio de ensinar ou treinar e dessa maneira, a única opção disponível. Como houve escolas de profetas nos tempos do Velho Testamento, e também nos dias de Jesus e antes, houve escolas rabínicas para o ensino teológico formal.

Acho interessante e significativa ver que Jesus não ensinou seus seguidores e futuros líderes da igreja, enviando-os a uma escola rabínica existente ou a uma fundada por Ele mesmo. Ele escolheu ignorar completamente esse método mais formal de treinamento, por um menos formal e aparentemente mais eficaz.

Com grande surpresa percebemos que em nossas igrejas de hoje, ignoramos em grande medida, o método que Jesus usou e adotamos o método que Ele ignorou. Talvez tenhamos chegado a pensar que a maneira dEle não seja eficaz ou aplicável em nossa sociedade, ou tenhamos colocado muito mais ênfase no treinamento formal do que no informal. Ao dizer isto eu não estou querendo descartar todos os aspectos do treinamento formal, mas creio que precisamos colocar uma ênfase maior no aprendizado, do que temos feito nos últimos anos.

Escolher ignorar, em grande parte, um método de treinamento que Jesus utilizou, parece ser no mínimo insensatez. Entretanto, é muito mais sério do que isso, Ele ordenou que Seus discípulos seguissem Seu exemplo. (Mateus 28:19-20). Então não é uma questão de sabedoria ou de insensatez, mas uma questão de obediência ou desobediência.

Então por que Jesus escolheu essa forma de desenvolver Seus líderes? Não sabemos realmente a resposta para esta questão, e somente podemos especular sobre ela. Entretanto uma coisa de que podemos ter certeza, é que não foi uma escolha determinada simplesmente por convenção, circunstâncias ou conveniência. É verdade que Ele estava trabalhando dentro da tradição e convenção de Seus dias, mas da mesma forma, Ele estava bem preparado para rejeitar ou ir além dos limites das convenções para transmitir a verdade de Deus. (Curar em um dia de sábado, por exemplo).

As Escrituras indicam que, como o número de seguidores de Jesus crescia, tornou-se bastante necessário que Ele delegasse autoridade. Mas creio que houve mais decisão do que mera circunstância ou conveniência sobre isso. Houve algo muito mais importante.

Que vantagem, então, o aprendizado teria sobre os outros métodos de ensino?

### **A palavra se tornando carne**

O aprendizado segue um princípio divino – o princípio da encarnação. João escreve em seu evangelho sobre Jesus como sendo a luz dos homens (João 1:1-4). A luz dos homens vem através da vida. A Palavra precisava se tornar carne e viver entre nós por um tempo, para que pudéssemos ver Sua glória.

Como sou grato a Deus por não ter simplesmente distribuído folhetos de informação teológica sobre Si mesmo, transmitindo a verdade, conceitos, preceitos e declarações doutrinárias, e tenha deixado por isso mesmo. Não, a verdade de Deus veio personificada em uma pessoa. Jesus disse, 'Eu sou o caminho, a verdade e a vida' (João 14:6) Ele não disse 'Este é o caminho'. Jesus era a demonstração viva da verdade a ser vista e também ouvida. 'És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?' (Mateus 11:3) perguntaram os discípulos de João. A resposta foi dada, 'Ide, e anunciai a João as coisas que ouvís e vedes.'

Ao levar um grupo de discípulos consigo, Jesus foi capaz de demonstrar a verdade de Deus em situações reais. Os discípulos eram capazes de relatar ao coração e mente de Deus, para verem o poder e autoridade de um Deus vivo, quando Jesus repreendia demônios e silenciava tempestades. Essas experiências eram a base da mensagem deles aos outros. 'O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida. (1 João 1:1). Com que frequência nós, cristãos, temos sido culpados de separar a palavra da vida, achando que para transmitir palavras é suficiente trazer a luz.

Jesus disse, 'e sobre esta pedra edificarei a minha igreja' (Mateus 16:18) e pelas eras tem surgido controvérsias sobre o que exatamente Jesus quis dizer sobre 'esta pedra'. Significa Pedro, como os católicos romanos acreditam? Ou é a confissão feita por Pedro, 'Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo,' de acordo com a igreja protestante?

Creio serem ambas. Como a igreja de Jesus Cristo poderia ser construída sobre pessoas que não cressem e confessassem a verdade a respeito de Cristo? Em anos recentes, declarações que foram feitas por líderes eclesiais, aparentemente questionando o nascimento virginal e a ressurreição de Cristo, somente destacaram a total insensatez de presumir que, por alguém poder receber autoridade e responsabilidade na igreja institucionalizada, a igreja de Jesus estará, por conseguinte, construída sobre tais homens.

Igualmente, estaremos equivocados se crermos que a igreja será construída sobre uma declaração de fé que não esteja relacionada a uma pessoa. A igreja esta sendo construída sobre pedras vivas e não somente sobre palavras. Se as palavras não estiverem relacionadas à vida, fará pouca diferença se elas forem corretas. O princípio da encarnação significou que Jesus não poderia ser confinado a uma sala de palestras ou biblioteca, mas necessitava ser visto e ouvido, vivendo a verdade de Deus e, por conseguinte, ensinando seus seguidores.

Paulo reforça este princípio quanto escreve aos Tessalonicenses: 'Porque o nosso evangelho não foi a vós somente em palavras, mas também em poder, e no Espírito Santo, e em muita certeza, como bem sabeis quais fomos entre vós, por amor de vós. E vós fostes feitos nossos imitadores, e do Senhor, recebendo a palavra em muita tribulação, com gozo do Espírito Santo. De maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia.' (1Tessalonicenses 1:5-7).

Com frequência tenho perguntado aos líderes da igreja se gostariam que seus membros conhecessem a paz de Deus. Todos eles respondem que certamente gostariam. Então eu lhes digo que é bastante simples. Eles deveriam seguir o conselho de Paulo, e dizer aos seus membros, 'O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei; e o Deus de paz será convosco.' (Filipenses 4:9) ensinar e treinar pelo aprendizado oferece uma oportunidade única de seguir o mesmo princípio, que é fundamental para a maravilha da encarnação.

### **Desenvolvendo o caráter**

Jesus estava preocupado em desenvolver caráter e atitudes corretas, nas vidas daqueles que eram Seus seguidores e futuros líderes da igreja. Muitos dos ensinamentos que Jesus deu aos Seus discípulos estavam centralizados na natureza de Deus – Seu amor, poder e misericórdia. Os discípulos viram essas características em Jesus enquanto viviam e trabalhavam ao Seu lado. Atitudes erradas ou reações de revolta, da parte deles, acarretavam em reprimenda, mas também um entendimento da misericórdia de Deus. Eles aprenderam sobre atitudes para com a família, lares, dinheiro, doação, e relacionamentos entre líderes e liderados. A lista de lições é enorme, e eles foram ensinados com alguém ao seu lado que poderia dirigir, corrigir e apoiá-los. Como alguém disse apropriadamente, 'fomos ensinados mais sobre formação do que sobre informação.'

Paulo também enfatizou a importância do caráter, em sua lista de qualificações para a liderança na Igreja, quando ele escreveu a Timóteo e a Tito. Um exame cuidadoso das vinte qualidades, a serem buscadas em

alguém qualificado para a liderança, demonstrará que somente uma tem relação com habilidade, 'a habilidade de ensinar', todas as outras têm relação com o caráter pessoal. 1 Timóteo 3, Tito 1:5-9. Não podemos deixar de pensar que alguns erros, em selecionar líderes na Igreja, poderiam ter sido evitados se uma ênfase maior fosse dada sobre o caráter, ao invés de qualificações aparentemente menos importantes.

## **Preparando para o futuro**

A seleção dos doze apóstolos, dentre um grupo muito maior de discípulos, é um importante marco no ministério de Jesus. Ocorre aproximadamente na metade dos três anos do ministério de Jesus, e marca o começo da preparação para a futura liderança da igreja. Até então, Ele tinha trabalhado sozinho e dentro de uma pequena área. Se o reino iria crescer, Jesus precisaria de homens, que estivessem prontos, para levar a responsabilidade da liderança depois de sua partida. O futuro do reino dependeria daqueles homens, que eram naquele momento, aprendizes de Jesus, e de quão bem Ele os treinasse. Quanto de Sua visão, Seu coração e Seu Espírito tinha sido transmitido a eles? A resposta para esta questão seria vista na futura liderança da igreja.

Moisés foi um homem chamado e habilitado por Deus, para liderar um povo para além da escravidão e para estabelecer um reino. Moisés não era um líder de visão curta. Ele se preparou cuidadosamente para o dia em que partiria, tomando a Josué como seu aprendiz, preparando-o para a liderança de uma nação, e desse modo, se assegurando de uma transição suave de liderança. Outros que vieram depois de Moisés tinham visão curta, ao que parece. A preparação inadequada para a futura liderança levou à anarquia eventual, com cada um fazendo o que parecia reto aos seus olhos. (Juízes 21:25).

Naqueles dias que são referidos como os do 'movimento carismático', aqueles de nós envolvidos, enfrentam questões inquisitivas quanto ao seu futuro. Desde os anos 50 e 60, quando esse novo mover do Espírito começou a causar um impacto na igreja, Deus vem vertendo seu glorioso 'vinho novo'. Para alguns dentro da igreja, o sabor desse vinho não era bom; eles preferiram o que eles estavam usando e permaneceram com ele. Outros o experimentaram, acharam-no bom, mas tentaram armazená-lo dentro de odres velhos e inflexíveis – as formas e constituições tradicionais de igrejas estabelecidas.

Em muitos casos, tem havido um romper de odres, enquanto que outros, vendo o que estava acontecendo, prepararam odres novos e flexíveis para o vinho. Esses apóstolos de Deus previram essa necessidade e prepararam estruturas novas e flexíveis. Para mim, eles são indubitavelmente líderes de 'primeira-geração', nesse mover recente do Espírito de Deus.

Mas e a próxima geração de líderes? Onde e como eles estão sendo treinados e preparados? Muitos dos líderes originais, no movimento carismático, foram treinados na forma tradicional e vêm com aquela experiência nas igrejas e comunidades, que têm se espalhado pelo país. A forma mais tradicional de treinamento não é considerada agora o melhor caminho e nem a mais

prática, como muitos que agora estão assumindo a responsabilidade da liderança não conseguem seguir em frente pela instrução formal.

O que então o futuro nos reserva? Um vácuo na liderança? Uma liderança inadequada e imatura e um declínio inevitável do crescimento? Muito possivelmente. A menos que sigamos o exemplo escolhido por Jesus.

Como nos dias de Jesus, pode haver, no presente, diversas opções disponíveis, a forma como ensinamos e treinamos aqueles que virão a crer em Jesus, e aqueles que estão para assumir as responsabilidades no reino. Essas opções podem ser determinadas pela convenção, circunstâncias ou conveniência, mas qualquer que seja a nossa escolha, se esta não cumprir o objetivo de ensinar as pessoas, ela será inútil e mal orientada. E em seu melhor, tal escolha seria ignorância, e em seu pior, desobediência.

## **5. Aprendizado – a Meta**

'Era uma vez uma velha que vivia em um sapato; Ela tinha muitos filhos e não sabia o que fazer.' Esta velha cantiga infantil inglesa, de que me recordo quando era um garotinho, oferece uma imagem clara de uma mãe que está desesperada, tentando lidar com os problemas de uma grande família. Eu simpatizo com a pobre mulher – quem não o faria! Uma mãe perseguida e desesperada, tentando prover as necessidades de seus filhos, dando orientação aqui, exercitando disciplina ali, resolvendo diferenças, brigas e lágrimas; cozinhando, alimentando e lavando, e tudo isso acontecendo na mais inadequada das habitações.

Penso que um número de pastores e líderes de igrejas poderiam se identificar com os problemas daquela mulher. Vamos dar uma olhada de perto nos problemas dela e ver se existe alguma solução.

### **Melhores recursos**

Primeiro, vamos considerar a situação da habitação. A resposta seria para que ela se mudasse para um lugar mais adequado, talvez um sapato de número maior fosse a resposta. Ou que tal um par de sapatos ao invés de somente um? Certamente ajudaria, mas o fato é que tendemos a colocar uma ênfase maior nos recursos materiais do que nos recursos humanos ou recursos divinos.

Essa tendência de olhar para os recursos materiais, para encontrar uma solução, pode ser vista nos doze discípulos de Jesus. Confrontados por uma necessidade opressiva de alimentar cinco mil homens, eles foram enfrentados com o desafio de Jesus, não para mandar o povo para casa, mas para assumir a responsabilidade de alimentá-lo. (Marcos 6:34-44). Os discípulos imediatamente pensaram em termos de recursos materiais. 'aquilo custaria oito meses do salário de um homem! Devemos gastar tudo isso em pão e dar a eles de comer? '

Duvido que tivessem aquela quantia em dinheiro. Provavelmente estavam sofrendo do 'se ao menos', a mentalidade que nós com frequência adotamos: 'se ao menos tivéssemos mais dinheiro, ou melhores acomodações, ou mais recursos, então seríamos capazes de satisfazer suas necessidades.' Jesus não



se preocupava com aquilo que eles não tinham, mas com aquilo que eles tinham, e eles descobriram que quando confiavam o pouco que possuíam nas mãos de Jesus, era mais do que suficiente para satisfazer as necessidades. Considero um princípio importante e fundamental, que existam suficientes recursos presentes na igreja para satisfazer as demandas que Deus quer que cumpramos no momento devido.

Duas lições, uma sobre alimentar cinco mil homens, a outra sobre alimentar quatro mil homens, mais mulheres e crianças (Mateus 15:32-38), foram o suficiente para ensinar esses aprendizes, sobre onde seus recursos jaziam. Essas lições asseguraram que mais tarde, no dia de Pentecostes, quando enfrentassem um fluxo de três mil novos crentes, os discípulos não entrariam em pânico ou os mandariam embora, mas foram capacitados a 'alimentar Suas ovelhas'.

Podemos concluir então, que a resposta para o problema da mulher velha, não será encontrada em um novo sapato, por mais desejável que isto possa ser.

### **Controle de natalidade**

A resposta para o problema de superlotação, daquela mãe atribulada, seria o controle de natalidade? Não seria mais sensato reduzir o tamanho da família a um que a pobre mulher pudesse gerenciar com seus recursos?

Espero que a maioria de nós levante nossas mãos, em horror santo, em relação à mera sugestão de que as igrejas devessem limitar conscientemente seu crescimento de qualquer forma. Embora seja o que, na prática, fazemos.

As igrejas tendem a atingir um patamar em seu crescimento, dependendo da acomodação, ou daquilo que a liderança seja capaz de lidar. Quando uma nova igreja é inaugurada, os números crescem rapidamente, e permanecerão estáticos quando a igreja estiver lotada. Subconscientemente, alcançamos um patamar similar em nossa fé e expectativas para o crescimento da igreja. Em outros momentos, os números irão crescer até o limite com que a liderança possa lidar sem muita sobrecarga. Conscientemente, nada é dito ou determinado, mas subconscientemente, o nível é alcançado e o trabalho permanecerá estático.

Campbell McAlpine nos lembra sobre Deus falando à igreja: 'eu lhes darei tantas ovelhas quantas puderem cuidar.' Deus não está assustado com grandes números. De fato, Ele quer uma família muito grande – povos de todas as tribos, nações e línguas. Qualquer mentalidade, subconsciente ou qualquer outra coisa que limite o tamanho e extensão de Sua família, entristece o coração de Deus.

É um pouco tarde para falar com a velha sobre o que ela deveria fazer; ela já enfrentou o problema. Recordo-me de ter que enfrentar esta dificuldade em particular, em uma igreja onde estava trabalhando. Eu ouvia meus amigos, outros líderes, contando-me como eles não formavam um grupo doméstico até que tivessem um líder. Nosso problema era que já tínhamos centenas de pessoas e não podíamos dizer a elas para irem embora por três anos, até que tivéssemos treinado líderes. De alguma maneira, como fez Jesus, tivemos

que treinar e desenvolver a liderança, enquanto que ao mesmo tempo cuidávamos das necessidades de todos.

## **A necessidade de um pai**

Talvez o problema da mulher fosse a ausência de um marido, uma figura paterna, uma pessoa madura e forte que pudesse ser respeitada e fosse de confiança, e tivesse experiência e sabedoria para cuidar do sapato e de todos dentro dele.

Como no momento não há ninguém no sapato com tais habilidades, vamos olhar em volta e trazer um ou dois para falarem com a família, e se acharmos que alguém seja adequado, vamos importá-lo. Talvez possamos importar outros para ajudá-lo.

Este é o modelo que as igrejas adotaram ao longo dos anos, não posso negar que tenha fornecido uma resposta ao problema. Mas o maior inconveniente, em minha opinião, é que não exerce um grande papel em desenvolver a maturidade dos filhos. Certamente necessitamos pensar e trabalhar para desenvolver internamente líderes maduros, ao invés de continuamente depender da importação deles. Importar deveria, creio eu, ser visto como uma necessidade temporária, até que a liderança madura seja capaz de ser desenvolvida internamente, e seja assumida a responsabilidade diante de Deus.

Este certamente parece ser o princípio seguido pelo Apóstolo Paulo. É claramente ilustrado pela obra de Tito em Creta. Tito, do grupo apostólico de Paulo, foi deixado para trás em Creta para consolidar a obra e apontar anciãos, e depois foi novamente se juntar a Paulo. (Tito 1:5).

A indicação dos anciãos parecia ser um estágio significativo no desenvolvimento da nova igreja. Foi o ponto em que o governo da igreja local tornou-se de responsabilidade dos líderes locais, que foram responsáveis primeiro e principalmente para com Deus. (Atos 20:28-36)

É surpreendente descobrir como aqueles, que eram relativamente jovens na fé, recebiam tal responsabilidade. Parece que os anciãos eram apontados em Listra, Icônio e Antioquia Pisidiana, somente poucos meses após terem se tornado cristãos. Embora esses anciãos continuassem a precisar de ensinamento, direção e aprendizado, a responsabilidade por liderar a igreja estava agora firmemente com eles.

Tudo isto parece indicar que há muito mais potencial para a liderança e ministério dentro de nossas igrejas do que a maioria de nós está preparada para reconhecer, e a maneira de liberar este potencial deveria ser uma grande preocupação nossa.

Paulo urge aos romanos para não se superestimarem, mas para exercitarem julgamento sóbrio quando avaliassem dons e ministérios. O problema que compartilho com tantos cristãos na Grã-Bretanha atualmente, não é o de superestimar, mas de subestimar e subavaliar nosso potencial em Deus.

Certo dia, em janeiro de 1960, fui diante de Deus em lágrimas. Tinha a consciência dolorida a respeito de minhas próprias inadequações, e chorei diante de Deus, 'Por que eu?' Em resposta, Ele falou-me claramente através das Escrituras:

Porque, vede, irmãos, a vossa vocação, que não são muitos os sábios segundo a carne, nem muitos os poderosos, nem muitos os nobres que são chamados. Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes; E Deus escolheu as coisas vis deste mundo, e as desprezíveis, e as que não são, para aniquilar as que são; Para que nenhuma carne se glorie perante ele. (1 Coríntios 1:26-29)

Eu então desafiei Deus a provar a verdade daquela escritura, através de alguém como eu, e desde aquele dia qualquer sucesso que eu tenha experimentado vem de Deus demonstrando aquela verdade. Desde aquela época estou convencido que a chave para o futuro da igreja é a realização do potencial em Deus, que se encontra não tanto nos poucos sábios, mas na maioria daqueles que são considerados fracos e insignificantes.

Isso me leva à outra dificuldade que vejo na dependência dos 'importados' – que é a criação de uma elite. Existem líderes excepcionalmente talentosos na Igreja, eles são chamados de 'Superstars' por Howard Snyder em seu livro 'The Problem of Wine-skins', (O Problema dos Odres, em tradução livre). Mas simplesmente não há o suficiente deles circulando por aí, e aqueles que circulam (com poucas exceções), normalmente gravitam em torno das igrejas mais prestigiosas. Onde isso nos deixa, nós que nem remotamente poderíamos ser chamados de 'superstars'?

Muitos de nós somos deixados na posição do homem, citado em Lucas 19, cujo mestre deu uma porção de dinheiro para que negociasse. Ao contrário de seus colegas, ele enterrou o dinheiro, e quando seu mestre retornou, ele foi repreendido e castigado (Lucas 19:12-26). Ele enterrou o dinheiro porque tinha uma compreensão completamente equivocada de seu mestre. Mas talvez ele também sentisse que não era tão talentoso quanto seus colegas que tinham recebido muito mais e, portanto não havia muita razão para tentar fazer alguma coisa.

Deus falou comigo certo dia a respeito dessa parábola, dizendo, 'o homem poderia ter também enterrado o dinheiro que recebeu, porque não tinha noção de seu valor e não percebeu que poderia obter lucro. Ele não acreditou realmente que isso pudesse funcionar no mercado.' Minha resposta foi, 'Sim, Senhor, parece até que esse homem sou eu'. Senti o Senhor responder, 'Não ouse crer que aquilo que lhe dei não tenha valor. Não o enterre, ponha-o para trabalhar.'

Porém, este problema não é somente meu. Temos uma riqueza de talentos, experiência e dons potenciais enterrados em nossas igrejas, e por isso não cremos que aquilo que temos seja valioso o suficiente para trabalhar, somos tentados a por outros para fazê-lo.

Para aqueles que, como eu, são seguidores entusiastas de futebol, uma tendência similar pode ser vista no mundo do futebol. Ali os grandes nomes

são atraídos pelos clubes ricos e bem-sucedidos, resultando então que esses clubes atraíam ainda mais e mais jogadores de futebol talentosos, assim o rico fica mais rico e o pobre fica mais pobre. Enquanto isso os clubes menores nas divisões mais baixas, continuam batalhando com recursos limitados. O que eles fazem? Lançar um olhar invejoso na elite não garantirá sua sobrevivência mais do que a sobrevivência das igrejas em dificuldades, que lançam um olhar invejoso nos talentos e riqueza de suas irmãs maiores.

O que podemos fazer em uma situação similar em nossas igrejas? Jesus disse, 'porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz.' (Lucas 16:8). Isto é certamente verdadeiro em relação àqueles que são bem-sucedidos nos clubes de futebol menos prestigiosos. Eles são bem-sucedidos por desenvolverem seu talento natural, e por persuadir aqueles com talento de que existe um futuro real para eles bem ali.

### **Muitos filhos**

Certamente a dificuldade real desta pobre mãe é que todos os que estão no sapato, exceto ela mesma, são imaturos. Agora, se alguns – ou ainda melhor – se todos fossem adultos maduros, capazes de assumir a responsabilidade por suas próprias vidas, seguros em seus relacionamentos, e capazes de contribuir ao invés de constantemente exigir atenção, a velha senhora seria capaz de pensar até em aumentar sua família.

### **As metas do Apóstolo Paulo para os cristãos são bastante claras**

A quem anunciamos (Cristo), admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; E para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente. (Colossenses 1:28-29).

O objetivo de Deus para os crentes é a maturidade, e a provisão que Ele fez, de dons e ministérios, serve para essa finalidade. Os dons e ministérios servem para preparar e reparar (com o significado literal de remendar as redes) o povo de Deus para as obras do serviço, para que o corpo possa ser construído e a meta da maturidade ser alcançada (Efésios 4:11-16). Assim como é responsabilidade dos pais prepararem e conduzirem seus filhos à maturidade, também é responsabilidade dos líderes cristãos discipularem os crentes em direção à maturidade.

O tipo de aprendizado que Jesus assumiu, produziu pessoas maduras, apóstolos que puderam ser o alicerce da igreja que Ele estava construindo. Há, hoje em dia, muito ensino sobre discipulado, boa parte é boa e benéfica. Entretanto, o discipulado que não tem a maturidade em Cristo como seu objetivo e resultado, é uma mera caricatura daquilo demonstrado por Jesus e pelo apóstolo Paulo.

### **Como medimos a maturidade?**

Filo, o filósofo grego, dividiu seus discípulos em três categorias: os principiantes; os em progresso; e aqueles começando a alcançar a maturidade. É difícil medir o crescimento. Com frequência passa despercebido, porque é um processo vagaroso, ou porque não temos medida

através da qual possamos registrá-lo. Um visitante poderia dizer, 'Como seu filho cresceu desde a última vez em que o vi!' O pai pode não ter notado particularmente, a menos que houvesse algumas indicações definitivas de que tenha havido crescimento. Talvez sapatos maiores fossem comprados ou calças fossem ajustadas na altura. Talvez os pais tivessem as alturas de seus filhos marcadas em uma parede, com a data da medição marcada. 'Ele está grande para a sua idade, não está? Como podemos saber a menos que tenhamos alguma indicação de uma altura-padrão?

Torna-se muito mais difícil quando começamos a falar não somente de estatura física, mas da maturidade, e especialmente da maturidade espiritual. Como medimos a maturidade, e em comparação a que ou quem? É difícil. Até um inglês franzino de baixa estatura pareceria grande em uma tribo de pigmeus, e suspeito que aquilo que muitas vezes se faz passar por maturidade em nossas igrejas, tem sido avaliado dessa forma.

O autor da carta aos Hebreus fala de sair dos ensinamentos elementares sobre Cristo e prosseguir rumo à maturidade. Ele descreve o que considera ser o ABC básico do entendimento cristão – o arrependimento, a fé em Deus, instruções sobre batismos, imposição de mãos, a ressurreição dos mortos, e o juízo. (Hebreus 6:1-2)

Suspeito que, atualmente, se descobríssemos que as pessoas em nossas igrejas tivessem um entendimento básico dessas doutrinas, olharíamos para elas como muito maduras, ao invés de pessoas que estão acabando de sair da infância.

Qual é, então, a medida de nossa maturidade espiritual? É a 'medida da estatura completa de Cristo,' (Efésios 4:13). Como medimos essa maturidade? É difícil tentar medir o crescimento de uma pessoa de onde se encontra, até onde deveria estar. A medida da estatura completa de Cristo é aquela que devemos manter à nossa frente, mas às vezes ela parece estar tão distante, que torna imperceptível qualquer crescimento ocorrido.

Acho que é uma indicação muito mais precisa de crescimento, medir de onde uma pessoa estava até onde ela se encontra no momento. Analise a igreja de Corinto. Se olharmos onde eles estavam, comparados com onde eles tinham que chegar, nós quase que certamente nos perguntaríamos se de fato teria ocorrido algum crescimento. Mas se olharmos na situação da qual eles vieram, veríamos uma imagem mais encorajadora. Eles ainda tinham um longo caminho a seguir, mas a posição da qual eles se moveram é que demonstrou o quanto eles tinham crescido.

Existem muitas pessoas em nossa sociedade atualmente, que estão partindo de um ponto muito mais atrasado do que as pessoas de minha geração. Embora eu não acreditasse em Deus antes de minha conversão, pelo menos eu não cria em um Deus cristão, e meus valores eram basicamente cristãos. Isto não ocorre com a maioria das pessoas atualmente na Grã-Bretanha. Muitos que estão se tornando cristãos, o fazem de uma posição semelhante àquela dos cristãos primitivos em Corinto.

Como definimos maturidade? Para mim, maturidade e responsabilidade são muito parecidas. Ser maduro é ser responsável por minha própria vida, por

quem eu sou em relação a Deus; pelas decisões e escolhas de minha vida; pelos meus pensamentos, ações, sentimentos e relacionamentos. Na medida em que uma pessoa assume tais responsabilidades demonstrará o seu grau de maturidade.

A partir desta definição podemos ver que algumas formas de discipulado nunca produzem maturidade nos crentes, porque não os incentivam a serem verdadeira e completamente responsáveis.

Mas quando tudo já foi dito, por que os líderes cristãos ainda acham difícil produzir maturidade nos outros?

### **Maturidade - uma ameaça?**

Queremos realmente ver as pessoas crescerem na maturidade em Cristo? Infelizmente, o crescimento rumo à maturidade não é sempre bem aceito pelos líderes. Às vezes é considerado como uma ameaça, especialmente se o líder estiver lutando com inseguranças em sua própria vida. Algumas igrejas são como lares cristãos que visitei. Elas são bem ordenadas, com filhos acomodados, mas submissos. Não são permitidos os questionamentos envolvendo convicções, valores e práticas adotadas. Tal comportamento é visto como de insubmissão àqueles em autoridade, ou de não honrar o próprio pai ou mãe. Consequentemente, as dúvidas são reprimidas sob sentimentos de culpa por 'rebeldia', o *status quo* é mantido – mas também o é a imaturidade do crente. Estou convencido que existe uma relação direta entre o apelo constante por submissão à autoridade do líder, sua própria insegurança e a imaturidade daqueles que ele lidera.

### **Líderes superprotetores**

A responsabilidade da liderança ou da paternidade é com frequência difícil para os cristãos. Estamos genuinamente preocupados com o bem-estar daqueles que cremos Deus nos ter dado, mas ao mesmo tempo, somos conscientes dos perigos espreitando os imprudentes ou os inocentes. Os líderes cristãos, em sua maioria, levam a sério sua responsabilidade de guardar o rebanho de Deus (Atos 20:28). Mas todos, assim como os pais, muito facilmente se tornam superprotetores e super-restritivos para com aqueles que cuidam. Ficamos tão preocupados que nossos filhos tomem decisões e escolhas corretas, que acabamos tomando as decisões por eles – certamente para o próprio bem deles. Por mais louvável que isso possa ser, poderá resultar na incapacidade dos filhos tomarem decisões responsáveis por eles mesmos, quando estiverem crescidos.

Certa vez, um ancião me falou sobre a 'responsabilidade pesada' de ter que tomar as decisões, por aqueles sob seus cuidados. Eu lhe respondi perguntando se aquilo era exatamente o que um ancião deveria fazer.

Como regra, eu não estimulo as pessoas a virem até mim para tomarem decisões. Não que eu não me importe com suas escolhas, mas é que eu quero ajudá-las a aprender como fazer as escolhas da maneira correta. Quero ajudar as pessoas a ouvirem a Deus por elas mesmas, e minha parte no processo é ajudá-las a esclarecer questões e os dados corretos, para que não tenham que voltar até mim constantemente buscando respostas.

Recordo-me uma vez, quando meu filho Stephen veio até mim com um trabalho escolar. Nem sempre eu podia fornecer a resposta, mas essa lição era de Educação Religiosa, então pelo menos se supunha que eu soubesse a resposta. Como de fato sabia, mas simplesmente não a forneci a Stephen. Ao contrário, ajudei mostrando-lhe os diferentes pontos de vista, mostrei-lhe onde poderia buscar mais informações e deixei que chegasse à sua própria conclusão. Foi bastante interessante, quando seu professor o elogiou pelo seu trabalho e perguntou sobre quem o havia ajudado, ao que ele respondeu triunfantemente que ninguém o fizera. Ele genuinamente sentiu que foi o responsável pela conclusão a que chegara, e com certeza, em grande parte o foi. Eu simplesmente exerci meu papel como um professor/discipulador, conduzindo-o para completar sua maturidade.

### **Ansiedade e medo**

As próprias ansiedades e medos de um líder, com frequência, impedem outros de atingirem a maturidade. Quantos de nós, pais, tiveram que batalhar com nossos medos e ansiedades enquanto observávamos nossos filhos entrarem na adolescência? Como eles se comportavam, o que vestiam e em que reuniões e clubes participavam, eram áreas que antes estavam sob nosso controle. Os valores que eles aceitaram eram nossa responsabilidade formar, embora gentil e persuasivamente. Quando lhes mandávamos sentar, eles sentavam – mesmo que fizessem como meu cão, que se senta ao meu comando, mas que por dentro ainda continua em pé.

Mas quando nossos filhos entram na adolescência, eles questionam e se rebelam; se quiserem ficam em pé, eles ficam – a menos que possam demonstrar que é de seu interesse ficar sentados. O nosso controle sobre suas vidas que estão amadurecendo lentamente, inevitavelmente nos escapa. Aquilo que fora antes nossa responsabilidade gradualmente se torna deles, embora em princípio, eles não sejam capazes de ser totalmente responsáveis. O que fazemos? Se você for como eu, vai aguentar firme, fechar os olhos, confiar em Deus e vai soltá-los. Mas se deixarmos que o medo, as ansiedades e inseguranças predominem, nós nos tornaremos superprotetores em relação aos nossos filhos, mantendo-os na infância, na 'segurança' de nosso controle. Mas ao fazermos isso, restringiremos seu crescimento.

Se quisermos que as pessoas amadureçam em Cristo, devemos reconhecer a adolescência como um período positivo e necessário de transição em seu desenvolvimento. Como líderes, devemos lidar com nossas próprias inseguranças, medos e ansiedades para que possamos liberar outros a assumirem as responsabilidades por suas próprias vidas, criando assim oportunidades para o seu amadurecimento. Tenho descoberto através da liderança cristã, assim como através de meus próprios filhos, que a maioria das pessoas é capaz de assumir a responsabilidade mais cedo do que estou preparado para concedê-la.

### **O enfaixamento de pés chinês**

Provavelmente você esteja familiarizado com esse costume chinês antigo. Os pés de garotinhas chinesas eram firmemente enfaixados desde seu

nascimento, porque as moças com pés muito pequenos eram consideradas atraentes. A restrição severa do crescimento, as deformidades e a incapacidade de andar eram o alto preço pago para produzir algo que era culturalmente atraente. Infelizmente nós temos feito o mesmo em nossas igrejas. Com frequência temos sido culpados de santificar nossa cultura, tornando teológicas, questões que são basicamente culturais. Temos feito isto em matéria de música, de roupas, do comportamento em nosso trabalho e da maneira como ensinamos e treinamos.

As atitudes em relação à dança na adoração ilustram esta questão. A maioria das objeções ao uso da dança na adoração, provém de nossa cultura, que foi grandemente influenciada pela filosofia grega. A filosofia considerava as coisas do corpo como sendo más e somente as coisas do espírito como sendo boas. As coisas do corpo – comida, sexo, dinheiro, dança, etc. – eram rotuladas de 'seculares' e consideradas fora do alcance da santificação. Que grande diferença da filosofia judaica, que considera a totalidade da vida como digna de santificação por Deus. Podemos comer, dançar, trabalhar, dar, gastar e fazer amor como marido e mulher – tudo para a glória de Deus.

Eu ainda diria que suspeito que muito daquilo que tenho observado como dança em nossas igrejas nos anos recentes, deve muito à nossa cultura assim como ao espírito. A cultura da dança de discoteca de nossa era tem encontrado expressão em nossa adoração, e tenho visto como isso pode ser feito naturalmente, sem ofensa.

Para a maior parte, Deus é atento à nossa cultura e trabalha dentro dela. O problema vem quando a igreja falha em distinguir entre o que é cultural e transitório e o que é teológico e imutável. A igreja então se torna uma 'atadura cultural', e o resultado é tão restritivo quando o enfaixamento de pés chinês. A igreja pode ser culturalmente aceita, mas na realidade não passa de uma deformidade ao invés do modelo original de Deus. Se quisermos ver crescimento verdadeiro na vida das pessoas, deverá haver um afrouxamento na terra assim como no céu.

A maturidade em Cristo é alta no programa de Deus. Ele não está simplesmente querendo povoar o reino com bebês em Cristo, e nem certamente com aqueles que ainda são bebês, quando na verdade já deveriam ter crescido.

Não há nada de errado com ser um bebê – todos nós começamos assim, tanto física quanto espiritualmente. O que é trágico é quando um bebê não amadurece. Como é triste ver uma pessoa com um corpo de adulto, mas que ainda tem a mente e as emoções de uma criança. Deve entristecer a Deus ainda mais, ver cristãos antigos que ainda são crianças em seu entendimento e seus relacionamentos, e muito oscilantes sobre seus pés, quando na verdade deveriam estar andando e correndo.

Temos visto que o crescimento é um processo natural que deve ser fomentado ou pode ser dificultado. Vamos considerar isto com maior profundidade.

## **O ambiente certo**



Ninguém crescerá a menos que esteja em um ambiente que favoreça o crescimento. Adão foi colocado em um jardim. Ali, ele se sentiu valioso e significativo, e desfrutou da aprovação de Deus. Além disso, foi-lhe dada uma tarefa na qual encontraria satisfação, dentro dos limites em que se sentisse seguro, e em relacionamentos nos quais poderia experimentar amor e afeição. Todas essas coisas formavam o ambiente perfeito no qual o homem poderia crescer e encontrar sua verdadeira maturidade. Quando Adão e Eva pecaram, abriram o caminho para a ruína daquele ambiente. Todos os sinais de insegurança que o homem veio a conhecer tão bem, começaram a se mostrar – vergonha, o acobertamento, escondendo-se por causa do medo e culpando a todos, exceto a si mesmo. Tudo deu horrivelmente errado para Adão e Eva. Ao invés de alcançarem sua estatura completa, murcharam para uma caricatura de seus verdadeiros egos. Desde aquele tempo homens e mulheres têm vivido naquela caricatura e têm buscado um jardim onde possam crescer.

Precisamos de um lugar onde nos sintamos significantes, onde somos valiosos e, acima de tudo, onde possamos sentir a aprovação de Deus em nossas vidas. Se falharmos em encontrar tal lugar, então tentaremos encontrar aquele valor e aprovação nas tarefas que fizermos, nos limites que impusermos (uma forma de legalismo), ou em relacionamentos nos quais nos agarraremos como sanguessugas.

Bem-aventurados os que conhecem o valor e a aprovação de Deus em suas vidas, porque não conhecerão o medo.

Bem-aventurados os que estiverem realizando as tarefas que Deus lhes tem dado, porque encontrarão satisfação.

Bem-aventurados os que vivem contentes dentro dos limites de Deus, porque não experimentarão a frustração.

Bem-aventurados os que são aceitos, amados e perdoados por seus irmãos e irmãs em Cristo, mesmo quando o são pelo próprio Cristo, porque conhecerão a segurança.

Bem-aventurados são esses, porque encontraram um jardim onde possam crescer.

### **Nós desejamos o crescimento?**

Embora possamos viver em um ambiente onde o crescimento possa ocorrer, nós ainda temos que decidir crescer. 'Que quereis que vos faça?' Essa pergunta foi feita por Jesus a dois cegos que clamaram a Ele (Mateus 20:29-34), certamente suas necessidades eram óbvias.

Jesus não tinha consciência da condição deles? Com certeza Ele tinha, mas eles ainda precisavam assumir alguma responsabilidade por suas curas ao declarar com suas vozes, o desejo de seus corações.

'Por que você veio me ver?' Perguntei a um jovem. 'Porque meu ancião disse que eu precisava receber seu conselho,' ele respondeu. Eu lhe disse para voltar quando pudesse me dizer o que ele sentia que precisava.

Você quer realmente crescer? Obteremos pouco progresso até que tomemos uma clara decisão de crescer, e atuemos com determinação. Isto significa que temos que assumir a responsabilidade por nosso próprio crescimento. Algum tempo atrás eu estava distintamente sentindo tristeza sobre várias questões em minha igreja. Eu tinha delegado liderança para um de meus aprendizes, fui liberado para realizar uma obra fora da comunidade e era apoiado financeiramente em minha nova aventura. Porém, havia certas coisas na igreja que sentia estarem sendo feitas e outras coisas que não deviam ser feitas. Fiquei mais e mais triste. Seria melhor largar tudo completamente?

Eu estava ciente, porém que as questões raramente – ou nunca – são o problema. Elas são os ganchos onde nós penduramos nossos problemas. Então tive vontade de descobrir de Deus, qual seria exatamente o meu problema. Ele me mostrou que eu não me sentia mais querido. Ao identificar meu problema e assumir a responsabilidade por ele, logo me tornei capaz de lidar com ele. Essa questão que tinha me aborrecido já não era mais um problema.

Em nossa determinação de crescer, deveremos entender que não haverá crescimento real sem dor: 'a tribulação produz a paciência, e a paciência a experiência, e a experiência a esperança.' (Romanos 5:3-4). Vivemos em uma sociedade comprometida em tirar a dor de nossa vida, ainda que, na verdade, crescer para a maturidade em Cristo seja uma experiência dolorosa. Nós buscamos nos anestésiar contra todas as dores, do nascimento à morte. Nós mesmos idealizamos um Deus que existe para tornar a vida confortável, fácil e indolor. O resultado é imaturidade e relacionamentos superficiais entre nós e Deus, e também em nossos relacionamentos interpessoais.

Se quisermos que o crescimento ocorra, então devemos assimilar a determinação a crescer e também nos assegurarmos de que os obstáculos ao crescimento sejam removidos.

## **Obstáculos ao crescimento**

Em minha experiência de ajudar as pessoas em seu crescimento em Deus, deparei-me com as seguintes áreas de obstáculos.

### **O Pecado**

Suponho que este seja o mais óbvio obstáculo ao crescimento. O pecado não perdoado e não resolvido atua como um torniquete na artéria vivificante, ele estanca o fluxo do Espírito e leva à desnutrição e ao definhamento do crescimento. Basta uma olhada superficial na cruz para mostrar que o pecado não pode ser descartado, ignorado ou dispensado – ele tem que ser resolvido.

Resolver os pecados envolve arrependimento, que é uma questão diferente do remorso. As pessoas sempre se confundem entre os dois. O remorso é uma questão de consciência, envolvendo sentimentos de tristeza às vezes expressos com lágrimas. O rei Saul estava cheio de remorso sobre seu

comportamento para com Davi. (1 Samuel 24:16-21; 26:21-25), mas ele não estava arrependido porque não mudou de idéia.

2 Coríntios 7:8-12 nos mostra a diferença que existe entre o remorso mundano e o arrependimento divino. A mente arrependida se refletia nas atitudes que os coríntios demonstravam: entusiasmo para colocar as coisas corretamente, indignação, alarme, e uma preocupação séria em ver a retidão e a justiça sendo feitas. As pessoas que aprendem a considerar seriamente o pecado são pessoas que irão crescer.

Recordo-me de um homem em uma reunião em que eu estava falando. Ele gritou, 'Aleluia,' e, 'Deus seja louvado,' várias vezes durante minha mensagem. Normalmente eu acho isto útil, mas nessa ocasião havia algo estranho, depois que acabei, fui procurá-lo. Ele me contou que tinha feito aquilo para 'voltar a ficar no Espírito'. Quando eu lhe perguntei sobre o que o tinha tirado do Espírito em primeiro lugar, ele me contou sobre seu pecado. Eu esclareci que nenhuma quantidade de 'Aleluia' e 'Deus seja louvado' iria lidar com o seu pecado não resolvido e então lhe mostrei 1 João 1:9. Mesmo assim ele parecia não entender, porque começou a apelar para Deus pelo perdão. Como regra, eu não gosto de interromper as pessoas quando estão falando com o Pai, mas naquele caso, senti que deveria fazê-lo. Eu disse que ele não tinha que implorar a Deus pelo perdão, porque Deus já tinha prometido fazê-lo quando confessássemos nosso pecado.

### **Perdoar os outros**

Eu costumava pensar que o perdão de Deus era como o Seu amor – incondicional, mas mudei gradualmente de ideia quando deparei com escrituras como as de Mateus 6:14-15. Nelas Jesus contou uma história poderosa para ensinar a necessidade de perdoar os outros. Havia um rei que tinha cancelado as dívidas de um servo que lhe devia uma grande quantidade de dinheiro. Mas quando esse servo recusou cancelar a dívida de um companheiro de trabalho, que lhe devia somente um pouco, o rei o lançou na prisão. Uma mensagem clara procede dessa parábola – nosso Pai celestial nos tratará como o rei tratou seu servo severo, a menos que perdoemos nossos irmãos e irmãs de coração. (Mateus 23:25).

Nós, que somos tão generosamente perdoados, somos tão rápidos em julgar os outros. Ou suspendemos a pena sobre eles: 'vou virar a outra face desta vez, mas cuidado, eu somente tenho duas faces!' ou então nós os trancamos em nossa prisão de julgamento, e normalmente jogamos a chave fora. E ali eles permanecem, sem muita esperança de redenção. Mas em Sua parábola Jesus mostra que não é somente o ofensor que fica preso, mas também o ofendido. A experiência de liberar e a alegria de ser perdoado se perdem quando falhamos em perdoar os outros.

É mais que provável que as pessoas fiquem prejudicadas em seu crescimento espiritual, porque estão retendo o perdão para com as outras. Elas precisam liberar o ressentimento oculto, assim ao liberar a ofensora, tanto a parte ofendida quanto a ofensora poderão caminhar livres.

### **Restaurar os anos**

Marcos 3:1-5 reconta sobre Jesus curando um homem com uma das mãos mirradas. Eu sempre desejei saber o que causou a deformidade na mão daquele homem. Teria ele literalmente brincando com fogo? Teria tocado coisas que deveria ter evitado? Talvez ele apenas tivesse nascido assim. Nós nunca saberemos a causa, mas o resultado, não tenha dúvida: sua mão era mirrada ao invés de ser inteira e saudável.

Sem dúvidas que ao longo dos anos, o homem tinha aprendido a viver com sua lesão, ajustando seu modo de fazer as coisas para dar conta delas, tendo somente uma única mão funcional. Eu me tornei somente muito consciente, em minha própria vida e nas vidas daqueles que tenho procurado ajudar nesses anos, do quanto tentamos nos ajustar a viver com feridas emocionais. A rejeição de nossos pais, a perda de um ente querido, uma experiência traumática assustadora, as mentiras que temos crido sobre nosso autovalor, a falta de amor... A lista parece não ter fim. Mas os elementos dentro dela compartilham uma característica comum – elas infligem mágoas em nossas vidas que podem afetar nosso crescimento em plenitude e em maturidade.

Aprendemos a viver com essas coisas. É mais ou menos como ter uma pedra dentro de nosso sapato e nos tornamos hábeis em acomodá-la com o pé e assim ela não machuca muito. Esquecemo-nos dela até que ela volte a exercer uma pressão extra, então de repente sentimos o irromper da dor.

A coisa maravilhosa que descobri nos últimos dez anos é que Deus quer que tiremos a pedra do sapato. Isso pode parecer óbvio para você, mas não era para mim. Eu tentava ajudar as pessoas com suas feridas, tentando ajustá-las às suas lesões. Entretanto eu percebi que muitas delas tinham sido feridas no passado, às vezes na infância, nós estávamos no presente. Era como se estivéssemos presos no tempo. Foi somente quando ganhei um entendimento mais fundamental da verdade de que Deus não está preso ao tempo, mas Ele é o 'Eu sou' de ontem e de amanhã, que entendi que Ele pode lidar com as nossas feridas do passado como se elas tivessem acontecido hoje.

O primeiro homem que veio me ver, depois que cheguei a este entendimento, estava desesperado com remorso. Ele tinha sido incomodado por muitos anos com um problema sexual que chegou a levá-lo aos tribunais, e via o suicídio como único escape. Quando oramos juntos, Deus me revelou que ele tinha sido sexualmente abusado na infância por seu vizinho. Eu levei a cura e a liberação no nome de Jesus para aquela criança e ele foi liberto. Muitas semanas depois, ele me contou que não tinha passado um único dia em dezessete anos, em que não tivesse sofrido com a tentação, mas agora ele estava totalmente livre dela. Eu tenho visto muitas outras pessoas feridas maravilhosamente curadas, embora nem todas tenham sido tão severamente machucadas quanto aquele homem. Suas vidas conheceram o cumprimento da maravilhosa promessa de Deus: 'e restituir-vos-ei os anos que comeu o gafanhoto,' (Joel 2:25)

## **O inimigo do crescimento**

Satanás é rápido para ganhar uma posição em nossas vidas, para nos atar e limitar, especialmente se nós, ou membros de nossa família, temos perambulado no território dele e temos nos envolvido no oculto. A ignorância

não nos protege e a neutralidade não é reconhecida por Satanás. Perambular insensatamente por seus domínios é correr o risco de ser atacado e enredado. Muito frequentemente encontro bloqueios nas vidas de pessoas, que não se movem através dos meios normais de aconselhamento. Então começo a explorar qualquer possível envolvimento com o oculto, seja por responsabilidade pessoal, seja na história da família.

Paulo escreve sobre a destruição das fortalezas pelo poder divino (2 Coríntios 10:3-6). Uma fortaleza é uma cidadela bem estabelecida e fortemente defendida, que guarda a entrada de um território em uma importante rota de comércio. Jericó controlava a entrada para Canaã. Megido controlava as rotas comerciais procedentes da Ásia, África e da Europa. Quem quer que controle a fortaleza tem a chave do território e o comércio pode passar através dele.

Não se pode ignorar ou passar de largo por uma fortaleza. Gaza, Gate, e Asdode eram fortalezas que foram ignoradas por Josué (Josué 11:22). Um exame de sua história mostra que isso foi um erro fatal. Gaza era a cidade da qual veio Dalila. (Juízes 16:1); Em Gade ficava a casa de Golias (1 Samuel 17:4); e Asdode era o local do Templo de Dagom, onde os filisteus capturaram a Arca da Aliança.

Não, nós não podemos nos dar ao luxo de deixar as fortalezas sob o controle de Satanás. Jesus disse, 'porque se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em mim' (João 14:30). Se quisermos ver pessoas crescerem, fortalezas devem ser demolidas.

## **6. Aprendizado – o Chamado**

Como tenho declarado antes, foi no meio do ministério de Jesus, que Ele chamou doze homens de um grande grupo, para segui-lo (Lucas 6:12-16). Esses homens foram chamados para serem treinados e equipados, para uma responsabilidade e ministério específicos. Vejo através disto que existe um chamado específico de Deus, assim como também um chamado geral de Deus.

O chamado geral é aquele que Deus faz através do evangelho. Pedro pregou em Pentecostes: 'Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para perdão dos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo; porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe, a tantos quantos Deus nosso Senhor chamar.' (Atos 2:38-39).

Paulo também escreve sobre o chamado de Deus através do evangelho, para ser compartilhado em nosso Senhor Jesus Cristo (2 Tessalonicenses 2:14). Também existem mais chamados específicos. Deus chama homens e mulheres para ficarem casados ou solteiros (1 Coríntios 7:17) Depois existe o chamado de Deus para um ministério e responsabilidade particular dentro da igreja, como no caso dos apóstolos. É triste que façamos muito e exerçamos tão pouco deste chamado.

## **Superestimando o chamado**

Temos superestimado o chamado de Deus, para um ministério e responsabilidades específicos ao limitá-lo à elite, que foi 'chamada' por Deus, para ministrar a Ele e uns aos outros. Temos consagrado essa ideia equivocada, ao estabelecer o clericalismo com suas roupas e títulos especiais, e pela forma como conduzimos nossos cultos e organizamos a estrutura de nossas igrejas.

Foi ao que João Stott se referiu em seu livro 'One People', (Um Povo – na tradução livre, editado pela Falcon Books) como o 'escândalo do clericalismo'. Ele escreve:

O que o clericalismo sempre faz, ao concentrar o poder e privilégios nas mãos do clero, é pelo menos obscurecer, e em seu pior, anular a unidade da pessoa de Deus. Formas extremas de clericalismo ousam reintroduzir a noção do privilégio na única comunidade humana da qual ele foi abolido. Onde Cristo fez um, a mente clerical faz novamente dois, o mais alto e o outro mais baixo, o ativo, o outro passivo, o que é realmente importante, porque é vital à vida da Igreja, e o outro não vital e, por conseguinte, menos importante. Eu não hesito em dizer que interpretar a Igreja em termos de privilégio, casta clerical, ou estrutura hierárquica, é destruir a doutrina do Novo Testamento da Igreja. (Página 21.)

Estas são palavras fortes que se fossem ouvidas, trariam a revolução para a vida da igreja, e a libertação dos ministros. Pode haver alguns de nós, em locais aparentemente menos clericais, que sentem que por não estarem operando dentro de formas familiares de clericalismo têm evitado seus problemas. Deveríamos olhar mais atentamente, porque para alguns muito frequentemente trata-se de um caso de 'mesma essência com roupagem distinta'

Outro perigo de superestimar o chamado é igualá-lo como 'qualificado'. Uma rápida olhada no chamado dos doze nos revela que não é assim. Eles estavam apenas no começo de seu treinamento. Havia ainda muito preparo a ser feito, lições a serem aprendidas, caracteres a serem formados e atitudes a serem mudadas. Mais tarde, onze dos doze se 'qualificariam' e estariam prontos para assumir a responsabilidade na igreja, mas eles não estavam prontos assim que foram chamados.

Como eu queria que este princípio tivesse sido compreendido nos primeiros dias do meu ministério. Eu tinha certeza de meu chamado, ainda que obviamente estivesse longe de ser qualificado e capaz. Parecia às vezes que eu estava esperando ser qualificado e capacitado porque fora chamado, e em outras vezes, meu chamado era posto em questão porque eu era inapto. Ambas as situações impingiram-me sofrimento real e me levaram a um auto-exame.

Devemos reconhecer a importância de um chamado distinto de Deus, na vida de uma pessoa, mas ao fazê-lo, percebemos que estamos lidando somente com um líder em potencial. Eu cometi o erro, e com certeza outros também, de indicar líderes potenciais para a liderança real, resultando em frustrações e desapontamento quando o potencial não se concretizou. Eu também aprendi a lição de que é muito mais difícil voltar atrás na indicação de uma pessoa do que de indicá-la.

'A ninguém imponhas precipitadamente as mãos,' é singularmente um bom conselho a esse respeito (1 Timóteo 5:22). Creio que é correto dar total reconhecimento ao chamado de Deus na vida de uma pessoa, e ao mesmo tempo levá-la ao aprendizado para que desenvolva e concretize seu potencial, e evite o perigo de igualar o ser chamado com o estar qualificado.

Finalmente, não vamos isolar o chamado daquele que foi chamado. É tão fácil se concentrar no ministério e negligenciar aquele que está ministrando. Muitas pessoas podem reconhecer e aplaudir o dom e a performance de um músico excepcional. Ele mesmo se concentra em desenvolver seu dom e pratica até a perfeição, mas seu dom pode se tornar mais desenvolvido do que seu próprio caráter. As pessoas respondem aos seus dons e têm uma grande admiração por ele, mas falham em reconhecer as necessidades da pessoa por detrás do dom. Eventualmente ele somente encontra seu valor em seu dom, e os outros o avaliam pela mesma razão. Tristemente para ele, e para nós, quando seu dom declina também declina o seu valor aos olhos dos outros e dele próprio.

Similarmente na igreja, nós nos relacionamos e avaliamos as pessoas primeiramente por seus dons e ministério. Tenho com frequência visto igrejas que se relacionam com seu ministro somente em um nível funcional, avaliando-o pelo que ele provê. É muito parecido com a forma com que nos relacionamos com o leiteiro – enquanto estiver entregando os laticínios e não nos acordar muito cedo, estaremos satisfeitos, mas se falhar em fornecer o creme de que estamos precisando nós o trocaremos por outro. A ideia de que ele possa estar sofrendo de alguma forma com necessidades pessoais realmente não nos ocorre. Não, nós esperamos que os laticínios sejam entregues – afinal de contas, é por isto que estamos pagando.

Recordo-me de um pastor falando-me certa vez sobre sua 'face pública' e sua 'face privada'. Sua face pública era aquela de ministrar, semana após semana, às necessidades dos outros. Sua face privada era aquela de um pai entristecido em uma angústia de culpa e preocupação pela saúde mental de sua filha. Eu não sei se ele era incapaz de permitir que sua face privada viesse a público, ou se a igreja não o permitia. De qualquer forma, sua situação difícil destaca o perigo de separar o chamado de alguém que foi chamado.

Como estou aliviado por estar entre um povo que tem uma visão diferente. Tendo recebido da igreja, uma licença de três meses, voltei-me um pouco nervosamente aos meus colegas, que também são meus amigos, dizendo, 'Eu simplesmente não me sinto pronto para começar de novo.' A resposta imediata deles foi, 'tudo bem, vá com calma, nós nos viramos.' Eles têm visto, com frequência e muito claramente, que sou mais importante do que meu chamado. Não devemos superestimar o chamado para não negligenciar a pessoa.

### **Subestimando o chamado**

Entretanto devemos tomar cuidado para não ir ao outro extremo. Falhar em reconhecer o chamado de Deus para um ministro específico cria desordem e grande frustração. As pessoas na igreja não sabem quem é responsável e por

que, assim, nada é feito. Alternativamente, as pessoas se tornam muito sobrecarregadas e pressionadas, tentando concluir tarefas que Deus nunca pretendeu que assumissem.

O outro perigo que vejo em subestimar o chamado de Deus ao ministério é atribuir responsabilidades com base em qualificações.

Se nos perguntássemos qual era a base pela qual Jesus chamou seus doze apóstolos, seríamos pressionados a encontrar uma virtude particular comum a todos eles. Certamente não era a educação, o caráter ou experiências prévias. Verdade, eles eram devotados a Jesus e entusiasmados pelo Reino de Deus, mas sem dúvida, também o eram inúmeros outros que não foram chamados daquela maneira. Não, a resposta simples, como Marcos registra, é que Jesus "chamou para si os que Ele quis". Era puramente sua escolha soberana. (Marcos 3:13).

É verdade que o caráter seja essencial naquele que é chamado. De acordo com o que Paulo escreve a Timóteo em relação aos anciãos e diáconos, um homem deve ser capaz de cuidar de sua própria vida e da vida de sua família antes que seja capaz de se responsabilizar pelas da igreja (1 Timóteo 3:12-13). Porém, não vamos ignorar o fato de que aquelas qualidades do caráter são requeridas de todos os cristãos, não somente dos anciãos e dos diáconos. É dada mais prioridade ao caráter do que à habilidade na lista das doze qualidades para os anciãos que Paulo esboçou para Timóteo e Tito. De fato, a única habilidade mencionada é a do ensino. Todas as outras exigências dizem respeito ao caráter.

Alguns podem estar em uma situação similar à de uma igreja, com cujo líder eu conversei. Eles tinham homens que eram qualificados em caráter e em habilidades para serem anciãos, mas o problema era reconhecer quais dentre eles tinham sido chamados por Deus.

Para mim, reconhecer o chamado de Deus é extremamente importante. Como Diretor da Juventude Britânica para Cristo, tive que entrevistar jovens que queriam se juntar ao trabalho. Eu dizia a eles, "Quero estabelecer uma coisa, que é se você tem ou não tem o chamado de Deus. Não me importo se você não pode ler ou escrever, estas são coisas que posso lhe ensinar, mas não posso lhe ensinar a ser chamado por Deus. Por que eu considerava o chamado tão importante? Eu sabia que se aqueles jovens fossem chamados, Deus iria também equipá-los. Eu sabia também, que eles eram suscetíveis de se empenhar em cumprir o chamado de Deus em suas vidas.

Houve vezes, em meu ministério, quando parecia que não tinha como seguir adiante. Circunstâncias se levantavam contra mim e até cristãos que eu pensava que entenderiam igualmente me desencorajavam. Nesses momentos, me agarrava a duas certezas – a crença em Deus e em Seu chamado para minha vida.

Como podemos reconhecer quando Deus está chamando alguém ao aprendizado para a liderança e ministério? Eu gostaria de saber. Eu gostaria que houvesse algum modo infalível, ou uma lista que garantisse contra os erros. Assim, muita dor de cabeça e sofrimento poderia ser evitada. Paulo e Barnabé podiam não concordar sobre Marcos. Paulo estava certo em escolher



Timóteo, mas Dimas foi um grande desapontamento para ele. Vamos enfrentar o fato de que vamos cometer erros. Certamente que tenho cometido. Entretanto creio que posso aprender de minha experiência e fazer minha própria lista.

Não devemos nunca perder de vista o fato, de que o campo a ser ceifado pertence ao Senhor e é Sua prerrogativa escolher os trabalhadores para o campo. Jesus nos diz: "Rogai, pois, ao Senhor da seara, que mande ceifeiros para a sua seara." (Mateus 9:38), e Ele nos dá o exemplo ao passar toda a noite em oração, buscando a vontade de Seu Pai antes de escolher os doze apóstolos. Eu tenho tentando obedecer a sua ordem e sigo Seu exemplo em todo o meu ministério. Quando eu precisava de obreiros, pedia a Deus por eles, e Ele os tem suprido. O mundo cristão tem sua própria reserva de conselheiros, consultores, administradores e capatazes, mas, ai de mim, não de muitos trabalhadores. Tenho advertido que quando Deus envia alguém ao campo a ser ceifado, Esta pessoa está realmente preparada para o trabalho.

### **Conheça seu aprendiz**

Uma das dificuldades de importar um líder de fora da comunidade, especialmente onde existe pouco ou nenhum relacionamento estabelecido, é que sua compreensão daquela pessoa será limitada. É muito mais fácil reconhecer o chamado de Deus na vida de uma pessoa, e ter alguma consciência de seu caráter, quando você tem estado em um relacionamento bastante próximo a ela por um período de tempo. Você então será capaz de avaliar se existe uma base real para o chamado, ao invés de ser uma moda passageira ou busca por status e valor.

### **Fiéis e capazes**

Paulo manda Timóteo escolher aqueles que fossem tanto fiéis como capazes (2 Timóteo 2:2). Existem homens na igreja que são extremamente fiéis, mas não são capazes, e outros que são capazes, mas não fiéis. Paulo estava atento a homens que fossem fiéis em sua caminhada com Deus, e que fossem confiáveis e leais em seu serviço a Deus. Eles não O serviriam somente porque haveria pessoas observando, admirando e aplaudindo, mas simplesmente porque eles eram fiéis.

Creio que Paulo também incluiu lealdade para com os outros dentro da categoria de fidelidade. Um homem que não seja leal aos outros, não será leal a Deus. As qualidades de caráter não têm dentro de si mesmas, compartimentos separados, algumas das quais se aplicam ao nosso próprio relacionamento com Deus e diferem daquelas que se aplicam a irmãos e irmãs em Cristo. Nos dias atuais, a lealdade não é uma qualidade que seja particularmente admirada ou observada. A infidelidade no casamento tem alcançado proporções tão epidêmicas que aqueles que se mantêm fiéis aos seus parceiros, parecem ser uma raridade.

Em um mundo onde a lealdade parece sem valor, e no máximo muito frágil (seja na amizade, na família ou no trabalho), talvez não surpreenda que ela pareça ser um fruto um tanto murcho em nossa igreja. Isto é muito triste.

O tipo de lealdade que Paulo tinha em mente é demonstrado por Sem e Jafé, filhos de Noé. Noé se embriagou e tolamente se despiu sobre sua cama. Cão saiu e comentou o fato, então Sem e Jafé foram cobrir a nudez de seu pai desviando seus olhos. (Gênesis 9: 20-23). A lealdade deles para com o pai não iria permitir que tirassem vantagem de sua fraqueza e insensatez.

A verdadeira lealdade não cobre a injustiça em prol da paz e da tranquilidade. Fazer isso seria deslealdade para com Deus e seria inútil à pessoa cometendo erros. A lealdade verdadeira foi demonstrada por Davi ao Rei Saul.

Enquanto que Saul estava maliciosamente perseguindo a Davi, pretendendo matá-lo, ele se encontrou em uma situação onde esteve inteiramente à mercê de Davi. Instado pelos homens a matar Saul, Davi aproximou-se sorrateiramente dele enquanto dormia. Ninguém o teria culpado se tivesse apunhalado a Saul bem no coração; ele bem poderia justificar seu ato. Ao contrário, ele cortou um pedaço do manto de Saul e desapareceu despercebido. Mesmo que ele não tenha ferido a Saul, Davi ainda tinha a consciência pesada por ter cortado o manto do Rei:

O Senhor me guarde de que eu faça tal coisa ao meu senhor, ao ungido do Senhor, estendendo eu a minha mão contra ele; pois é o ungido do Senhor. (1 Samuel. 24:1-6).

Pergunto-me quão seguras as pessoas estão conosco? Somos muito pouco propensos a esfaquear alguém que cometeu uma injustiça contra nós, mas com frequência cortamos um pedaço de sua reputação. Eu me encolho quando pessoas vêm a mim dizendo, "Meu pastor é uma pessoa adorável e tem boas intenções, mas...", e ali vem a crítica. Elas são aquilo que meu amigo Denis Clark costuma chamar de cristãos cabras, sempre prontas com um 'mas'. A menos que interrompesse a conversa antes do "mas" ele sabia que a sua visão de uma pessoa criticada seria afetada, porque um pedaço de sua reputação foi cortado.

Recordo-me, há alguns anos atrás, quando tinha um ministério itinerante, as pessoas discutiam sobre o ministério e a personalidade de outras que também trabalhavam no país. Havia um homem em particular, grandemente usado por Deus, para quem eu tinha uma aversão crescente, ainda que jamais o tivesse encontrado. Quando me questionei o motivo daquilo, percebi que pessoas tinham cortado um pedaço do manto da reputação daquele homem, através da maneira de falar sobre ele. Quando eu o encontrei ele estava praticamente nu. Deleito-me em dizer, porém, que descobri que ele era completamente diferente de sua reputação que os outros me tinham feito acreditar. Lealdade não é um fruto natural do coração humano, mas parte do fruto do Espírito (Gálatas 5:22) Ele precisa ser cultivado e valorizado, porque é uma mercadoria muito rara e preciosa.

Lealdade gera lealdade, e um líder não pode esperar lealdade daqueles para quem não o demonstra. Eu tenho falado a professores que sentem que não têm a lealdade e o apoio de seu diretor. Eles não sabem se receberão respaldo em matérias de disciplina, ou disputas com pais. Os professores me contam de sua insegurança em sua posição e da quase impossibilidade de

seu trabalho. Isto inevitavelmente leva a uma perda de moral e comprometimento com o trabalho sob sua responsabilidade.

Tenho me espantado com a lealdade demonstrada por um número de aprendizes que tenho tido comigo ao longo dos anos. Em uma ocasião lembro-me de falar com Deus sobre isto e de perguntar por que é que eu estava cercado com tantas pessoas leais. Ele pareceu dizer-me com as palavras que Paulo escreveu para os Gálatas, 'porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará.' (Gálatas 6:7). Aquilo me surpreendeu naquele momento, mas tenho percebido o quanto isto é verdadeiro desde então. Tenho tentado ser leal e apoiador daqueles que estou ensinando, especialmente quando eles cometem erros. Afinal de contas, raciocinei, se eu me benefico e recebo crédito quando eles se saem bem, eu deveria estar preparado para arcar com alguma responsabilidade quando eles se saem mal. Se quisermos ver lealdade – ou qualquer outra qualidade – nos outros, as leis da colheita se aplicam, nós somente colhemos aquilo que plantamos.

Dever haver algum grau de competência, assim como de lealdade, naqueles que são líderes. É duro de ser ver uma pessoa, que recebeu um trabalho com base em sua lealdade e credibilidade, passando por dificuldades por ser incapaz de lidar com a responsabilidade. Ela pode ser totalmente fiel, mas seria capaz de cuidar de sua própria casa? Ela pode conhecer realmente sua Bíblia e sua vida pode ser consistente com seu ensinamento, mas ela seria capaz de transmitir aquele ensinamento?

A palavra que Paulo utiliza para 'habilidade' em sua carta a Timóteo significa suficiência, competência ou qualificação. Ele não está considerando sob este termo qualificações naturais ou humanas. Em outro lugar ele escreve de suas qualificações e habilidades como procedentes não dele mesmo, mas de Deus. Sua competência não precisava de nenhuma recomendação humana, porque era auto-evidente nas vidas que tinham sido mudadas como resultado dela.

Presume-se com frequência que porque uma pessoa é competente no campo acadêmico ou de negócios, isto a qualificará para o trabalho cristão. Um excelente professor na escola ou na faculdade não tem automaticamente a mesma habilidade para inspirar fé no povo de Deus. Similarmente, as pessoas são instadas a alcançar um padrão acadêmico adequado para prepará-las para a obra de Deus. As pessoas esforçam-se para obter qualificações acadêmicas para entrar em faculdades denominacionais, e uma organização cristã da qual ouvi dizer, somente aceitava obreiros que tivessem obtido um diploma. Isto é honestamente sinônimo dos requisitos de Deus? Quais são as qualificações que Ele realmente está buscando?

### **Um coração servil**

No topo de minha lista viria a qualidade de um coração servil. Nos tempos do Velho e do Novo Testamento, parte da responsabilidade do aprendiz era servir ao seu mestre. Josué foi servo de Moisés (1 Josué 1:1) os discípulos serviam a Jesus; Timóteo servia a Paulo de diversas maneiras, desde levar a capa e os pergaminhos para ele na prisão (2 Timóteo 4:13) até ao mais gratificante dos trabalhos, visitar e encorajar os cristãos em Tessalônica na Macedônia. (Atos 19:22).

O próprio Jesus demonstrou o coração de seus discípulos, dando-lhes um exemplo que Ele os instigou a seguir. (João 13:1-17). Além do mais, Ele sabia que ter um coração servil era requisito básico para qualquer um que quisesse ser um líder no reino (Marcos 10:42-45).

Bem me lembro de meus primeiros dias de serviço ao Senhor por 'tempo integral', um dos primeiros trabalhos que recebi foi o de espalhar fertilizante – o bom e velho esterco da fazenda com o bom e velho cheiro do campo! Não é trabalho, pensei, para alguém que foi chamado para pregar o evangelho. Mas Deus me disse que se não estivesse pronto para espalhar fertilizante para Sua glória, de forma alguma estaria preparado para espalhar a palavra para Sua glória.

Gostaria de dizer que depois disso a tarefa se tornou mais fácil e mais alegre, mas lamento dizer que não. Nem vi uma diminuição do número de coisas mundanas e humilhantes que era obrigado a fazer. Contudo eu realizava todas. E acho que passei no teste, porque me graduei para espalhar a palavra.

Recordo-me que um jovem que estava procurando uma abertura para o ministério, veio ficar na comunidade não qual estávamos vivendo. Ele veio ao jardim onde eu realizava alguma tarefa ordinária. O líder de nossa comunidade lhe dera algumas roupas velhas e um par de botas para que pudesse se juntar a mim e falar sobre 'ministério'.

Eu presumi por sua expressão que aquilo não era bem o que ele esperava, e daquela sua atitude, senti que esse tipo de coisa devia estar abaixo de sua dignidade. Ele permaneceu por alguns dias e depois se foi, obviamente desiludido com a totalidade da cena. Passaram-se uns anos e, é triste dizer que, aquele mesmo homem é agora um ministro desacreditado. Eu não posso deixar de pensar se a ausência de um coração servil, naqueles primeiros dias, teve algo a ver com seus problemas recentes.

Agora um coração servil não pressupõe o tipo de servidão que é comumente impingido aos servos de Deus pela igreja, através do qual as vidas dos ministros e obreiros cristãos são caracterizadas pela marca do "sub" – subsalário, subvalorização, subestimação e sob ordens! Isso não é autonegação, é negação. Não podemos nos negar algo que não tenhamos possuído primeiro. Paulo fala de seu direito como um obreiro cristão, de ser apoiado por aqueles para os quais ele ministrou. Era sua escolha, e não foi impingida a ele por um diaconato ou presbitério avarento.

Jesus mostrou o exemplo supremo de um coração servil: '... que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo.' (Filipenses 2:6-7).

A autonegação é simplesmente aquilo que diz ser, é a opção de negar a si mesmo. Não é uma chantagem emocional ou espiritual através da qual alguém nos persuade a negar nossos direitos. Igualmente, se uma pessoa tem sido sempre um servo, não será para ela um ato de autonegação continuar como um servo. Ela deverá saber antes o significado de ser livre e independente para que possa negar a si mesma e se tornar um servo. Estou pensando no tipo de pessoa comumente achado nos círculos cristãos, cuja

vida é caracterizada pela servidão produzida pela baixa auto-estima. Elas, de boa vontade, assumem todas as tarefas rotineiras impingidas pelos outros, nunca reclamando, nunca questionando.

Recordo-me de uma jovem senhora, que veio me ver. Na aparência, seu comportamento parecia muito 'cristão', mas enquanto falávamos outra figura emergia. Devido a sua própria falta de autovalor, e do fato de nunca ter encontrado um lugar, onde seus interesses fossem considerados, ela sentia culpa ao pensar em suas próprias necessidades. Ela ocultava ressentimento e raiva contra outros que tinha explorado sua disposição e atitude servil, independentemente de seus próprios sentimentos. Ela teve que se autodescobrir e entender seu real valor em Deus, antes que pudesse realmente negar a si mesma, e servir aos outros com dignidade, como uma herdeira de Deus e co-herdeira com Cristo.

Cuidado com os exploradores, os abusadores de servos, aqueles que usam seu poder em chantagem emocional ou espiritual para roubá-lo de sua individualidade. Jesus disse sobre sua própria vida, "Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou." (João 10:18).

Você já notou que, com muitos de nós, a dificuldade existe não em estarmos dispostos a servir, mas em permitirmos que nós mesmos sejamos servidos. Alguns ficam embaraçados ou sentem mal-estar quando outros tentam servi-los. Essas pessoas são caracterizadas pelo serviço abnegado aos outros. Lembro-me de uma vez quando eu seguia bastante literalmente o exemplo de Jesus. Eu peguei uma bacia com água e uma toalha, e lavei os pés daqueles que estavam na liderança comigo. Um ancião, a princípio, se recusou. O que achei interessante, e acredito significativo, em sua recusa foi que ele era uma pessoa excepcionalmente generosa em seu serviço aos outros. Felizmente, como o discípulo Pedro, ele também mudou de ideia.

Vamos considerar por um momento esse incidente na vida de Pedro (João 13:1-17). Somos todos familiares com os fatos. Jesus, fazendo a refeição da Páscoa com seus discípulos, pega uma bacia com água e uma toalha e cumpre a tarefa rotineira de um servo, quando lava pés empoeirados. Quando Ele se ajoelhou diante de Pedro, Pedro já estava decidido, 'Nunca me lavarás os pés'. Então Jesus faz aquela declaração extraordinária, 'Se eu te não lavar, não tens parte comigo.'

Analise o que Jesus exatamente está dizendo a Pedro aqui. Ele estava enfatizando que o futuro de Pedro com Ele, não dependia em sua disposição em servir, mas primeiro em ser servido. Seu ministério, dons, liderança e tudo o que Ele tinha para dar, dependeria de sua disposição em receber. Eu ainda iria mais adiante ao dizer que somente somos capazes de ministrar, na medida em que permitimos que sejamos ministrados. Tantos líderes cristãos estão ocupados ministrando aos outros, mas são incapazes ou relutantes em permitir que outros ministrem a eles. Isto me faz recordar do barbeiro atarefado que foi indagado por um cliente, 'Quem corta seu cabelo?'

Precisamos reconhecer aqueles que têm um coração servil e uma disposição para servir e serem servidos, o que me levará à próxima característica que eu procuro em um aprendiz.

## Um espírito aberto ao ensino

Uma disposição a receber ensino é uma das primeiras indicações que procuro como evidência do novo nascimento em Cristo. A alegria ou o entusiasmo recém descobertos podem ser transitórios, e o fruto real de uma vida transformada se desenvolve gradualmente, mas um espírito aberto ao ensino, com uma disposição a ser instruído no caminho da fé, é algo que deveria ser evidente desde o começo. A palavra 'discípulo' na verdade, significa 'aluno', portanto uma disposição para aprender é vital para todos os discípulos de Cristo, particularmente aos potenciais líderes.

A disposição para ser ensinado é uma das primeiras indicações que procuro como evidência do novo nascimento em Cristo. A alegria e o entusiasmo recentes podem ser transitórios, e o fruto verdadeiro de uma vida transformada se desenvolve gradualmente, mas um espírito aberto ao ensino, com uma disposição de ser instruído no caminho da fé, é algo que deveria ser evidente desde o começo. A palavra 'discípulo' na verdade significa 'aluno', contudo uma disposição para aprender é vital para todos os discípulos de Cristo, particularmente para os potenciais líderes.

A capacidade de ser ensinado está intimamente ligada com a mansidão. A mansidão é uma força arreada que pode ser entendida pela ilustração de um cavalo treinado e instruído a responder às rédeas de seu treinador. 'Domado' é o termo usado para descrever um cavalo que passou por este processo. Acho o termo inconveniente porque sugere que a força e o espírito do cavalo foram quebrados, o que não é verdade. Um cavalo bem treinado não perde nenhuma de suas características. Ao contrário, ambas são arreadas e canalizadas de uma maneira que possam ser utilizadas para melhor resultado.

Estou escrevendo em meu estúdio onde tenho, em uma parede, um desenho feito para mim, por uma jovem amiga cristã francesa. É o desenho de um cavalo empinado sobre as patas traseiras, mas selado, e com cabresto e freio, mas significativamente sem o cavaleiro. 'Você é como um cavalo selvagem,' disse eu a Christine, 'correndo livremente em qualquer direção a que se sente inclinada a ir, temerosa de ser controlada. Você precisa que a força e entusiasmo que tem por Cristo sejam arreados, assim Ele será capaz de canalizá-los.'

Uns dias depois, Christine me comunicou que queria ser ensinada: eu achei o desenho sobre minha mesa com uma citação do Salmo 32:8-9: Instruir-te-ei, e ensinar-te-ei o caminho que deves seguir; guiar-te-ei com os meus olhos. Não sejais como o cavalo, nem como a mula, que não têm entendimento, cuja boca precisa de cabresto e freio para que não se cheguem a ti.

Eu disse a outro jovem que conheço que ele era como um cavalo xucro, e se me pedissem para selá-lo, eu seria muito cauteloso, porque correria o risco de ser coiceado até a morte. Lamentavelmente ele ainda está 'correndo sem controle', impossível de ser ensinado.

Ser aberto ao ensino não significa ser crédulo, abafando dúvidas e temores, ou não desafiando aquilo que esperam de nós. Jesus não esperava tais atitudes de seus discípulos. Alguns de seus melhores momentos de ensino surgiram de questões honestas (como aquelas registradas em Marcos 10:20-

27). Ser aberto ao ensino é uma atitude de coração que diz, 'eu quero aprender. Eu posso questionar, eu posso desafiar, eu posso até resistir ao que está sendo ensinado, mas em meu coração eu quero aprender.'

Alguns irão aprender fácil e prontamente, enquanto que outros irão resistir. Os últimos irão drenar energia e paciência de seus professores, mas eles devem ser encorajados, por serem alunos. Tenha cuidado com o 'aprendiz' que estiver relutando em aprender, que crê que por ter o chamado de Deus em sua vida e o Espírito de Deus em seu coração, não precisa ser ensinado. Você provavelmente reconhecerá esse tipo de pessoa porque com certeza irá até você e citará 1 João 2:27 – 'E a unção que vós recebestes dele, fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine.'

É evidente que o fato disso ser verdade, aos leitores de João, não o impediu de ensinar-lhes mais do que a doutrina básica que já conheciam – como 'filhinhos' (3:18; 5:21; 2:18).

Outra indicação da disposição ao ensino é a forma como a pessoa reage à crítica ou correção. Alguém que reage defensivamente levanta barreiras, demonstrando que está entrincheirado em sua posição e improvável de mudar. Nessa situação ele se torna inensinável.

Recordo-me de uma pessoa. Nada que dava errado era sua culpa, alguém mais sempre era o culpado. Ele se sentiu ameaçado e se tornou defensivo a qualquer forma de questionamento, responsabilidade ou correção. Eu gastei horas com ele, e ele ficou em nossa casa, mas foi tudo em vão, ele não era ensinável.

Em contraste, recentemente recebi uma fita de um jovem aprendiz. Era uma gravação de uma palestra que ele tinha dado em sua comunidade. Ele me disse, 'gostaria que ouvisse isto e, por favor, se tiver comentários, eu ficaria muito agradecido em ouvi-los.' Aquilo foi um espírito ensinável. Como o escritor de Provérbios diz,

Os ouvidos que atendem à repreensão da vida farão a sua morada no meio dos sábios. O que rejeita a instrução menospreza a própria alma, mas o que escuta a repreensão adquire entendimento. (Provérbios 15:31-32).

Existem diversas formas de corrigir alguém. Uma regra de ouro que me esforço em seguir é nunca corrigir alguém em público. Um aprendiz que está causando confusão em uma reunião não será ajudado se for corrigido publicamente. Siga o exemplo de Jesus e espere até que possa ser feito em privado, assim ele será encorajado a tentar novamente no futuro (Marcos 9:28). A correção pública também terá o efeito de desencorajar os observadores de aspirar ao ministério público no caso de estarem sujeitos ao mesmo tratamento.

A disposição de sermos ensinados e a forma como reagimos às correções, levam-me a outro aspecto do aprendizado – nossa atitude para com a autoridade.

## **Submissão à autoridade**

Muito tem sido dito, em anos recentes, sobre submissão e autoridade. Podemos ver através da história de Adão e Eva, que nossa natureza humana decaída é resistente à autoridade, especialmente a autoridade de Deus. É importante reconhecer isto, e aprender a respeitar e a se submeter à autoridade. Porém, é preciso dizer que tem havido muito ensino errado sobre esse tema, e todo o relacionamento de autoridade/submissão foi em alguns casos, levado a ridículos extremos.

Primeiro devemos entender que a submissão é uma atitude de coração e não somente uma ação. Eu preciso desenvolver um coração submisso, uma atitude de coração que queira se submeter à autoridade. Quando tenho a atitude correta poderá haver ocasiões, como houve com Pedro e João (Atos 4:19-20), quando o correto será não obedecer àqueles em autoridade.

Submissão à autoridade não é um clube onde os líderes batem nas pessoas com ela, para impedir quaisquer questionamentos que elas possam ter. Nem se destina a fortalecer líderes inseguros, ou ser usada como um meio de estabelecer controle. Hebreus 13:17, que fala de obedecer a líderes, não foi mais escrito por líderes do que Efésios 5:22, 'Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos,' foi escrito por maridos. Não são versículos para serem usados como uma exigência por submissão, mas primariamente para a direção dos crentes e das esposas. Submissão é algo que deveria ser concedido e nunca exigido.

Os problemas são criados quando um marido usa Efésios 5:22, como uma exigência para com a sua esposa. Ela vai responder citando o versículo 25: 'maridos, amai vossas mulheres'. Nós acabamos dimensionando aquilo que consideramos serem nossos direitos ao invés de nossas responsabilidades.

Em certa ocasião recebi a visita de uma jovem esposa que estava desesperada sobre seu casamento e sobre aquilo que sentia que seu marido deveria estar fazendo, mas não estava. Eu dei a ela uma folha de papel e lhe disse para riscar uma linha no meio. Depois pedi a ela para fazer uma lista na coluna esquerda de tudo que achava que eram seus 'direitos' dentro do relacionamento conjugal. Ela esboçou um sorriso irônico e disse que precisaria de mais papel. Quando ela completou a lista, eu pedi que escrevesse na coluna da direita aquilo que ela considerava serem suas responsabilidades. A lista foi muito mais curta.

Quando ela terminou, perguntei em que coluna estava vivendo. Sem qualquer hesitação ela percebeu que era a primeira. Então, sugeri que fosse para casa e tentasse viver na segunda coluna por um mês e visse se seria mais feliz.

A felicidade não é uma meta, é uma consequência de viver a vida, na qual eu cumpro minhas responsabilidades dadas por Deus. Ouvimos tanto em nosso mundo sobre direitos; mas a Bíblia está mais relacionada com as nossas responsabilidades.

Se alguém estiver para entrar no aprendizado deverá ter essa atitude saudável para com a autoridade. Vamos considerar isso mais atentamente.



Suponho que o exemplo clássico de alguém que realmente tenha entendido o significado de autoridade, e o demonstrou, foi o centurião no evangelho de Lucas (Lucas 7:1-10), como ele era um homem debaixo de autoridade, foi capaz de reconhecer a autoridade de Jesus. Não acredito que alguém possa estar em uma posição para exercer autoridade até que saiba o que é ficar debaixo dela.

Dentro da igreja, a autoridade final a que nos submetemos é a de Deus, mas também experimentamos Sua autoridade delegada através de outros. Similarmente o centurião não estava diretamente sob a autoridade de Cesar, mas ao oficial da corte que respondia ao oficial em comando de uma legião que compreendia dez coortes. A cadeia de autoridade continuava dessa forma até alcançar o próprio Cesar.

A autoridade vem de nossa posição e não de nossa pessoa. Qualquer autoridade dada por Deus a mim para exercer vem de minha posição – em Cristo, na igreja ou em minha família – e não de minha pessoa. Porém minha personalidade pode se adaptar à minha posição, o que foi provável no caso do centurião. Seria inútil dar a um homem a posição de oficial no exército romano se ele fosse indisciplinado ou incapaz de lutar. Paulo contou a Timóteo sobre as qualidades que caracterizariam um homem que exercia a autoridade na igreja. (1 Timóteo 3).

Falhar em reconhecer que a autoridade vem de nossa posição e não de nossa pessoa leva a duas outras atitudes erradas. A primeira atitude errada é que o respeito pela autoridade somente existirá se a pessoa e não a sua posição merecer. Mas essa não foi a atitude que Davi demonstrou para com Saul (1 Samuel 24:4-7) ou Paulo para com o Sumo Sacerdote (Atos 23:1-5), mesmo que nenhum deles realmente merecesse o respeito ou reconhecimento da autoridade que receberam. Da mesma maneira deveríamos obedecer ao mandamento de honrar nosso pai e nossa mãe, independentemente do tipo de pessoa que eles possam ser. O respeito lhes é devido pela posição que ocupam, não porque eles o mereçam.

O Segundo problema surge quando as pessoas não exercem sua autoridade porque sentem que não a merecem. O fato de não ser merecida pode bem ser verdade; no entanto, ela foi delegada a nós por Deus, então é correto exercê-la. Os demônios não reconhecem nosso merecimento, mas nossa autoridade como filhos de Deus, e é nesta base que eles respondem (Efésios 6:11).

Imagine um policial prestes a prender um criminoso 'em nome da lei' e depois hesitando deixa-o ir porque se sente indigno da autoridade que tem. Se tal atitude prevalecesse em nosso país, acabaríamos em caos. Alguns policiais não iriam exercer a autoridade porque não acreditariam em si mesmos como dignos o bastante para exercê-la, enquanto aqueles que o fariam estariam totalmente alheios a quaisquer culpas que tivessem. Seria um pouco como a situação em algumas de nossas igrejas.

De volta ao centurião e a Jesus. Você percebeu como o reconhecimento e a atitude correta em relação à autoridade estão intimamente ligados à fé? 'Dize, porém, uma palavra, e o meu criado sarará,' disse o centurião a Jesus. ' Porque também eu sou homem sujeito à autoridade, e tenho soldados sob o

meu poder, e digo a este: Vai, e ele vai; e a outro: Vem, e ele vem.' O comentário de Jesus sobre a atitude do centurião foi que não tinha encontrado fé tão grande até mesmo em Israel. É possível reconhecer a autoridade sem ter fé, mas se torna um fardo legalista pesado para nós. É impossível ter fé sem reconhecer a autoridade.

Bem me lembro de minha primeira apresentação dolorosa a este entendimento. Quando nos casamos, Hilary e eu fazíamos parte de uma comunidade cristã. O líder era um cristão menos experiente que eu, e sempre me pedia para fazer coisas que eu achava difícil, ou tomar decisões em relação à obra com as quais eu discordava. Minhas dificuldades com essa situação finalmente chegaram a um ponto crítico. Quando estava argumentando com Deus, Ele me desafiou certo dia a me submeter àqueles com autoridade sobre mim. Naquele momento entrei em uma daquelas batalhas com Deus que sabia não poder ganhar, mas persisti com intensidade até finalmente dizer, 'Certo, Senhor, eu vou me submeter a ele e confiar em ti nesta situação. Vou fazer tudo que esse homem me pedir e confiar em ti com relação às consequências, então seria melhor se certificar de que quando tudo começar será por tua vontade.'

Algo importante tinha acontecido. Eu aprendi antes a confiar em Deus diretamente, mas agora eu estava aprendendo a confiar nele de uma maneira mais profunda, a confiar nele através de outras pessoas. Foi uma das lições mais significantes que eu já aprendi em minha caminhada com Deus. Tão logo eu aprendi a lição, Deus começou a me mover em direção ao exercício da liderança.

Um de nossos líderes do grupo doméstico esteve em uma semana bíblica, onde foi desafiado a 'Voltar e se submeter a seus líderes.' Ele ainda estava tendo dificuldades com isso quando veio me ver. Ele queria saber se eu lhe contaria em que direção eu estava levando a igreja assim poderia decidir se iria ou não se submeter a mim. Eu disse a ele que não iria contar.

Suponhamos que eu tivesse dito e ele ficasse satisfeito, mas e se em algumas semanas crêssemos que Deus queria que nós mudássemos a direção ou a ênfase? O que me preocupava mais era que ele estava realmente dizendo, 'Philip, eu realmente não confio em você, dê-me algo mais em que possa confiar.' Aquilo, como eu mostrei a ele, era o primeiro passo em direção ao legalismo, a saber, confiar na letra ao invés de na pessoa. E ainda mais sério, disse-lhe eu, era o fato de que ele não estava confiando em Deus. Eu illustrei o meu ponto ao relatar minha experiência na comunidade cristã. Deleito-me em dizer que ele também respondeu positivamente.

Tornamo-nos grandes amigos, e foi uma tristeza para ambos quando não muito depois, o Senhor o levou para longe em uma posição de liderança em um novo trabalho pioneiro.

Uma atitude correta em relação à autoridade é importante para todos os cristãos, particularmente para aqueles sendo treinados com vistas à liderança.

Pode ocorrer às vezes que nos peçam para fazer coisas cansativas, ou coisas que pareçam irracionais e inúteis, ou mesmo coisas com as quais discordamos. Eu imagino que foi provavelmente assim que os discípulos se sentiram quando Jesus falou à mulher samaritana. (João 4:27). É neste ponto que a fé entra em operação. Se pudermos confiar em Deus e no líder em questão, é melhor; mas se somente pudermos confiar em Deus no líder, então isso será suficiente.

'Ah,' alguém poderia dizer, 'devo me submeter independentemente do que me pedem para fazer?' Claro que não. Quando deparados com uma questão similar com aquela que enfrentaram Pedro e João, obedecer a Deus é melhor do que a homens (Atos 4:18-20). Em minha experiência, porém, essas situações são exceções que provam a regra, e nossos corações deveriam estar inclinados a se submeterem àqueles em autoridade ao invés de resistir.

### **Um coração para Deus**

Existe um número de outras características que deveríamos procurar nos aspirantes a aprendizes, tais como o compromisso com Cristo, o desenvolvimento do caráter cristão, e a evidência da espiritualidade. Todas estas e a maioria das características que eu já mencionei, com exceção do 'chamado' são aspectos diferentes de uma qualidade essencial que eu chamaria de 'ter um coração para Deus'.

Esta qualidade com certeza foi verdade nos doze apóstolos originais, ou pelo menos nos onze. Com todas as suas imperfeições, e eram muitas, as únicas virtudes distintas que tiveram em comum foram sua devoção a Jesus e seu desejo pelo reino. Eles estavam entusiasmados, preparados para deixar a família e o trabalho em busca de algo em que acreditavam. É verdade que, às vezes, eles foram impetuosos, ou inflamados com ambição pessoal e, às vezes, briguentos.

Contudo seus corações estavam inflamados por Deus, que significava que eles estavam abertos a serem transformados, por Ele, em líderes da igreja.

Creio que, com o tempo, líderes podem ser desenvolvidos dos que foram 'chamados' e que tenham 'um coração para Deus'. Não acho difícil aguentar e até perdoar a exuberância de tais pessoas se seu desejo for conhecer melhor a Deus e servi-LO com toda a energia que puderem reunir. Os erros cometidos por esses entusiastas podem normalmente ser corrigidos, a exuberância pode ser temperada com a maturidade crescente, e os desejos e energias canalizados.

Em uma parábola a respeito do reino de Deus, Jesus falou sobre como uma semente é plantada e como ela cresce em certa ordem – primeiro a erva, depois a espiga, e por último o grão formado na espiga. (Marcos 4:26-29). Tanto os fazendeiros quando os líderes cristãos querem o fruto, o fruto maduro.

Mas ao contrario de alguns líderes cristãos, os fazendeiros sabem que um processo específico tem que ocorrer antes que o fruto seja aparente, deixá-lo amadurecer sozinho. A semente é plantada e por algum tempo não se vê

nada. Depois o broto aparece, o crescimento rápido se segue, mas ainda não se vê fruto algum.

Quando há um irromper de atividade, talvez entre os jovens, ou nas igrejas 'carismáticas', as pessoas perguntam, 'Onde está o fruto? Vamos dar tempo. Sim, primeiro a erva, depois a espiga e somente depois a espiga formada. Esta é a ordem, apesar de nosso desejo de invertê-la. Nossa tarefa é sermos pacientes até que a maturidade surja, ao invés de descartar as pessoas prematuramente.

Em meus primeiros dias, como Diretor da Juventude Britânica para Cristo, eu introduzi um sistema de Evangelistas Associados. A razão para isto era muito simples. Quando vi aqueles que eram usados como evangelistas no país, percebi que muitos deles, quando eram jovens e inexperientes, tinham recebido sua fundamentação na 'National Young Life Campaign' (Campanha Nacional da Vida Juvenil, em tradução livre). Naquela época, parecia que a NYLC não estava mais fazendo isso, nem eu estava ciente de qualquer outra organização disposta a assumir o risco de treinar jovens inexperientes, evangelistas potenciais, e dar-lhes oportunidades para desenvolverem seus ministérios. No futuro haveria uma carência de ministros maduros que as igrejas e organizações iriam precisar. Então eu iniciei a BYFC Evangelistas Associados, para satisfazer essa necessidade de prover treinamento básico para os jovens evangelistas.

Eu denominei 'associados' a esses evangelistas, porque não podíamos pagá-los. Eu orei por dez e recebi dez, eles eram relativamente inexperientes, alguns sem treino e com pouca experiência, mas cada um tinha um sentimento do chamado de Deus e um coração real para Ele. Isso foi o suficiente para os deixarmos soltos na juventude insuspeita da Grã-Bretanha. Eu costumava dizer que era como tentar fazer com que um bando de cavalos de tração puxasse na mesma direção, com poucos arreios para controlá-los.

Foi bom o fato de a BYFC deslanchar rapidamente, embora duramente. Mas foi mais importante que o objetivo original do projeto fora alcançado. Aqueles jovens sem treino e inexperientes agora eram líderes no cenário nacional.

Ter um coração para Deus é algo que acho difícil de descrever, mas relativamente fácil de reconhecer. Jesus falou sobre isso em suas palavras aos cristãos de Éfeso, quando os elogiou por sua perseverança, santidade e ortodoxia, embora eles tenham abandonado seu primeiro amor, e conseqüentemente enfrentado o risco de ter sua obra encerrada. (Apocalipse 2:1-7).

Você já ouviu falar de algum casal com o coração voltado um ao outro, que tivesse dificuldade de encontrar tempo para ficarem juntos, ou que precisam ser informados de que precisam ficar juntos. Quase sempre o problema é mantê-los distantes um do outro. De novo, imagine dizer a uma jovem senhora que se apaixonou, 'por que você não conta a seus amigos sobre ele?' Não, na verdade a dificuldade é fazê-la se calar! No que isto está relacionado a servir? Recordo-me de uma esposa passando ao seu marido um par de sapatos que tinha limpado para ele. 'Certamente você não limpa os sapatos de seu marido! Foi o comentário horrorizado de outra esposa. 'Eu jamais faria isso para meu marido.'

'Eu não faço porque tenho que fazer, eu faço porque eu o amo,' ela disse simplesmente. Esse casal se amava tão profundamente que não havia problema em servir um ao outro, por mais humilde que fosse a tarefa. Da mesma maneira, não deveria haver nenhuma dificuldade real para aqueles que têm um coração para Deus, e fizeram de Jesus o seu primeiro amor, para passar o tempo com Ele, falar dEle, ou servir a Ele alegremente. Em contraste você descobrirá que tentar motivar, desenvolver e canalizar o potencial daqueles que basicamente não têm um real coração para Deus é uma tarefa infrutífera e demorada.

## **7. Estímulo**

Vamos supor que um grupo de aprendizes promissores foi encontrado, e estou satisfeito que eles tenham potenciais a ser desenvolvidos. Mas para onde vou a partir daqui?

Primeiro, um relacionamento deve ser estabelecido com cada um dos indivíduos. É então essencial que aquele relacionamento deva ser estimulado. Tenho descoberto que uma coisa é iniciar um relacionamento, mas outra bem diferente é estimulá-lo. A falha no estímulo pode significar que o relacionamento que começou prometendo muito, irá murchar e morrer através da frustração, desapontamento e finalmente desilusão.

Paulo dava tempo e cuidava para estimular – os relacionamentos entre seu grupo apostólico e várias igrejas que ele tinha plantado. Ao escrever aos tessalonicenses, ele disse, 'antes fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos... Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos; para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, (1 Tessalonicenses 2:7,12)

Certamente não existe exemplo mais poderoso de estímulo do que o dos pais para com seus filhos. Voltaremos a essa passagem no curso devido, mas primeiro vamos ver o exemplo de Jesus.

Marcos 3:13-15 descreve como Jesus iniciou um relacionamento com os doze. Ele foi aos montes e chamou os que queria, e esses foram até Ele. Ele escolheu doze – designando-os apóstolos – que poderiam ficar com Ele e que poderiam ser enviados a pregar.

A frase 'que poderiam ficar com Ele' é como uma fatia de carne entre duas fatias de pão. Jesus chamou os doze, mas antes que ele pudesse enviá-los a um ministério poderoso, o relacionamento deles com Jesus tinha que ser estimulado. A chave para o seu desenvolvimento como líderes era a natureza do relacionamento que era construída entre o mestre e o discípulo.

Embora possa ser discutido que seu chamado e designação inicial fossem de natureza funcional, tornou-se bastante evidente nos meses seguintes que o relacionamento que Jesus Cristo tinha com seus discípulos era profundamente pessoal. Eles não eram somente pregadores ou líderes, eles eram amigos de Jesus. (João 15:15)

Jesus gostava de ficar com seus discípulos em outras ocasiões além daquelas quando Ele estava ministrando para eles ou com eles?

Ele valorizava sua amizade e sua companhia? Creio que é evidente que sim. É um fato triste que em muitas situações da liderança atualmente, os relacionamentos raramente vão mais além do nível funcional. A oração de Jesus era que os discípulos pudessem ser um, assim como Ele era um no Pai, e o Pai nEle (João 17:21). O relacionamento deles com Jesus deveria ser como o relacionamento que existe na Divindade.

Mas qual é exatamente a natureza desse relacionamento na Divindade? Seria puramente funcional? Se fosse, como Eles se relacionariam um ao outro diante da criação? Seria um relacionamento distante? Eles tinham algo em comum? Ou poderia ser que Eles desfrutassem da companhia um do outro, encontrando total satisfação nela, e na verdade não precisavam de ninguém ou de nada para completá-la? Certamente que esta última é a verdade da questão.

Recordo-me de um jovem pedindo meu conselho sobre qual grupo de crentes ele devia se juntar. Ele foi pego em um conflito de lealdades. Ele deveria participar do grupo cuja estrutura hierárquica estava de acordo, ou ele deveria participar do outro? Tendo orado a respeito disso, ele ainda estava incerto. Eu o aconselhei a ir onde tinha relacionamentos reais. Ele ainda não estava certo como avaliar a situação, então para tornar o ponto mais claro, eu disse a ele para se juntar àqueles com cujos líderes ele sairia nas férias. Ele rapidamente tomou uma decisão.

Meu ponto era que as pessoas normalmente saem em férias com aqueles que escolheram, e não com aqueles que se sentem obrigadas. O período de férias é um tempo de 'folga', e descobri que ao me perguntar o quanto eu gostaria de sair em férias com tal pessoa, teria uma avaliação precisa do meu relacionamento com ela.

Graças a Deus que estamos começando a recuperar e apreciar não somente o valor dos relacionamentos pessoais, mas também a necessidade deles dentro das igrejas. Eu digo recuperar, porque está muito claro que a adoração e o testemunho fluem de sua interação normal com os outros crentes (Atos 2:44-47). A igreja cresceu rapidamente e era capaz de proclamar as boas-novas porque havia boas-novas dentro dela mesma.

Nos tempos passados quando éramos principalmente uma sociedade rural, a adoração era uma extensão dos relacionamentos que já existiam. A igreja ficava no centro do vilarejo e era onde a comunidade local se reunião nos domingos para a adoração.

A Revolução Industrial, que acelerou a transição para uma sociedade urbana, mudou tudo aquilo. As pessoas que vinham para adorar juntas eram indivíduos com pouca ou nenhuma interação com os outros durante a semana. Vagarosamente se desenvolveu aquilo que se chamou 'cristianismo bola de bilhar' – pessoas que se batem (encontram) aos domingos, depois retornam às suas caçapas (casas).

A nossa característica britânica da reserva encorajou a ênfase individual na adoração, que depois se tornou confusa com a espiritualidade. Quanto maior interação uma pessoa tivesse com Deus, menor seria sua interação com outra pessoa. Então a adoração na igreja se tornou uma reunião de indivíduos encasulados em suas próprias auras silenciosas, com a mínima demonstração do reconhecimento da presença dos outros – um sorriso, um gesto, ou um 'oi' sussurrado – antes de tirar o véu apertado. Para o realmente espiritual era melhor evitar todo o contato com olhos, preferencialmente fechando os olhos. Brincadeiras somente seriam permitidas depois.

Se quisermos desenvolver relacionamentos em nível pessoal, então precisaremos passar tempo juntos em outras situações além da funcional com os que estiverem interessados. Permitam-me apressar em adicionar que, eu não creio que deveríamos simplesmente operar com base na escolha em construir relacionamentos somente com as pessoas de que gostamos. Os discípulos não receberam a opção de escolher seu mestre ou escolher uns aos outros.

No cerne de nossos relacionamentos cristãos deve haver um sentimento de Deus juntando-se a nós, caso contrário nossos relacionamentos carecerão de substância. É um erro, portanto crer que relacionamentos estão isentos de sofrimento. Ao contrário, são aqueles que são preparados para trabalhar através do sofrimento, dos desapontamentos, e das expectativas frustradas que serão capazes de desenvolver relacionamentos profundos e maduros. Uma criança, em nossa igreja, obviamente ouviu mal o coro popular, 'unanos' e foi ouvida cantando 'moa-nos juntos com cordas que não possam se partir.' A eficácia de nosso testemunho é determinada pela quantidade de nossos relacionamentos. Jesus disse, 'Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros'. (João 13:35). Amar uns aos outros não é simplesmente ter sentimentos calorosos uns para com os outros, é o compromisso e a determinação de buscar o melhor interesse uns dos outros a qualquer preço.

## **Encorajamento**

Se eu tivesse a oportunidade de ser pai novamente, eu daria muito mais atenção ao encorajamento aos meus filhos. Ser encorajador não é algo natural para mim; eu não experimentei muito encorajamento quando estava crescendo. Meus pais, na verdade, nunca me desencorajaram ou me impediram de fazer o que eu queria na vida. Ao contrário, uma vez que tivesse tomado uma decisão, me apoiariam. O que eu senti que perdi foi o encorajamento deles enquanto eu formulava minhas decisões.

Todos nós precisamos e respondemos ao encorajamento. O Espírito Santo é o grande encorajador. Ele não está somente ali ajudando-nos a tomar a decisão correta, mas ele também está ao nosso lado, encorajando-nos no desenrolar daquela decisão.

Existem momentos quando nos sentimos como Elias, amedrontados e deprimidos; passamos o suficiente e estamos totalmente exaustos (1 Reis 19:3-5). É nessas horas que precisamos de encorajamento, e Deus fez com que Elias recebesse somente aquilo de que ele precisava. Veio na forma de

um anjo trazendo comida, água e repouso – não é exatamente como Deus faz? Quando Elias foi ao pináculo da fé, Deus ministrou-lhe através de corvos (1 Reis 17:2-6), mas quando chegou ao abismo do desespero, Deus enviou um anjo (1 Reis 19:5-9). Nossa inclinação natural seria provavelmente reverter a ordem, mas Deus – sendo um Deus de encorajamento – sabe quando os anjos são necessários.

Quando senti pela primeira vez o chamado de Deus em minha vida, encontrei muito poucos que, de fato, me encorajaram. Houve muitos que me alertaram 'não se arrisque'.

Outros ficaram preocupados em apontar as armadilhas perigosas, enquanto que mais pessoas me deram bons motivos para eu não dar o passo de fé. Pouquíssimos me disseram para arriscar tudo para Deus.

Mas o que eu queria, mais do que tudo na vida, era arriscar tudo para Deus. Eu raciocinei que seria preferível ir à falência por Deus a qualquer outra pessoa. Em minha opinião, Ele era o único por quem valeria à pena. Eu decidi que preferiria permanecer diante de Deus e dizer, 'eu tentei porque eu queria Te servir,' do que ouvir Ele me dizer, 'Por que você ao menos não tentou?'

Eu agradeço a Deus por homens como Denis Clark. Como um jovem convertido eu o conheci durante uma cruzada no sudeste de Londres. Ele era meu herói. Quando eu preguei meu primeiro sermão em uma pequena capela no interior, um mês ou dois depois de minha conversão, aquilo foi anunciado no escritório da cruzada (para meu embaraço). Denis demonstrou grande interesse e falou comigo sobre minha experiência, perguntando quantas pessoas estavam presentes na congregação. Quando eu lhe disse que foram cerca de doze pessoas, ele comentou que foi o dobro do número presente em seu primeiro sermão. Que encorajador saber que aquele homem de Deus, que pregava para milhares, tinha começado daquela forma. Eu soube, naquele momento, que havia possibilidades para mim.

Foi por causa do encorajamento que recebi de homens como Denis, e o desencorajamento de tantos outros, que eu prometi a Deus que buscaria encorajar os outros ao serviço e ministério de Deus. Algumas pessoas podem argumentar que seria com certeza o suficiente ter o encorajamento do Senhor; afinal de contas, Davi encorajava a si mesmo no Senhor (1 Samuel 30:6). É verdade, mas era porque não havia ninguém ao redor dele preparado para encorajá-lo – de fato eles estavam a ponto de apedrejá-lo até a morte.

O dom do encorajamento (sim, é um dom) é desesperadamente necessário na igreja (Romanos 12:8). Precisamos de pessoas que sejam chamadas pelo Espírito para se posicionar ao lado de outros, encorajando-os a ir, dizendo, 'Você consegue, continue.'

Recordo-me de ir ver um de meus amigos correrem na Maratona de Londres. Quando ele apareceu depois de ter corrido cerca de 36 km, com seu rosto deformado e seus pulmões arfando, ele precisava de todo o encorajamento de que podia conseguir para terminar o percurso. Tão disposta estava sua esposa tentando encorajá-lo correndo ao seu lado incentivando-o, que ela



deu de cara violentamente contra um poste de luz. Devia haver uma lição ali, sobre os riscos de correr para encorajar os outros.

Ide e encorajai outros. 'Corra' ao lado deles. Diga-lhes se você os viu progredirem, e conte-lhes que você aprecia o que estão fazendo para Deus.

### **Dar graças**

'Dou graças ao meu Deus todas as vezes que me lembro de vós.' (Filipenses 1:3).

Paulo não somente dizia a Deus que era grato pelos cristãos de Filipo, mas também lhes dizia isso em sua carta. Somos sempre tão lerdos em demonstrar nossa gratidão uns aos outros. Nós parecemos pensar que se demonstrarmos aos outros nossa gratidão, correremos o risco de 'roubar a glória de Deus', ou que podemos levá-los a se tornarem orgulhosos. Creio que a razão real de falharmos em demonstrar gratidão é para nos protegermos.

Quando realmente somos gratos por algo, nos tornamos muito mais cuidadosos em relação a ele, e mais responsáveis por sua segurança. Vamos apenas pensar em algumas coisas pelas quais somos gratos – talvez um carro, ou um emprego, ou um presente que recebemos. Certamente que os valorizamos e cuidamos deles muito mais porque somos gratos por eles. Exatamente o mesmo se aplica as pessoas pelas quais somos gratos. Tão logo começamos a demonstrar nossa gratidão, comprometemo-nos a cuidar delas.

Jesus não era lerdo em demonstrar sua gratidão. Nas cartas às igrejas na Ásia, sempre que havia alguma coisa para apreciar ou elogiar, Ele o fazia sem hesitação. (Apocalipse 2 e 3) Ele demonstrava antes sua gratidão, não para atenuar o baque da crítica, mas simplesmente porque primeiro ele via e elogiava o que era bom.

É triste o fato de que nós não expressamos nossa gratidão. Sei que isto é verdade para mim. Hilary tem cozinhado tantas ótimas refeições pelas quais eu não tenho expressado minha gratidão, mas se ela comete qualquer deslize com alguma, eu sempre comento. Espero que eu aprenda a corrigir isso. Espero que aprendamos em nossas igrejas. As pessoas deveriam ser proibidas de trabalhar sem palavras de gratidão. Não deveria haver comentários somente quando as coisas não dão certo. Somos todos encorajados quando nos demonstram gratidão, e motivados a seguir e a fazer mais para Deus.

Pessoalmente eu acho um grande encorajamento quando as pessoas demonstram seu reconhecimento ao meu ministério. Em anos recentes tenho tido que me acostumar com as pessoas batendo palmas em meus sermões, e tenho que confessar que eu gosto disto. Eu não penso que é porque meus sermões têm melhorado, mas sim que as pessoas, para as quais eu prego, estão mais preparadas para demonstrar seu reconhecimento.

Às vezes, em nossos pequenos grupos e equipes, temos momentos de expressão de nossa gratidão por aquelas coisas que reconhecemos uns nos

outros, pelas quais podemos verdadeiramente dar graças a Deus. Mencionamos aquelas qualidades e dons de Deus, que vemos expressas nas vidas uns dos outros. O valor disto, em termos de desenvolver as pessoas em Deus, não pode ser percebido até que tenha sido experimentado.

Não deveríamos ter que esperar para especialmente planejar reuniões para falarmos de nossa gratidão. Melhor seria que, como Paulo, nós devêssemos declarar, 'Porque, que ação de graças poderemos dar a Deus por vós, por todo o gozo com que nos regozijamos por vossa causa diante do nosso Deus?' (1 Tessalonicenses 3:9).

Quantas pessoas sabem que agradecemos a Deus por elas?

## **Cuidado**

O incentivo pode ser resumido em uma única palavra. O cuidado pelos outros de uma maneira eficaz e significativa foi com certeza a que Paulo se referiu quando escreveu: antes fomos brandos entre vós, como a ama que cria seus filhos. Assim nós, sendo-vos tão afeiçoados, de boa vontade quiséramos comunicar-vos, não somente o evangelho de Deus, mas ainda as nossas próprias almas; porquanto nos éreis muito queridos...

Assim como bem sabeis de que modo vos exortávamos e consolávamos, a cada um de vós, como o pai a seus filhos; para que vos conduzísseis dignamente para com Deus, que vos chama para o seu reino e glória. (1 Tessalonicenses 2:7-8; 11-12).

Nós demonstramos a preocupação de Paulo pelo crescimento dos outros? Nós cuidamos o bastante, trabalhando dia e noite para que não sejamos um fardo para eles? Cuidamos o bastante para compartilhar nossas vidas assim como o evangelho com eles? Cuidamos o bastante para confrontá-los quando for necessário? Recordo-me de dizer a um amigo que se necessário fosse, eu arriscaria minha amizade por ele, como preço a pagar por seu bem-estar. A extensão de meu cuidado por ele seria provada pela minha disposição em me afastar e deixar que Deus lidasse com ele.

Eu posso pensar nas vezes, quando aqueles que eu estava treinando passaram por experiências profundas. Tudo dentro de mim queria intervir e proteger ou resgatá-los, somente para ouvir Deus dizendo-me, 'não se atreva a se aproximar deles – Eu estou fazendo a minha obra.'

'Mas Deus, eles irão pensar que eu não me importo,' eu respondia. Em retorno, Deus dizia, 'Depois eles saberão que você se importava mais do que você se importa com o que eles irão pensar a seu respeito.'

Incentivar é cuidar dos outros – o bastante para vê-los bem-sucedidos nos caminhos de Deus.

## **8. Mulheres no Ministério e na Liderança**

Creio que a questão das mulheres no ministério e liderança será muito grande nos próximos anos. Tem havido uma mudança significativa do ministério de 'um único homem' para o 'ministério da vida corporal' que tem

focalizado o fato de que as mulheres, sendo parte do corpo, estão, portanto inseridas nos ministérios. Como me disse um homem, 'eu costumava interpretar o ministério como somente 'ministério de púlpito', mas agora que vejo que é um ministério corporal, mudei meu ponto de vista quanto ao direito das mulheres ministrarem.

Não tenho dúvida de que em um futuro próximo veremos mais e mais mulheres emergindo com ministérios e dons de liderança, e sendo aceitas pela maioria das igrejas. Se isso for acontecer, é importante preparar as mulheres através do aprendizado como ocorre com os homens.

Nos últimos oito anos tenho trabalhado estreitamente com mulheres em grupos de liderança de ministérios. Inicialmente fui um membro de tal grupo; depois continuei a compartilhar a liderança de outro grupo com uma mulher. Durante aquele tempo eu devo ter estudado cada escritura existente sobre o assunto, li um número de livros, e ouvi a maioria dos argumentos pró e contra as mulheres na liderança. Levando tudo em consideração, e reconhecendo a unção e bênção daquelas mulheres, estou plenamente convencido de que as mulheres têm um papel válido a desempenhar na liderança na igreja.

Como tenho dito, ouvi a maioria dos argumentos contra as mulheres na liderança. Um popular é que Jesus tinha somente homens em seu grupo. É verdade, mas ele também tinha somente judeus. Isso significa que a futura liderança da igreja deva estar nas mãos de homens judeus?

O fato é que não era apropriado, naquele tempo, Jesus ter mulheres ou gentios como parte do grupo apostólico. Mas ao excluí-los, Ele não estava estabelecendo um modelo para sempre.

Jesus estava bastante preparado. Ele surpreendeu seus discípulos com este contato, e foi mal interpretado por eles e outros quando Ele estava preparado para receber a ministração de mulheres (Mateus 26:5-13) poucas pessoas tem sido mais altamente recomendadas por seu serviço do que Maria e seu ato extravagante de amor.

Creio que Deus deve sofrer quando vê tantos dons e ministérios em potencial – de fato, em mais da metade da igreja – vistos como aquilo que um amigo meu chama de 'ativos congelados'.

Paulo também valorizava grandemente o ministério e a amizade de mulheres em sua obra. Ele escreve de mulheres que trabalharam ao seu lado (Filipenses 4:3). Ele as une na mesma sentença com homens como 'cooperadores', e por meio disso eu não acho que ele quis dizer no trabalho de secretariado ou de servir bebida depois das reuniões da comunidade!

Romanos 16 demonstra o quanto Paulo respeitava as mulheres e seus ministérios na igreja. Ele escreve sobre Febe, no diaconato da igreja. (A palavra que ele usa com relação ao diaconato é usada em outros lugares para referir a si mesmo e a outros líderes do sexo masculino.) Ele declara que ela tinha sido de grande ajuda para muitos, incluindo a ele mesmo. No versículo seguinte Priscila recebe elogios junto com seu marido, Áquila, ambos

cooperadores de Paulo, e no verso seis, Maria, que tinha trabalhado duramente para a igreja.

No versículo sete temos a questão intrigante sobre Júnias, que foi elogiada junto com Andrônico como se distinguindo entre os apóstolos. A grafia antiga é a versão feminina de Junianus, que é a versão masculina do mesmo nome. Com certeza alguns dos primeiros líderes da igreja consideravam que este apóstolo era de fato uma mulher. Crisóstomo, um dos primeiros bispos, muito respeitado pelos Reformadores, escreve, 'Oh agora grande é a devoção dessa mulher, que deveria ser considerada digna da denominação de apóstola'

Um pouco mais adiante, no mesmo capítulo, Trifena e Trifosa são elogiadas por trabalharem duramente para o Senhor, e Pérside é descrita como uma amiga muito querida de Paulo. Outras mulheres também são identificadas na saudação, embora nada seja dito sobre seus ministérios, o fato exato delas serem mencionadas mostra que Paulo não se movia em uma sociedade cristã orientada aos homens onde as mulheres desempenhavam pequenos papéis, tanto na vida ministerial quando na vida social da igreja. O conteúdo total do teor das escrituras de Paulo parece indicar que as mulheres, tanto quanto os homens, desempenhavam papéis ativos na vida das igrejas que ele visitava.

Não sou ingênuo o bastante, para presumir que posso mudar a mente de qualquer pessoa sobre o tema das mulheres no ministério, com a breve abordagem dada aqui. Preocupa-me que tão frequentemente exista mais calor do que luz gerada quando o assunto é levantado e de forma alguma gostaria de por lenha na fogueira.

Devemos, entretanto ter consciência das enormes inconsistências com as quais a igreja tem vivido por muitas gerações. Com nossa bênção, temos enviado mulheres a ministrar nos campos missionários no além-mar, mas negado a elas o direito da oportunidade de ministrar em casa.

Tenho conhecido homens que têm objeção às mulheres na liderança, mas depois me contam das bênçãos que receberam de mulheres que ministraram a eles. No sentido inverso, existem homens que publicamente falam do direito das mulheres tomarem parte de um grupo apostólico, mas somente têm homens em seu próprio grupo. Essas atitudes com frequência resultam em homens tentando desempenhar um ministério para o qual não são adequados e nem ungidos, enquanto que existem mulheres na igreja que são obviamente dotadas e estariam ministrando se não fosse o fato delas serem mulheres.

Estou totalmente ciente de todos os diferentes pontos de vistas nesta questão, as escrituras que são usadas como apoio, e os perigos que cada ponto de vista destaca. Isto me recorda dos argumentos que costumava ouvir, como Diretor da BYFC, nos anos setenta, a respeito da música rock cristã. No fim eu cheguei à conclusão que aquilo que realmente era uma questão cultural ou emocional, ou simplesmente matéria de gosto, tinha sido 'teologizada' e assim aberta a ser categorizada como 'certo' ou 'errado'.

Creio que deveríamos incluir aprendizes em nossos grupos de liderança, e isto inclui mulheres assim como homens. Eu aplicaria o mesmo teste de

adequação ao aprendizado para uma mulher assim como para um homem. Ela foi chamada? Ela tem um coração servil? Ela é ensinável, fiel e capaz? E ela tem um coração para Deus?

Provavelmente eu iria mais longe e adicionaria outra questão a este teste: a situação é apropriada para mulheres no ministério e liderança? Isto seria aplicável, se o grupo estivesse trabalhando em uma cultura que não permitisse que, homens e mulheres se misturassem em público, ou que as mulheres desempenhassem um papel de líder na sociedade. Tendo disto isto, estou convencido que existem muitas ocasiões e oportunidades quando é certo e apropriado que mulheres sejam incluídas no aprendizado para desenvolverem seus dons e ministérios, assim elas poderão assumir seu lugar na liderança da igreja.

## **9. O aprendizado pelo Exemplo**

'Não é o graso, mas o vôo do pato selvagem que leva o bando a voar e seguir'  
Provérbio chinês.

Ensinar pelo exemplo é a forma de ensino mais natural que existe. Aprendemos quando crianças de nossos irmãos e irmãs mais velhos, par o bem ou para o mal. Nós copiamos nosso pai e ou nossa mãe. 'Não coloque seus cotovelos sobre a mesa,' minha mãe costumava me dizer quando criança. 'Mas mãe, o pai faz isso.'

'Quando você for grande como seu pai, você também poderá fazê-lo,' era a escapatória de minha mãe. Eu ainda posso me lembrar de minha satisfação, quando finalmente era grande como meu pai, em colocar deliberadamente meus cotovelos na mesa e sorrir provocantemente para minha mãe.

Quantas vezes você ouviu uma pessoa dando seu testemunho e dizer algo assim, 'eu percebi que meu amigo tinha algo que eu não tinha, e eu queria aquilo.' Aquele amigo estava simplesmente sendo um exemplo.

Certamente que alguém pode dar tanto bons quanto maus exemplos. Foi Friedrich Nietzsche, o filósofo ateu e fundador membro da teologia 'Deus está morto', que, tendo estado com uma família cristã quando era estudante, reputa-se ter dito, 'se eles tivessem agido mais redentoramente, talvez eu tivesse crido em seu redentor.'

Líderes são pessoas que estabelecem um exemplo que outros escolhem seguir. Aqueles que os seguem, fazem-no porque têm confiança neles, e crêem que eles os guiarão para boas coisas. Paulo, reconhecendo a influência que um líder pode exercer, instrui Timóteo: 'sê o exemplo dos fiéis, na palavra, no trato, no amor, no espírito, na fé, na pureza. (1 Timóteo 4:12).

A igreja como um todo deveria ser um exemplo para o mundo. Um de meus versículos favoritos sobre a igreja é Efésios 3:10, onde Paulo revela a intenção de Deus 'para que agora, pela igreja, a multiforme (literalmente multicolorida) sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus.' Isto não é impressionante? Assim como as gotas de chuva mostram a gama completa das cores do arco-íris quando a luz passa através

delas, assim a igreja demonstra a gama completa da sabedoria de Deus para os principados e potestades nos céus. Somos aquela igreja e somos aquele exemplo.

## **Observar e aprender**

De longe, a maneira mais eficaz de ensinar é demonstrar primeiro, dando um exemplo para os outros seguirem, e depois vê-los fazerem, dando encorajamento e sugerindo melhorias necessárias. Este método está no cerne de fazer aprendizes.

Minhas recentes experiências no golfe demonstram a eficiência desta modalidade de ensino. Ao ver golfistas profissionais na televisão fazerem o jogo parecer fácil, e como eu vinha treinando tacadas há meses, decidi fazer algumas aulas. Dizer que foi uma revelação seria um eufemismo. Ter um experto bem ao meu lado, demonstrando, assistindo, ajudando a fazer ajustes e apontando o que eu estava fazendo de errado, foi uma experiência esclarecedora. Eu gostaria de dizer que meu golfe melhorou drasticamente, mas ainda é muito cedo para dizer. Como eu disse a meu amigo pároco e parceiro de jogo, 'agora eu sei o que venho fazendo de errado, e pelo menos sou capaz de errar com estilo, mas eu estou aprendendo.'

Quando Jesus quis dar aos Seus discípulos uma lição sobre aprendizado, Ele pegou uma bacia e uma toalha e lavou os seus pés. Então Ele prosseguiu dizendo, 'Porque eu vos dei o exemplo' (João 13:15). Alguém apropriadamente disse, 'Um grama de exemplo vale mais do que um quilo de exortação.'

Da mesma maneira, Paulo procurou treinar a igreja de Corinto. Eles não tinham nenhuma herança de experiências cristãs, nenhuma escritura do Novo Testamento, nenhum livro devocional ou autobiografias dos grandes santos. Qual modelo eles poderiam escolher para basear sua vida cristã? 'Sede meus imitadores,' Paulo os aconselhou, 'como eu também de Cristo' (1 Coríntios 11:1). Novamente, ao escrever para a igreja em Filipo, ele disse, 'O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fazei; e o Deus de paz será convosco. (Filipenses 4:9). E à igreja em Tessalônica ele escreveu, 'E vós fostes feitos nossos imitadores, e do Senhor, ... De maneira que fostes exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia.' (1 Tessalonicenses 1:6-7).

Tenho ouvido muitos cristãos dizerem, 'não olhe para mim, olhe para Jesus.' Embora eles possam soar pios e humildes, o que estão dizendo, na verdade, é 'sou tão consciente de minhas inadequações que realmente não acredito que você vai ver Jesus em mim, e como quero que você veja Jesus, por favor, não olhe tão atentamente para mim.'

Certamente dizer que somos um exemplo, de forma alguma implicará que temos alcançado o estado da perfeição, ou que somos infalíveis. Apenas olhe para alguns dos grandes líderes na Bíblia – Moisés, Elias, Samuel, Davi, Pedro, Paulo. Eles são retratados honestamente, com todas as suas falhas e pontos fracos, assim como seus pontos fortes. Eles são homens 'exatamente como nós' (Tiago 5:17). Suas fraquezas não impediram Deus de usá-los como exemplos para os outros seguirem.

Deus pretende exhibir agora sua sabedoria multifária através da igreja. Ele não está esperando que alcancemos a perfeição, mas quer que olhemos para nós mesmos, e vejamos que temos algo a mostrar às pessoas neste momento. Como eu disse à minha comunidade local, nós ainda não alcançamos tudo, certamente não temos o bastante, mas conseguimos algo de Deus, através do qual podemos mostrar aos outros como seguir a Cristo.

Quando os discípulos viram Jesus em oração, eles quiseram imitá-LO. 'Ensina-nos a orar', foi a reação imediata. (Lucas 11:1). Isto me faz lembrar uma ocasião, quando um pastor de uma igreja na Europa oriental pediu-me para ir com ele orar por um membro enfermo de sua congregação. O mesmo pastor tinha me falado previamente de sua preocupação de que pouquíssimos homens na igreja estavam preparados para assumir as responsabilidades. Eu me recusei a prosseguir com a visita e ao invés disso lhe disse, 'leve consigo um homem de sua congregação, deixe que veja como você ora pela pessoa enferma, ensine-o a seguir o exemplo. E depois, na próxima vez, envie-o junto com alguém mais.'

Eu disse que no começo de minha vida cristã, Denis Clark era meu herói. Ele também era meu exemplo. Eu aprendi como orar ouvindo Denis. Quando ele orava, eu podia sentir os portões do inferno chacoalhando em suas dobradiças. Ele atacava as forças das trevas em nome de Jesus.

Naqueles primeiros dias descobri que tinha aprendido até a falar como Denis. Ele era sul-africano, e eu simplesmente não podia entender por que as pessoas pensavam que eu vinha da África do Sul até o dia em que percebi que tinha estampado minha vida em Denis até esse ponto. Seu amor e respeito pela palavra de Deus, e seu coração e ministério evangelísticos, foram todos bons exemplos que eu procurava imitar. Acho que a única área na qual eu não seguia seu modelo era na construção de seu sermão, e aqueles que conheciam Denis sabiam que isso seria imitação.

Mas seguir o exemplo da vida de alguém é perigoso? Não seria melhor somente seguir o exemplo de Jesus? Poderia ter sido perigoso imitar Denis se ele não tivesse sido tão completamente comprometido com Jesus e não seguisse Seu exemplo. Para mim, que sabia tão pouco sobre Jesus, foi útil ter um exemplo vivo de como amar Jesus e ser igual a Ele.

Vamos analisar mais profundamente como podemos ser um exemplo para outros seguirem.

## **A teoria**

É essencial que antes que comecemos a estabelecer ou a seguir um exemplo, saibamos o que estamos buscando desenvolver, e os princípios através do quais isto possa ser alcançado.

Acho significativo que, embora Paulo escreva para uma igreja sobre um problema particular, suas cartas são normalmente iniciadas com uma declaração de doutrina antes de prosseguir na escrita sobre a execução na prática daquela doutrina. A conclusão é clara – não viveremos de maneira correta até que saibamos o que é correto, porque aquilo em que uma pessoa realmente crê sobre Deus, determinará a forma como ela se comportará.

Como A. W. Tozer diz em seu excelente livro "The Knowledge of the Holy" (O Conhecimento do Sagrado – na tradução livre, James Clark 1961):

Uma concepção correta de Deus é básica não somente para a teologia sistemática, mas também para a vida cristã prática. O templo é a base para se adorar; se for inadequado ou fora do prumo, a estrutura toda, mais cedo ou mais tarde entrará em colapso. Creio que quase não existe erro de doutrina ou falha na aplicação da ética cristã que definitivamente não possam ser rastreados por pensamentos imperfeitos e ignóbeis sobre Deus.

Existe quase uma objeção não mencionada ao tema da doutrina de Deus nos dias atuais, e se não for uma objeção, será sempre uma ignorância preocupante. A atitude de tantos parece ser do tipo, 'não vamos nos aborrecer com a teoria, vamos direto à prática.' Talvez isto seja uma reação à ênfase excessiva da teoria sem a prática que a acompanha, que conhecemos no passado, no entanto não seremos capazes de apresentar o resultado correto sistematicamente, a menos que entendamos a teoria por detrás dele.

## **A prática**

Uma vez que tenhamos explicado às pessoas sobre a qualidade de vida que estamos tentando alcançar, deveremos demonstrar esta qualidade em nossas próprias vidas. O exemplo supremo disto é Deus demonstrando Seu caráter na pessoa de Jesus.

Os homens de Deus têm sabido por muito tempo sobre a glória do Senhor. Alguns, como Moisés, tinham desejado vê-la (Êxodo 33:18). Mas foi em Jesus que Deus revelou Sua glória. Como João escreve: E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade. (João 1:14).

Como cristãos partilhando da natureza de Deus, podemos também demonstrar seu amor e poder. Paulo escreve aos anciãos em Éfeso, 'Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós' (Atos 20:18). Ao seu jovem aprendiz Timóteo ele escreve,

Tu, porém, tens seguido a minha doutrina, modo de viver, intenção, fé, longanimidade, amor, paciência, perseguições e aflições tais quais me aconteceram. (2Timóteo 3:10).

Eu acho que alguns de nós teríamos que confessar que somente poderiam dizer, 'sabeis tudo sobre meu ensino.'

Timóteo era capaz de experimentar a demonstração da natureza de Deus em Paulo, ao viajar e trabalhar com ele. Apenas pense no quanto líderes potenciais aprenderiam se pudessem ficar ao lado de homens de Deus mais velhos e mais experientes. Se eles pudessem ficar quando eles orassem, visitassem os enfermos, aconselhassem outros e pregassem. Isso pode ser feito? Pode. É possível até em uma situação de aconselhamento. Aqueles sendo aconselhados sempre darão as boas-vindas à oportunidade de partilhar e orar com mais do que uma pessoa.



## **Aproximando-se**

É difícil de mostrar algo que esteja sendo feito, sem permitir que as pessoas se aproximem o suficiente para vê-lo. Isso pode apresentar seus próprios problemas. Suponhamos que as pessoas se aproximem o suficiente para ver nossas inadequações e falhas? Suponhamos que elas vejam que falamos muito e fazemos pouco; que pregamos sermões eloquentes sobre oração, mas nós mesmos não oramos? Talvez elas descubram que eu sou irritadiço e impaciente.

Sim, elas provavelmente descobrirão tudo isso e muito mais. Isso simplesmente significa que teremos que ser muito honestos, o que não é uma coisa ruim para todos os interessados.

Devo dizer que para mim foi uma surpresa maravilhosa assistir Ian Andrews ministrar a cura. Ele encorajava as pessoas a se aproximar para verem o que acontecia, perguntando a algumas se gostariam de tentar, corrigindo-as se elas errassem, partilhando de sua alegria óbvia quando Deus curava.

Posso imaginar os primeiros discípulos aprendendo de Jesus da mesma maneira. Posso imaginar Timóteo dizendo a si mesmo, 'Oh, é assim que é feito? Eu poderia fazer isso.' Talvez ele até tenha pensado que poderia fazer melhor do que Paulo e, quem sabe, talvez tenha feito com um pouco de prática. Devo confessar que muitos de meus ex-aprendizes estão fazendo coisas muito melhores do que eu já fiz – e estou feliz por eles.

## **Sem cópia carbônica**

Quando eu era Diretor da Juventude Britânica para Cristo, nós realizávamos uma conferência anual de Páscoa. Em uma conferência estávamos encorajando pessoas a serem criativas, e levei um pequeno grupo a fazer tiras de humor. Eu havia aprendido originalmente a ser um artista e tinha experiência em tiras, então pensei que seria divertido levantar uma questão usando o humor.

O resultado de nossos esforços criativos foi uma grande tira de uma máquina convertidora. Sendo alimentada de um lado por uma vasta quantidade de jovens de todas as formas e tamanhos e uma válvula de rejeitos para aqueles eu não iriam ser convertidos. Depois havia um tubo de ejeção que lançava fora coisas consideradas inadequadas, e aberturas para alimentação com a dieta correta. Tudo isso era controlado por um operador maquinista, e finalmente, no final da máquina, saía um longo papel contínuo de pessoas idênticas que eram cópias carbônicas do operador. 'Cada igreja deveria ter uma' era o título que nós lhe demos.

Ela causou sorrisos no momento, mas quase todo o humor tem um elemento de verdade nele, mesmo que seja bem exagerado.

'Seu filho não é como você?'

'Oh, você realmente acha? Eu não tinha realmente percebido.'

Certamente que tínhamos notado, e secretamente esperávamos que outros percebessem também. Isto é perfeitamente compreensível e para a maior parte, inofensivo. O dano ocorre quando não respeitamos a identidade e a individualidade da própria pessoa e tentamos fazer dela uma cópia de nós mesmos.

'Vamos fazer discípulos à nossa própria imagem' tem sido sempre o princípio orientador da igreja. Se vamos fazer aprendizes, devemos aceitar o fato de que cada pessoa seja única e não somente aceitar, mas celebrar isso. Cada um será diferente e não pensará necessariamente como nós ou terá os mesmos dons. E mesmo se tiver, poderá não abordá-los da mesma maneira.

Recordo-me de tentar ajudar um aprendiz na preparação de seu sermão. Depois de mais de uma frustração de ambas as partes, percebi o que eu estava fazendo. Eu presumi que ele tinha o mesmo processo de pensamento que eu e, portanto abordaria a questão toda da mesma forma que eu. Na prática ele não o fez e continua não fazendo. Fiquei frustrado com essa pessoa porque pensava que para preparar seu sermão apropriadamente, ele tinha que fazer do meu modo. Meu modo era obviamente 'o melhor' porque eu trabalhei – para mim. Mas não era uma questão de melhor ou pior, mas sim de diferente. Foi uma lição que creio ter aprendido bem. Não pode haver cópias carbônicas na formação de um aprendiz. Cada pessoa é única, dotada por Deus, e deve ser respeitada por sua individualidade.

### **Assumindo riscos**

Em minha opinião, as causas principais da falha, em desenvolver as pessoas e seus dons e ministérios, é a indisposição dos líderes em assumir riscos. Os líderes querem se certificar de que uma pessoa realmente tenha um dom e um ministério de Deus. Eles buscam por um grau de capacidade ou experiência que assegure a bênção de Deus antes que a pessoa receba a oportunidade para ministrar. As razões para isso são simples – os líderes não querem assumir a responsabilidade ou os riscos envolvidos. Às vezes a ambos.

Existem muitos jovens frustrados em nossa sociedade atualmente. Eles se candidatam a um emprego somente para saberem, nas entrevistas, que a empresa está procurando alguém com experiência.

Como um jovem pode ter experiência sem que alguém primeiro lhe tenha dado um emprego é um mistério e uma fonte de frustração para ele.

Igualmente, existem muitas pessoas frustradas em nossas igrejas. 'Você precisa ser uma celebridade antes de entrar em nossa igreja,' foi o comentário feito por alguém em uma igreja em ascensão. Seu comentário foi provavelmente um exagero gerado pela frustração, mas realça o problema de como uma pessoa pode se desenvolver de um ministério inexperiente para um experiente, sem que alguém lhe dê uma oportunidade de tentar. Dar tal oportunidade indubitavelmente envolve assumir riscos.

Quando eu era Diretor da Juventude Britânica para Cristo, aceitei um jovem inexperiente como evangelista associado da BYFC. Ninguém mais o aceitaria, e eu sabia que estava assumindo um risco ao fazê-lo (veja o comentário do próprio Clive no começo deste livro). O fato deste homem jovem, Clive

Calver, que veio a me suceder e se tornou um Diretor excepcional da BYFC, antes de seguir adiante ao Secretariado Geral da Aliança Evangélica na Grã-Bretanha, demonstrou que era um risco que valia a pena assumir.

Embora alguns dos riscos, que tenho assumido nessa área, tenham sido bem-sucedidos, outros infelizmente não o foram. Mas disto tenho certeza – ninguém será bem-sucedido em extrair artífices de aprendizes se for indisposto a assumir riscos. É possível que alguns aprendizes se desenvolvam em artífices excepcionais. É igualmente possível que venhamos a escolher alguém que faça tudo errado e nos deixe e a ele mesmo, muito por baixo.

Se isto acontecer você estará em boa companhia. Jesus teve doze aprendizes; Judas foi reprovado, e Pedro falhou em mais de uma ocasião antes de se tornar um líder excepcional na igreja. Precisamos nos recordar que ambos foram escolhidos especificamente por Jesus, da mesma maneira como todos os outros.

Como temos visto, Paulo teve seus sucessos e fracassos; Timóteo foi um sucesso; João Marcos, por um tempo, um fracasso aparente (Atos 13:13); Dimas, outro do grupo de Paulo, voltou atrás, cedendo à atração do mundo (2 Timóteo 4:10).

### **A dificuldade de assumir riscos**

Descobri que é difícil assumir riscos quando seria mais fácil eu mesmo fazer as coisas, especialmente quando sei que posso obter um resultado mais aceitável. Recordo-me de quando meus filhos eram mais novos e um deles teve dificuldades de montar um aeromodelo. Eu via a cola espalhada, colando tudo ao seu redor, dedos, cabelos, roupas e até os móveis, mas uma quantidade relativamente pequena estava onde deveria estar.

A frustração crescia em mim e em meu filho, enquanto resistia corajosamente à tentação de interferir. Eu cria que poderia fazer mais rápido e mais eficientemente, e aquele produto final pareceria com a foto estampada na caixa. Eu lutei intimamente, 'Ele vai estragar tudo? Ele vai se sentir frustrado e humilhado pela crítica e desistirá da atividade pelo resto da vida?'

Por mais importante que seja se tornar um montador de aeromodelos bem-sucedido, os riscos envolvidos são mínimos, quando comparados aos riscos que assumimos em treinar aprendizes para o ministério. Recordo-me muito claramente me envolvendo no começo com um ministério de escolas, visitando escolas e falando em aulas de Educação Religiosa. Gordon Bailey e eu éramos pioneiros nesse campo, e chegamos a um simples acordo. Gordon iria cobrir a metade de cima do país e eu a metade de baixo.

Mesmo com minha falta de habilidade em aritmética, eu podia calcular que ao planejar visitar cada escola duas vezes ao ano, seria severamente limitado ao número de escolas que poderia visitar. Então decidi que precisava de alguns aprendizes para estar regularmente comigo em minhas visitas. Eu viajaria para uma escola com um desses jovens, ele me assistiria em meu trabalho por um ou dois dias. Ele iria perguntar e aprender, depois no meio da semana viria sua grande oportunidade – sua primeira classe. Até então eu

normalmente teria descoberto qual classe – se houvesse - era a mais calma, mas ainda era uma experiência enervante para ambos.

Parte de minha dificuldade era interna – minha própria insegurança que produzia ansiedade não estava sob controle. Era algo com que eu tinha que lidar se e quando ganhasse relevância. A outra parte da dificuldade era saber que havia muito a perder. Eu não quero dizer se seria ou não autorizado a voltar à escola caso as aulas se tornassem tumultuadas. Não, era algo muito mais sério do que isso. Estávamos lidando com questões eternas, um assunto de vida e de morte. Bem literalmente, esta poderia ser a única vez em que esses jovens ouvissem a verdade sobre Jesus. Alternativamente sua abertura futura ao evangelho poderia ser determinada pelo sucesso do aprendiz em lidar com esse grupo perceptivo e crítico. Com tanto a perder, valia à pena assumir o risco quando eu sabia que poderia lidar com a situação melhor do que eles?

Nessa época, não interferia, calava minha boca, me contorcia interiormente e orava desesperadamente quando o aprendiz se esforçava com a classe.

Valeu à pena? Na totalidade, valeu, mas alguns dos melhores artífices nesse campo atualmente não sabem das agonias que eu passei naquelas ocasiões.

Riscos devem ser assumidos para as pessoas poderem desenvolver seu ministério. O que devemos fazer é permitir-lhes assumir os riscos em situações onde o dano feito, caso eles cometam algum, não seja muito grande nem a eles nem aos outros.

Os aprendizes de direção não dirigem em auto-estradas. O risco envolvido é muito grande. É esperar muito deles que dêem conta de tal responsabilidade, e o dano que podem causar é muito grande.

Aprendi a dirigir quando eu tinha treze anos de idade. Vivíamos em uma grande propriedade com quilômetros de estradas e caminhos particulares, e tínhamos um velho jipe do exército americano, no qual meu pai ensinou-me a dirigir. Embora os riscos fossem reduzidos, eu ainda achei minha primeira condução uma experiência assustadora, especialmente quando ao final, estacionei o carro dentro da garagem, em pânico, e esmaguei a bicicleta do assistente de meu pai contra a parede da garagem. Desesperado, corri para meu quarto, mas meu pai logo me ensinava novamente, no jipe entrando e saindo da garagem até que eu tivesse total confiança. Por falar nisso, meu pai também pagou por uma nova bicicleta para seu assistente.

Não vamos expor aqueles que estão desenvolvendo seu ministério, em uma posição que poderia realmente destruí-los caso venham a falhar. Às vezes, estremeço quando vejo homens e mulheres jovens empurrados para fora da liderança de uma igreja com pessoas nas mais vulneráveis circunstâncias e dificuldades, que poriam à prova a habilidade dos líderes mais capazes e experimentados. É triste ver pessoas com tais ministérios promissores se retirando desiludidos e humilhados à relativa obscuridade.

**Vale à pena?**

Por que assumir o risco quando tanto está em jogo? A resposta é bastante simples. Devemos fazê-lo porque Deus o fez.

Já paramos para considerar os enormes riscos que Deus assumiu? Pense por um momento. Quem de nós, ao lançar um novo empreendimento, escolheria como líderes homens que apenas seis semanas antes tinham desertado e nos renegado? Quem de nós escolheria como porta-voz principal, em nosso benefício, alguém que tivesse negado todo o conhecimento a nosso respeito na hora de nosso julgamento? Tenho certeza que nenhum de nós assumiria tal risco.

E quanto a nós? Parece que Deus apostou Sua honra, em Sua futura igreja e Seu programa de evangelismo mundial, em pessoas como nós. Que risco! E não é que Deus não poderia ter feito melhor. Ele deliberadamente escolheu os loucos, os fracos, os vis e os desprezíveis, para cumprir Seu propósito. (1 Coríntios 1:27-28). Não é uma questão de 'Pobre Deus, veja quem ele tem que aguentar. É uma vergonha que não existam pessoas mais capazes, poderosas e influentes na igreja para que muito mais pudesse ser realizado.' De forma alguma. Deus poderia ter escolhido a nata deste mundo, mas ao contrário, Ele escolheu pessoas como você e eu.

Isto não é um risco terrível? Deus não sabe como nós somos? Como Ele poderia nos confiar tal responsabilidade? Ou Ele sabe de algo que esquecemos? A resposta com certeza, é que Deus não está cego às nossas falhas, e Ele não confia em nós, por nós mesmos. O que Ele tem feito é colocado alguém na igreja em quem Ele confia totalmente – o Espírito Santo. Então se Deus confia no Espírito em nós, não poderemos fazer o mesmo em relação aos outros? Não é um risco aceitável para assumirmos? O fato de poder confiar no Espírito Santo nos outros tem sido, sem dúvida, um dos maiores fatores para eu assumir riscos com pessoas. Não é uma questão de pensamento anelante ou mera presunção; isso seria tentar a Deus. É aquela posição de fé onde posso sentir que Deus está me dizendo que posso confiar nEle naquela pessoa e descansar.

Em tais ocasiões o risco tem provado ser imensamente gratificante. Posso contar sobre o prazer enorme que tem sido para mim pelos anos, ver homens e mulheres jovens crescerem em resposta à confiança que tenho posto neles.

### **Dando os passos**

Se as pessoas forem desenvolver seus dons e ministérios, precisarão ser providas com os passos por meio dos quais poderão crescer de acordo com suas experiências e habilidades.

Permita-me explicar o que quero dizer com passos. Quando me tornei Diretor da BYFC, havia em todo o movimento apenas dois obreiros em tempo integral. Não era somente por causa da falta de dinheiro para empregar outras pessoas, mas mais por causa da falta de oportunidades.

Eu sentia que a BYFC tinha se tornado um local de escala, onde jovens cristãos interessados poderiam ganhar experiência no evangelismo de jovens, antes de prosseguirem para alguma outra área e oferecerem suas vidas ao serviço de Deus. Exatamente quando esses jovens estavam ganhando

experiência e habilidades, a BYFC os perdeu porque não havia oportunidades para que progredissem dentro do movimento. Essas pessoas tinham que ir a outros lugares exatamente quando a BYFC teria ganhado mais da sua eficiência crescente. Decidi então estabelecer passos dentro da estrutura da organização e dessa forma, aqueles que quisessem desenvolver dons e ministérios teriam oportunidade de fazê-lo sem ter que ir embora.

Tenho visto o mesmo tipo de dificuldades dentro das igrejas. Ministérios e dons têm se perdido para a igreja, porque não existem oportunidades para o desenvolvimento e o progresso dentro de uma comunidade local. Não consigo entender por que as igrejas não estabelecem uma série de passos dentro de sua própria estrutura, para permitir que as pessoas sejam capazes de desenvolver seus dons e ministérios ao nível mais alto possível.

Quando me mudei para Guildford, para trabalhar com David Pawson, procuramos lidar com esse problema. O vão entre os bancos e o púlpito era bem grande – demasiado grande para as pessoas darem o salto. O que poderia ser feito para encorajar os ministérios a se desenvolverem? Fechar o vão pela redução do padrão do ministério? Aquilo obviamente não ajudaria no longo prazo. Importar ministros de nível mais alto? Como eu disse anteriormente, o problema com essa opção é que ela não faz nada para desenvolver as pessoas que já estão nos bancos.

Novamente, eu creio que a resposta era criar passos e, por meio deles, oferecer às pessoas as oportunidades de que precisavam para capacitá-las a crescer, de acordo com suas habilidades e dons, ao nível mais alto possível de ministério. Como resultado disso, a igreja deu o passo sem precedentes de selecionar um jovem dentre os membros e deu-me a responsabilidade de ensiná-lo. O fato de mais tarde ele ter se tornado um membro pleno do grupo ministerial, e agora liderar seu próprio grupo em outra igreja de mais de 250 pessoas, prova a sabedoria de criar passos.

Se as igrejas não proverem tais passos, elas enfrentarão um dilema. As pessoas terão que desenvolver seus ministérios em outro lugar. O que para alguns estará bem por causa da direção clara de Deus, mas para outros será a confirmação da frustração. Ou seus dons e ministérios não se desenvolverão porque as pessoas ainda costumam permanecer onde se sentem confortáveis e relativamente seguras.

## **Despertando a ninhada**

... Como a águia desperta a sua ninhada, move-se sobre os seus filhos, estende as suas asas, toma-os, e os leva sobre as suas asas. Assim só o Senhor o guiou; e não havia com ele deus estranho. (Deuteronômio 32:11).

Aparentemente a águia precisa encorajar seus filhotes a voar. Ela pairará sobre eles, dando-lhes uma demonstração. Se ainda se recusarem a deixar a segurança do ninho, os pais irão desmontar o ninho graveto por graveto. Se isso não produzir o efeito desejado, irão levar seus filhotes pelo ar, soltando-os, forçando-os a voar, mas sempre ficando por perto para apará-los com suas asas em caso de perigo.

Uma atitude drástica, talvez, e bastante angustiante para os filhotes de águia, mas se nunca aprenderem a voar, e muito menos aprenderem a subir pelo céu, então alguns passos deverão ser dados para encorajá-los a esticar suas asas e a alçar vôo.

A maioria de nós, provavelmente sente certa simpatia, se não identificação, com os filhotes de águia. Gostamos de ficar onde nos sentimos seguros e confortáveis, por mais alto que seja o penhasco. Gostamos de ficar dentro dos limites daquilo que conhecemos e aprendemos a depender, ao invés de nos lançarmos em vôos de fé.

Há alguns anos, eu experimentei o quão fácil é contar com apoios externos. Por anos ensinei que a igreja era o povo, não o prédio ou os programas. 'a igreja é aquilo que fica quando o prédio desmorona,' como alguém observou. Eu tenho crido de todo o meu coração, mas não percebi o quanto dependia de apoios externos até que nos descobrimos como uma igreja que não tinha nem um prédio e nem um programa. Minha pequena ninhada foi acordada bem drasticamente, e uma vez mais me encontrei tendo que achar minha segurança no Deus vivo.

Se formos encorajar as pessoas a crescerem e desenvolverem-se e aos seus ministérios, talvez tenhamos que desmontar alguns ninhos – aqueles lugarzinhos confortáveis em que as pessoas se estabeleceram. Abraão poderia ter se tornado o pai da fé se permanecesse no conforto e na segurança de Ur? Duvido. Ao reconhecer o potencial óbvio em uma jovem senhora, busquei encorajá-la a usar mais os seus dons. Sua resposta imediata foi, 'Oh, eu deixo isso para o meu marido.'

'Por que, do que você tem medo? Perguntei. Sua resposta imediata e muito honesta foi, 'Fracasso.' Seu temor ao fracasso a mantinha em um lugar confortável e relativamente seguro, quando na verdade poderia ter alçado vôo e subir da mesma forma que seu marido.

O Dr. Paul Tournier em seu livro "A Place for You" (Um Lugar para Você, na tradução livre – SCM Press 1968) fala de Adão após a queda, 'Seu lugar oculto entre as árvores não era seu lugar, mas um álibi.' Um álibi ou um ninho, podem equivaler à mesma coisa – um lugar para ficar onde nos sentimos mais confortáveis e seguros.

Acredito que muitos em nossas igrejas têm optado pela segurança ao invés de voar pela fé. Indubitavelmente Deus tem chamado a muitos para servirem-nO nas escolas dominicais e em departamentos de jovens e como diáconos, mas com certeza, muitos têm se estabelecido ali, porque é onde se sentem confortáveis e seguros. Eu louvo a Deus por homens como John Wimber que despertam a ninhada, desafiando a igreja de Deus a se lançar em vôo ascendente no vento do Espírito.

Quando as pessoas deveriam ser encorajadas a sair e seguir em frente? Bem, se a analogia das águias e seus filhotes é algo a se aplicar, deveria ser somente antes delas se sentirem capazes e prontas para isso. Esteja alerta então. Por mais necessário que um ninho ou dois devam ser despertados, não fique surpreso se isto produzir no processo, guinchos e penas

esvoaçantes. Não consigo imaginar que os filhotes fiquem muito felizes com o distúrbio em sua morada.

## **10. Invasores Espaciais – ou Criadores?**

Quando os aprendizes se tornam mais e mais habilidosos, as pressões inevitavelmente começam a aumentar para que encontrem espaço no qual desempenhar essas habilidades.

Pregar tem sido quase a única responsabilidade do 'mestre artífice', mas os aprendizes estão se tornando agora mais hábeis na arte da pregação e do ensino. Oportunidades terão que ser encontradas e o espaço criado, para que tensões e frustrações sejam evitadas. O mesmo se aplica a outras responsabilidades envolvidas na liderança.

Quando os aprendizes se tornarem mais competentes, serão mais capacitados a assumir a responsabilidade por grandes riscos, e para exercer a autoridade para tomar decisões responsáveis. Eles bem poderão vir a executar essas tarefas tão eficientemente quanto, se não mais eficientemente, do que aqueles que os treinaram. Esse é o momento em que o treinador precisa criar espaço para aqueles ministérios se desenvolverem.

### **Sacando a rolha**

Quando o quarto de cima fica lotado, algo tem que acontecer. A pressão aumentará, e a menos que o líder planeje antes e tome a iniciativa, ele se tornará como uma rolha na garrafa. Os enólogos nos dizem que as rolhas são extremamente necessárias, caso o vinho tenha que alcançar sua maturidade total; elas somente se tornam um problema se ficarem nessa situação por muito tempo. Assim como um conhecedor de vinhos, um bom líder saberá a hora certa de 'sacar a rolha'. Ele deveria estar sempre preparado para se retirar de um trabalho.

### **Jogando o jogo de poder**

A alternativa, certamente, é que os aprendizes ao se tornarem maduros e cada vez mais competentes, o líder se sentirá cada vez mais ameaçado. Ele sente que seu espaço está sendo invadido por esses ministérios promissores, e isso pode significar perigo a todos os interessados. É nesta hora que as pessoas começam seus jogos de poder.

A busca e o apego ao poder não se limitam ao campo político, nem aos conselhos de administração e das oficinas. O jogo do poder e a luta para a partilha da autoridade do leão é contestada muito ferozmente nos círculos da igreja. Devo confessar que tem havido momentos quando Deus me convenceu a jogá-lo tão egoisticamente quanto os outros, e tem havido outros momentos quando eu tenho sido a vítima de uma luta pelo poder.

O rei Saul é um exemplo clássico do que pode acontecer quando o espaço no topo se torna um pouco apertado. (1 Samuel 18).

Ele mais do que ninguém era responsável para reconhecer o potencial em Davi. Foi Saul quem se interessou por Davi, colocando-o ao seu serviço e fez



dele um pajem de armas. (1 Samuel 16:21-22). Os irmãos de Davi não demonstraram nada além de desprezo por ele face a sua disposição de lutar contra Golias (1 Samuel 17). Foi destinado a Saul reconhecer a fé e a bravura de Davi. Foi Saul quem pessoalmente comissionou a Davi e o enviou a lutar contra Golias.

Não vamos nos esquecer do risco que Saul assumiu. Se Davi tivesse falhado, todo Israel teria se sujeitado aos filisteus (1 Samuel 17:8-9). Suspeito que poucos de nós estariam dispostos a colocar nossa posição, nossa família e nosso próprio futuro nas mãos de um jovem sem experiência. O interesse de Saul por David não se limitou à sua vitória sobre Golias. Davi foi levado para a casa de Saul e foi promovido por seu sucesso nas tarefas que recebia. Parecia ser a base de um bom relacionamento.

Então quando as coisas começaram a dar errado? O ponto de virada foi a rejeição de Deus por Saul como rei (1 Samuel 16:26), e a unção de Davi por Samuel (1 Samuel 16:13). Os problemas começaram a emergir conforme as habilidades superiores de Davi começaram a competir e até exceder às do rei Saul. 'E as mulheres dançando e cantando se respondiam umas às outras, dizendo: Saul feriu os seus milhares, porém, Davi os seus dez milhares.' (1 Samuel 18:7).

Talvez as pessoas fossem insensatas ao exaltar Davi acima do rei. Talvez Saul devesse ter aceitado a realidade da situação com boa vontade. Mas se formos honestos, creio que muitos de nós admitiríamos nossa dor e teríamos uma pontada de inveja, se descobríssemos de repente que aquele que havíamos ensinado fosse agora mais aclamado do que nós mesmos.

Poderíamos não recorrer à hostilidade aberta, que Saul demonstrou quando se sentiu ameaçado e inseguro, nem atiraríamos lanças nas pessoas, tentando pregá-las na parede. Mas suspeito que muito da crítica velada, dirigida às pessoas e seus ministérios dentro da igreja, é com frequência uma tentativa de destruir a ameaça que sentimos que representam à nossa própria segurança.

Quando uma invasão do espaço é vista como uma ameaça por aqueles no topo – mesmo quando involuntária – poderá, às vezes, produzir resultados devastadores na liderança e consequências desastrosas para as pessoas. Quando os magos visitaram o rei Herodes, perguntaram sobre o paradeiro daquele que nasceu para ser o Rei dos judeus. Isto foi imediatamente percebido por Herodes como uma ameaça à sua posição, e então tramou para remover aquela ameaça – com consequências terríveis para os meninos nascidos em Belém.

O medo e a inveja do rei Saul por Davi afetou a vida de toda a nação. Os recursos humanos, que poderiam ter sido dirigidos contra os inimigos de Israel, foram desperdiçados ou em perseguir ou em ser perseguido em um conflito interno. As lealdades se tornaram divididas quando o povo se posicionou, e levou anos antes que o povo fosse unido novamente e Israel recobrasse sua antiga glória.

Paulo nos lembra: Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia. (1 Coríntios 10:11-12).

Então como podemos evitar tais calamidades?

### **A necessidade de sensibilidade**

Embora o povo de Israel fosse preciso na avaliação das habilidades de Davi, foi pouco sensível em expressá-la. Cantar em louvor a Davi era uma coisa, mas compará-lo a Saul foi um pouco impensado.

Alguém pode simpatizar com um novo líder que esteja constantemente sendo comparado (normalmente menos favoravelmente) com aquele que ele sucedeu, mas e quando dizem a um ex-líder que seu sucessor é maravilhoso? Ou quando dizem a um ministro o quão grande pregador é seu pároco assistente? Esses julgamentos podem ser verdadeiros, mas podem ser feitos com uma extraordinária falta de sensibilidade. Certamente que tais líderes deveriam estar seguros o bastante em Deus e em seu chamado para não se ferirem ou sentirem inveja. No entanto, se as pessoas realmente se importam com seus líderes, deveriam ser sensíveis aos seus sentimentos.

Aqueles que são chamados para a sucessão deveriam também demonstrar uma medida justa de consideração, caso queiram evitar problemas. Devo confessar sentir um grau de simpatia para com os irmãos de José (Gênesis 37), embora eu não aprove aquilo que fizeram. Vamos encarar, quando José, o segundo filho mais jovem, foi favorecido por seu pai sobre todos os seus irmãos, foi um golpe duro. Depois ele recebeu a túnica de herdeiro, contra toda a tradição conhecida, em detrimento ao seu irmão mais velho, o que tornou tudo ainda mais difícil para eles. Então, aos dezessete anos de idade, ele teve a audácia de contar aos seus irmãos, não uma, mas duas vezes, sobre seus sonhos que previam que governaria sobre eles e que eles se lhe submeteriam. Quem não sentiria simpatia por eles? José estava correto sobre tudo o que disse, mas foi insensato e insensível.

Em contraste, embora eu tenha alguma simpatia por Saul por causa da insensibilidade do povo em relação a ele, eu tenho a maior admiração por Davi. Durante todos os anos nos quais Davi foi perseguido por Saul, sequer uma única vez ele se referiu à sua própria unção e seu chamado legítimo ao trono de Israel. Nem uma vez ele se envolveu em uma luta de poder com Saul. Ele teve muitas lutas, como os salmos revelam, mas as lutas de Davi não eram com Saul, mas com Deus.

### **Saul ou Jônatas?**

Para evitarmos atitudes erradas e reações desastrosas deveríamos aprender da comparação de Saul com Jônatas. O futuro de ambos estava ameaçado por Davi, mas cada um deles demonstrou uma atitude distinta.

Qual foi essa diferença de atitude? É bastante simples, Saul era motivado pelo poder enquanto que Jônatas era incentivado pelo amor.

A fome pelo poder e o desejo de controlar e dominar os outros é um instinto básico ao qual Satanás encontrou reação no coração de Eva no Jardim do Éden: 'Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o bem e o mal.' (Gênesis 3:5). Ser como Deus seria ter acesso ao poder e habilidade e autoridade para exercê-lo.

Foi essa mesma fome que Jesus viu demonstrada em Seus discípulos. Tiago e João pediram a Jesus por uma posição, favor e poder, para se sentarem ao Seu lado na glória. (Marcos 10:35-45). A indignação demonstrada pelos outros poderia, suponho eu, ter sido uma indignação justa à audácia de Tiago e João. Mas Jesus comentou-lhes que tudo sugeria que a indignação procedia de seus próprios desejos por poder e posição.

Qualquer que fosse a motivação deles, Jesus teve o cuidado de salientar que o desejo de dominar, controlar e manipular os outros não era o caminho do Reino de Deus. O caminho de Deus é amar e servir aos outros.

A escolha diante de nós é bastante simples, ou sucumbimos ao nosso desejo pelo poder e controle, ou seguimos o caminho de amar e servir. Não podemos seguir a ambos, e quanto mais procurarmos seguir um deles, nosso desejo e habilidade de seguir o outro diminuirá.

Podemos ver esse princípio em ação no relacionamento entre Saul e Davi. Enquanto Saul buscava dominar e controlar Davi, seu amor por ele e por Deus diminuía. Sua atitude de respeito e confiança profundos transformou-se rapidamente em ódio e hostilidade descarados.

Jônatas, por outro lado, era motivado pelo amor a Davi (1 Samuel 18:1-4). Jônatas não somente reconhecia a unção de Deus sobre a vida de Davi, era mais do que isso. Os cínicos poderão argumentar que ele era motivado pela autopreservação. Sabendo que ao final Davi sucederia ao trono, ele estaria preservando o futuro de sua família para aquela eventualidade. (1 Samuel 20:14-15). Se fosse esse o caso, ele estava correndo um enorme risco, porque ao apoiar Davi, colocou sua própria vida em risco com relação ao seu pai Saul (1 Samuel 20:33).

Não, o amor de Jônatas e seu pacto com Davi significou que ele, a qualquer tempo, iria buscar o bem de Davi e protegê-lo, mesmo correndo riscos em sua própria vida. Ou seja, ele estava disposto a que Davi sucedesse ao trono, mesmo que ao fazê-lo, significaria que jamais iria ocupar aquela posição de poder. Poucas pessoas já alcançaram esse ponto de sacrifício. É verdade que muitos não demonstram nenhuma aspiração ao poder, mas isso é porque não têm acesso a ele. Podemos somente sacrificar, em verdade, aquilo que primeiramente possuímos.

O relacionamento entre eles, porém, era de mão-dupla. A história de Mefibosete mostra que Davi era tão comprometido com Jônatas quanto Jônatas era com Davi (2 Samuel 9).

Quando o espaço se torna apertado, alguém pode ter que se afastar para dar mais espaço, e isso requer relacionamentos muito especiais, tais como aquele entre Davi e Jônatas.

## **O templo de Salomão ou de Davi?**

As lições que podemos aprender de Davi não estão confinadas à sua sucessão ao poder. Também podemos aprender de sua delegação de poder. (1Crônicas 28:29). O grande desejo de Davi era construir um templo para Deus. Porém Deus negou-lhe o cumprimento desse desejo e lhe disse que seu filho Salomão é quem iria construí-lo.

Para crédito de Davi, ele não ficou emburrado ou se tornou invejoso, ao contrário, fez tudo que podia para ajudar Salomão a ter êxito nessa tarefa.

A visão para construir o templo foi de Davi. Foi ele quem derramou o coração em oração, quem planejou, quem exortou o povo a dar e quem deu quantidades de metais e pedras preciosas. Foi Davi quem indicou 'cortadores e artífices em obra de pedra e madeira; e toda a sorte de peritos em toda a espécie de obra.' (1 Crônicas 22:15). Davi indicou sacerdotes, supervisores, músicos, cantores, porteiros e tesoureiros – e ainda assim chamamos o templo de templo de Salomão.

Pergunto-me se Davi se importaria. Pergunto-me se ele está aborrecido em algum canto da eternidade, amargurado porque depois de todos os seus esforços alguém mais recebeu a maioria dos créditos. Não penso por um minuto que ele esteja. Davi foi um líder que criou espaço para os outros, e tenho certeza que estava mais interessado em que o templo fosse construído para Deus do que preocupado por qual nome o templo seria lembrado.

Existe, entretanto, um exemplo ainda maior do que o de Davi e Jônatas. Poderia ser argumentado que Jônatas desistiu de seu direito de ser rei porque reconheceu que Deus havia ungido outro para reinar. Quando poderíamos dizer que Davi desistiu de sua intenção de construir o templo porque lhe foi negado o direito de construir.

E Aquele que é o Rei a Glória, que foi ungido para reinar e tem todo o direito dessa posição? Ele teve acesso ao poder ilimitado cujo direito nunca lhe foi negado; mas voluntariamente desistiu de tudo, tornando-se um nada, assumindo a exata natureza de um escravo, foi gerado como homem e veio servir a humanidade decaída. Ele é Aquele que levou sua obediência ao extremo, que foi levado ao tipo de morte mais degradante e dolorosa que o homem pôde criar. Por que ele negou a si mesmo tanto assim? Para que nós pudéssemos ser bem-sucedidos, para que nos tornássemos filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo. (Romanos 8:17).

'De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus,' diz Paulo aos Filipenses. (Filipenses 2:5).

Quando era um jovem cristão, tive consciência do chamado de Deus em minha vida, fui desafiado pela história de Davi e sua disposição a trabalhar e permitir que outros ganhassem o crédito. Em meu entusiasmo juvenil imediatamente disse a Deus que estava preparado para seguir o exemplo de Davi, mas devo confessar que não tem sido fácil, e às vezes não gosto de ter que fazê-lo.

Tenho certeza de que não estou sozinho quando digo que gosto de receber reconhecimento por aquilo que faço. Deus certamente reconhece que todos nós temos essa necessidade, e Ele tem intenção de responder a ela. Por qual outra razão Ele faria a promessa de recompensar-nos no dia de Cristo (1 Coríntios 3:14)? Quem de nós não tem sido motivado a servir, pensando que um dia ouviremos aquelas palavras, 'Bem está, servo bom' (Lucas 19:17)? Meu encorajamento é que, qualquer um que seja responsável em construir Seu templo, o Senhor dará Seu próprio reconhecimento no dia de Cristo. Enquanto isso, eu tenho que ter a mesma atitude de mente que o próprio Jesus teve, ou seja, negar a mim mesmo dando espaço aos outros para terem êxito.

## **11. Deixar Ir**

É tão verdade para o líder cristão quanto para os pais, que virá o tempo quando teremos que deixar ir, aqueles que temos criado.

Durante a fase de crescimento, o jovem na fé é conduzido através dos difíceis anos de imaturidade. O conhecimento deles, sobre Deus, depende do desenvolvimento de suas habilidades de liderança, e tendo chegado a uma medida real da maturidade cristã, eles agora estarão prontos e capazes a exercitarem a responsabilidade no Reino de Deus. Nesse estágio, sua maturidade deve ser reconhecida, assim como o seu preparo para serem liberados ao ministério.

Mas exatamente quando este ponto é alcançado, e o quanto é importante para as pessoas serem liberadas nesta direção? Paulo escreve sobre a importância de liberar as pessoas na responsabilidade em sua carta aos Gálatas, embora em outro contexto.

O que estou dizendo é que enquanto o herdeiro for uma criança, não será diferente de um escravo, embora com plenos direitos. Ele é sujeito aos tutores e guardiães até que se complete o tempo determinado por seu pai. (Gálatas 4:1-2).

Uma criança judia podia ter bastante riqueza, mas não seria liberada até que fosse reconhecida como uma pessoa adulta. Para o menino judeu havia um tempo pré- estabelecido quando seria reconhecido como adulto. Quando alcançasse a idade de doze anos, seria levado à sinagoga e se tornaria um 'Bar Mitzvah' ou um 'Filho da Lei'. O pai oraria, 'Bendito sejas, Ó Senhor, que me tirou a responsabilidade por este menino.' Depois o filho oraria e, em sua oração, reconheceria que agora seria responsável por suas ações diante de Deus. Havia, e ainda há, uma linha divisória na sociedade judaica entre infância e maioridade.

Para o menino romano, a idade não era prefixada, mas entre quatorze e dezessete anos de idade, era dado um festival, quando seria claramente reconhecido que o filho tinha chegado à maioridade. Entretanto um filho romano, embora fosse reconhecido como um adulto responsável, nunca seria liberado da autoridade de seu pai. Por lei o pai tinha absoluta autoridade sobre sua família. Isto continuava quando seu filho se casava, e se estendia aos netos. Ele podia vender seu filho como escravo e até tinha o direito de

executá-lo. O filho podia alcançar o mais alto posto na terra, mas seu pai ainda tinha o absoluto controle. A história do 'padrinho' remonta a um longo, longo caminho na sociedade italiana.

Em nossa sociedade, na Grã-Bretanha, não existe tal linha divisória entre infância e maioridade. De acordo com a última resolução legal, a pílula contraceptiva pode ser prescrita, sem o consentimento dos pais, a uma garota menor de dezesseis anos. Os jovens podem também deixar a escola aos dezesseis anos e irem ganhar a própria vida. Com essa mesma idade podem conduzir uma pequena motocicleta, tornar-se um paciente voluntário em um hospital psiquiátrico, manter intercurso sexual, e se casar sem o consentimento de seus pais. Eles devem aguardar mais um ano para dirigir um carro ou comprar armas de fogo. Eles devem aguardar outro ano para serem servidos com bebida alcoólica, votar, assumir um financiamento, fazer apostas ou governar como monarcas.

Quando atingem a idade madura de vinte e um anos podem ser hipnotizados em público! É tudo muito confuso. Então quando devemos considerar que uma criança seja responsável como um adulto?

Essa questão pode ser ainda mais confusa na igreja. Esqueça por um momento o campo minado prestes a explodir ao incauto líder de igreja, sobre quando uma criança poderia participar da comunhão, ou com que idade poderia ser batizada ou se tornar membro da igreja. Um campo minado ainda maior é a questão da idade em que uma pessoa alcança a maturidade espiritual, quando ele ou ela podem ser considerados responsáveis o bastante para chegar à liderança. A resposta depende muito das circunstâncias onde estamos. Paulo e Barnabé poderiam apontar anciãos dentro do período de sua primeira viagem missionária que durou somente três anos. De convertido a líder de igreja em três anos! Em algumas de nossas igrejas leva tanto quando convencer os líderes de que estamos prontos para sermos batizados!

A idade, em anos físicos ou no tempo que alguém tem como cristão, pouco tem a ver com a maturidade cristã. Existem aqueles jovens em anos e relativamente jovens na fé, que demonstram extraordinária maturidade. A idade média do grupo que poderiam liderar também pode exercer uma influência se alguém é maduro o suficiente para liderar. Uma igreja predominantemente jovem pode ser liderada correspondentemente por líderes jovens. Como um amigo meu comentou de uma comunidade de jovens, 'Alguém é considerado habilitado para a liderança quando for velho o suficiente para se barbear!'

Na Bíblia não há regra clara de demarcação que nos permita determinar quando uma pessoa está pronta para ser liberada na liderança. Quando chegar a hora de tomar tais decisões, o reconhecimento da maturidade será deixado para o julgamento e critério de um líder ou líderes incumbidos. Esses líderes podem chegar a qualquer lugar entre dois extremos. Existem aqueles que podem reconhecer a maturidade nos outros, mas liberá-los muito pouco ou muito relutantemente e existem aqueles que reconhecem a mesma maturidade, mas liberam as pessoas muito facilmente e lhes dão responsabilidade excessiva.

**Deixar ir muito além**

Alguns líderes operam naquele que pode ser chamado de sistema paternal romano. Outros, mais cínicos do que eu, chamam a tais líderes de 'padrinhos'. Nessa situação não existe dúvida sobre quem tem a autoridade, e essa autoridade é mantida ao longo do relacionamento. Qualquer liberação dessa autoridade é sempre somente cosmética.

Primeiramente devo confessar que tenho uma forte aversão a esse tipo de autoridade, e não encontro escritura que a justifique, embora aparentemente exista. Em segundo lugar, mesmo descontando tantas das histórias de horror que têm sido atribuídas ao 'movimento do discipulado' (a maioria das quais parecem ser fictícias ou exageradas), eu ainda acho que existem atitudes em relação ao exercício da retenção de autoridade que me perturbam.

Paulo, como um pai romano, sempre retinha a autoridade sobre Timóteo a quem considerava como sendo seu filho? É difícil alcançar essa conclusão da leitura das cartas que ele escreveu a Timóteo. Ele escreve como de pai para filho, mas como um pai que roga ou insta com base em um relacionamento de amor e estima, ao invés de um relacionamento de autoridade e controle.

As cartas de Paulo às igrejas, que ele gerou, são também bastante reveladoras. Em questões que diziam respeito aos erros morais ou doutrinários na igreja, seu rogo era com relação à maturidade deles e não à sua autoridade. Mesmo quando seu ministério, personalidade ou integridade eram questionados, Paulo ainda escreve, Além disto, eu, Paulo, vos rogo, pela mansidão e benignidade de Cristo.' (2 Coríntios 10:1). A frase 'vos rogo' (vos suplico) é frequentemente usada por Paulo quando ele queria alguma resposta das igrejas. Sem dúvida, o rogo de Paulo carregava algum peso e, sem dúvida, eles pensariam muito e profundamente antes que decidissem se iriam ou não responder. Contudo isso era escolha deles.

Terry Brewer é alguém que ensinei por um número de anos. Veio o tempo quando eu deleguei a ele a liderança da igreja. Eu tinha criado gradualmente mais e mais espaço para ele e lhe dava uma responsabilidade maior até que um dia decidi que deveria me afastar e dar a ele a liderança da igreja.

Eu fui questionado então, e ainda o sou com frequência, sobre a natureza de meu relacionamento atual com aquela igreja. Eu diria que é como a de um pai para com o seu filho que cresceu e se casou. Você não deixa de ser um pai, mas você pára de ter responsabilidades no novo relacionamento.

Isso não cria dificuldades e perigos? Sim, isso cria, e tem criado. Você pode acabar perdendo tudo. Você bem pode ter que aceitar sentimentos que já não queria. Você pode experimentar tensões e questões sobre como, na prática, o relacionamento vai se sair.

Pode haver muitas dificuldades com que se trabalhar e, como Paulo em seu relacionamento com as igrejas, não tenho sido isento disto. Entretanto, tenho descoberto que trabalhar com as dificuldades produzidas pelo 'deixar ir' é infinitamente preferível ao 'segurar firme'.

## **Quando deixar ir**

Na entrega da autoridade eu tento trabalhar com os seguintes princípios.

Em primeiro lugar, considero se as pessoas relacionadas são capazes de assumir a responsabilidade pela tarefa. Não que elas sejam capazes de fazer tão bem quanto eu creio que possam, ou realizar o trabalho sem cometer erros, mas serão capazes de arcar com as responsabilidades, qualquer que sejam a formas que venham a ter?

Em segundo lugar, tenho que me perguntar se estou certo de que elas tenham autoridade suficiente para cumprir suas responsabilidades. Você já notou o quão frequentemente, nos círculos da igreja, se pede a uma pessoa para cumprir uma responsabilidade sem que tenha autoridade para fazê-la? Sempre se espera que os líderes assumam as responsabilidades enquanto se atrapalham em executá-las, porque a autoridade necessária jaz em outro lugar, talvez com a reunião da igreja, ou ainda com um corpo externo.

Isso cria uma situação quase impossível para os líderes, porque eles não têm autoridade para tomar as decisões significativas.

Em terceiro lugar, considero se a autoridade é a mais próxima do ponto de ação. Em uma situação de batalha, é obviamente preferível que as decisões e a autoridade para aquelas decisões, estejam o mais próximo de onde as ações estejam acontecendo. Seria absurdo se um comandante no campo tivesse que consultar alguém longe do campo de batalha sobre a decisão de abrir fogo. Politicamente, decisões podem ser tomadas em qualquer lugar, mas decisões relacionadas à ação precisam ser tomadas por alguém que esteja em comando e na linha de frente.

Na maioria das organizações, a tomada de decisões tende a subir mais e mais na estrutura organizacional e assim se afastar de onde é importante. O resultado disso são decisões atrasadas, líderes intocáveis e pessoas frustradas. Os bons líderes evitarão essa situação, ao permitir que a autoridade e o processo de tomada de decisão sejam exercidos mais próximos do ponto de ação.

Estou, no momento, envolvido com um número razoável de novas igrejas que têm me dado a responsabilidade e a autoridade de estabelecer a firme liderança, como uma base de seus trabalhos. Quanto tempo este relacionamento vai funcionar e se terei sempre o mesmo grau de autoridade? Minha resposta é que quando meu trabalho for completado, e um presbitério ou liderança forem reconhecidos, então eu deixarei ir. Ao fazê-lo, meu relacionamento autoritário mudará quando a responsabilidade for transferida a outros. Isso não significa que meu relacionamento com elas deixará de existir, mas funcionalmente, significa que estarão operando em uma nova base.

Tendo dito isso, meu amigo e colega John Noble me diz que eu dou as coisas muito facilmente. O que ele quer dizer com isso?

### **Dar fácil e rapidamente**

Eu já escrevi sobre minha admiração por Davi, particularmente sua capacidade de resistir à luta pela autoridade que era sua por direito, mas que



por um longo tempo esteve nas mãos de Saul. A razão pela qual ele não lutou foi bem simples, ele via a Saul como o ungido do Senhor, estabelecido no trono de Israel. Davi estava bastante preparado para esperar nos bastidores até que fosse sua vez de tomar o centro do palco.

O que acho difícil de entender é a facilidade com que Davi pôde se afastar e abdicar de sua autoridade dada por Deus, quando seu filho Absalão se levantou contra ele (2 Samuel 15). Estou convencido de que o relacionamento, que Davi tinha com Absalão, era baseado mais no sentimento do que na realidade. Davi, muito claramente, não entendeu as intenções de seu filho. Embora a rebelião de um filho fosse punida com a morte, e Deus responsabilizasse os pais em trazer suas ações ao julgamento, é bastante claro que Davi não estava disposto a confrontar seu filho ardiloso.

Podemos somente conjecturar o porquê de Davi ter falhado em fazer isso. Ele estava cego aos ardis de Absalão? Ele estava indisposto a confrontar seu filho por causa de sua própria culpa e fracasso em relação a Bate-Seba? Davi estava na liderança, como muitos de nós, e era culpado por negligenciar sua própria família por causa dos trabalhos do reino? Qualquer que seja a razão, nós sabemos que Davi tomou o caminho mais fácil e recuou do confronto.

Suponho que poderia ser argumentado que o teria feito para proteger outros, mas pareceria que seu primeiro pensamento foi para proteger a si mesmo (2 Samuel 15:14).

É fácil ver como podemos dar muito tão rapidamente, para evitar o confronto doloroso. É uma grande tentação recuar, temerosos das consequências, tanto para nós mesmos quanto para os outros. Mas essa não é a única razão pela qual somos tentados a nos retirarmos.

### **Todos os privilégios, mas sem responsabilidades**

Nosso três filhos são agora adultos. Dois estão casados e temos cinco netos. Como a maioria dos avós iremos dizer, é maravilhoso desfrutar de todos os privilégios de ter filhos, contudo sem quaisquer responsabilidades. Como disse um avô 'você pode devolvê-los ao final do dia.' Quem deseja noites interrompidas e ter que trocar fraldas. Quem quer suas roupas manchadas e cheirando a arrotos de bebês?

Sim, desfrutar todos os privilégios sem nenhuma das responsabilidades é na verdade maravilhoso. Devo confessar que me senti um pouco assim quando eu transferi a liderança da BYFC para Clive Calver. Agora, pensei, poderei desfrutar todos os privilégios enquanto Clive assumiu as responsabilidades. Na realidade meus pensamentos refletiam uma fraqueza interna: um desejo de evitar a responsabilidade que, por si mesma, poderia levar-me a dar muito e muito cedo. (eu acrescentaria que este não é o caso de Clive).

Alegrear-se com o sucesso daqueles que irão aprender deveria ser o desejo do coração de todos que aspiram à liderança. Alguém disse que a maior das emoções é levar alguém a Cristo. Eu diria que, para mim, existe uma emoção maior, é ver alguém que eu levei a Cristo levar outros a Ele. Tem sido um raro privilégio meu, alegrar-me com o sucesso daqueles que tenho ensinado. Para realmente conhecermos essa alegria e privilégio, devemos estar

dispostos a reconhecer a maturidade nesses aprendizes e para liberá-los no tempo certo e na direção certa, nos ministérios preparados para eles.

## **APÊNDICE**

### **Do Outro Lado Por Terry Brewer**

O conceito de discipulado foi esclarecido para mim não muito tempo atrás, quando Phil levou-me a um clube de golfe com a ideia de ensinar-me a jogar. Minha experiência anterior equivalia aos jogos de golfe-louco ou jogos com meus filhos em um campo de golfe.

A maior parte do tempo foi gasta com a demonstração de como segurar o taco, como se posicionar e como gingar o corpo na tacada. Pensei que seria mais fácil do que era na verdade. Eu tinha visto, na TV, nomes famosos baterem na bola passivamente sem esforço, direto para o buraco e tudo aquilo parecia bastante possível.

A primeira parte de meu 'aprendizado' do jogo de golfe foi assistir Phil. Ele me mostrou como segurar o taco, como posicionar o corpo e etc. Depois foi minha vez de praticar como segurar o taco. Ao tentar, Phil fazia correções, observações e encorajava-me. Depois fui aprender a movimentar o taco, fazendo pontaria em uma bola não existente que de fato era um pedaço de borracha estrategicamente posicionado.

Em primeiro lugar, eu assisti a Phil fazê-lo, observando seus movimentos, recordando-me do que tinha dito, ouvindo seu resumo. Minha vez chegou. Conforme progredíamos, parecia que eu tinha mais e mais para me lembrar, e continuava passando tudo em minha mente. Phil continuou a fazer comentários enquanto íamos de um estágio ao outro.

Nosso movimento seguinte foi unir tudo. Uma bola de verdade foi colocada na grama. Novamente eu observava primeiro, assistia a cada movimento, lembrando-me de todos os comentários. Paulada! Bola arremessada, direta e verdadeira, chegando ao final a parar, mais ou menos, a 200 jardas do marco.

Então chegou o grande momento – minha vez. Segurando o taco, gingando corretamente, conectando-me com a bola. Braços para cima, bem esticados, e vamos nós! O taco desceu, braços esticados, músculos retesados, concentração ... rangido – a bola quicou na grama e aterrissou fora do campo. Tentei novamente, e continuei a tentar até que o fizesse certo.

Para mim, ser um aprendiz tem muita semelhança com aprender a jogar golfe. Há muito a aprender, e muitas tentativas de fazer as coisas corretamente e bem; há muitos erros, aborrecimentos, dores de cabeça e tristezas; muitos tropeços de um lugar ao outro antes de finalmente chegar a um lugar. Em retrospecto, a única coisa que me ajudou, mais do que tudo, a sobreviver e ter êxito no aprendizado foi minha disposição para aprender. Isso pode soar bastante simples, mas na realidade, eu estava para descobrir que a palavra 'disposição' cobriu virtualmente cada parte de minha vida.

**Encontrando a pessoa certa com quem aprender.**

Foi nos meados dos anos 70 que eu senti pela primeira vez, que queria estar naquilo que creio ser descrito, enganosamente, como 'tempo integral' para Deus.

Naquela época, recordo-me de dizer a amigos que, cria que isso era o que Deus queria para mim. Creio que sentia que ninguém, nem mesmo os anciãos da igreja, ouviriam ou achariam importante, se dissesse que era o que eu queria. Com o passar do tempo tornou-se cada vez mais aparente que isso também era o que o Senhor queria. Os dois tinham que ir, de mãos dadas.

Esse chamado particular parecia evaporar no que dizia respeito à liderança da igreja, depois de nossas conversas iniciais juntos. Naquela época, porém eles estavam falando com Phil Vogel sobre ele se tornar parte da equipe de liderança. Como eu era o responsável pelo trabalho com os jovens na igreja, pediram-me que conversasse com Phil sobre o que estávamos fazendo com nossos jovens, descobri que ele era alguém com quem podíamos falar, e ele também partilhava de meu desejo de alcançar e ver a igreja mobilizada.

Eu tinha vinte e nove anos de idade quando me encontrei com Phil pela primeira vez. Tinha minha própria casa, tinha uma esposa e três filhos e era bem-sucedido profissionalmente. Para chegar a um relacionamento e ambiente onde tivesse que começar a aprender, tive que engolir meu orgulho.

Para me tornar designer de interiores e moveleiro tive que passar sete anos aprendendo minha profissão, e dei um suspiro enorme de alívio, quando terminei em meus vinte anos. Eu fiquei feliz de ter deixado para trás todos aqueles estudos, as intermináveis palestras, os seminários, demonstrações, cursos e vários exames. O pensamento de voltar novamente para tudo aquilo me deprimia. Mas por dentro eu sabia que não havia outra escolha. Eu tinha que estar preparado para aprender, para começar do zero.

Suponho que isto seja mais bem destacado na situação em que eu me encontrava no final de 1977. Eu tirei uma licença sem remuneração do trabalho e viajei com Phil a York, para nos envolvermos em alguns trabalhos evangelísticos e escolares.

Em cada noite, daquela semana de evangelização, havia um café com várias atividades acontecendo, todas preparadas para trazer não cristãos. Durante o dia ficávamos nas várias escolas ao redor da área de York.

Eu nunca tinha feito nenhum trabalho em escola antes. Phil e eu tínhamos somente que falar, com Phil compartilhando sobre suas próprias experiências pessoais. A ideia de eu mesmo tentar comunicar o evangelho cristão, de forma relevante, a uma classe cheia de crianças enchia-me de pavor. Embora eu estivesse envolvido com o trabalho com jovens, descobri que explicar as boas novas sobre Jesus a uma classe hostil, de mesma faixa etária, não era a mesma coisa.

Enquanto fazíamos as reuniões, os almoços especiais e as aulas, eu ouvia, e orava silenciosamente em línguas, enquanto Phil falava. Eu me sentava atrás, preparado para aprender e absorvia tudo o que podia. Certificava-me de que

Phil não esquecesse sua maleta em nenhum lugar, de que ele sempre tivesse uma xícara de café quando precisasse – para mim, nada era trivial demais, para que ganhasse experiências de valor.

Depois de alguns dias na classe, Phil me disse que eu daria a próxima aula. Eu me senti péssimo – completamente inadequado e totalmente despreparado. Morria de medo só de pensar naquilo, quanto mais na sua realidade.

Tropecei e cambaleei no decorrer da aula, rabiscando algum desenho na lousa, que se supunha demonstrar que Deus era o criador, e que precisávamos reconhecer que o mundo foi feito Por Ele. Eu estava gradualmente ficando sem idéias. No final, Phil entrou em cena e assumiu.

Senti-me terrível, um fracasso total. Tinha certeza que havia arruinado o evangelho para aquela turma em particular. Queria fugir e me esconder. Decidi que aquele não era meu chamado. Eu era uma estaca quadrada em um buraco redondo. Nada daquilo era para mim. Contudo, o que aconteceu em seguida mostrou-me que se meu coração estivesse disposto, Deus estaria preparado para me conduzir.

Depois daquela aula, Phil, um cantor que nos acompanhava e eu, fomos à sala de café dos funcionários. Alguns de nós estávamos conversando, quando houve uma batida na porta e um grupo de alunos, do lado de fora, pediu para conversar comigo e com o cantor. Eles queriam conversar sobre o que eu tinha dito. Como resultado dessa aula particular, uma reunião adicional foi marcada na hora do almoço, para eu e outra pessoa explicarmos o evangelho com mais profundidade. Fiquei muito encorajado, e foi daquele ponto que eu comecei a aprender uma lição que não foi somente minha – Deus também gosta de se envolver!

Se não estivesse disposto, não pensaria que poderia ter-me tornado um aprendiz quando a oportunidade chegasse. Nem teria pensado que poderia ter ficado preso a isso se o percurso fosse muito difícil. Perseverar, como um aprendiz, era difícil para mim porque por natureza eu era um rebelde. Ganhei aquele nome na escola, desenvolvi aquela reputação quando cheguei ao Senhor Jesus, e causei dificuldades reais em minha primeira igreja por causa da rebeldia. Quando Phil me conheceu em meados dos anos 70, ele observou que aquela atitude era um obstáculo ao meu crescimento.

Suponho que o fator mais significativo na formação de minha vida, naquela época, tenha sido o fato de Phil ter um interesse ativo em mim. Ele viu o que eu fiz na vida da igreja e depois me questionou a respeito. Eu o ouvi por horas quando compartilhou suas experiências e tudo o que Deus tinha lhe ensinado através delas.

Quando falávamos sobre um período de tempo, descobri que Phil tinha experiência nas áreas das quais eu queria aprender. Ele também estava disposto a passar esse conhecimento adiante e a assumir a responsabilidade por suas consequências.

Através de nosso relacionamento e tempo passado juntos eu estava me tornando disponível para ser ensinado. Eu nem imaginava que isto tomaria todo o meu tempo e energia, física, mental e emocional.

Não tenho certeza de que um de nós dois tenha tomado uma decisão consciente, mas em algum momento comprometemo-nos um ao outro. Phil concordou em me aceitar e em me conduzir, eu concordei em ouvir, aprender e a por em prática.

Naquela época eu sentia que Phil era o homem para me ensinar, mas olhando para trás agora não tenho certeza se haviam outras opções abertas para mim. Ninguém mais na igreja aceitava aprendizes. Eles eram todos ou (aparentemente) muito ocupados, ou não viam a necessidade disso (afinal de contas as faculdades bíblicas existiam para treinar líderes), ou ainda não sabiam o que fazer ou como lidar com isso. Que incluía toda a liderança em uma igreja de cerca de 500 pessoas.

### **O aprendizado em prática**

Eu nunca tinha passado por um aprendizado antes, e até então não sabia o que estávamos fazendo. E somente ao olhar para isso agora, posso ver o modelo claramente.

Eu já tinha começado a falar em pequenas igrejas, capelas e juntas cristãs em escolas e faculdades, sempre que eu estivesse disponível e o trabalho fosse permitido. Eu também estava liderando, junto com outros, o trabalho com os jovens na igreja. Eu fazia tudo que o meu tempo disponível permitisse. Tinha que aprender como canalizar e usar minhas energias com a máxima eficiência.

O relacionamento de mestre e aprendiz entre Phil e eu significava para ele que eu era responsável, e assim eu verificava as coisas com ele e o mantinha informado sobre o trabalho que estava fazendo em minha vida em geral. Quando aprendi a partilhar minha vida, com todos os desejos e fraquezas, percebi que meus fracassos não me desqualificavam do amor do Senhor ou de continuar a assumir responsabilidade nessas áreas que Ele tinha me confiado.

Phil e eu conversávamos sobre tudo que eu fazia. Lembro-me de meu primeiro sermão na igreja, para uma congregação de cerca de 500 pessoas – não exatamente um pequeno começo! Eu falei por quarenta e cinco minutos e alguém foi ao Senhor. Naquela semana eu passei o tempo com Phil e com David Pawson (o outro líder da igreja), falando sobre o que eu disse e da forma como havia dito. Concentramo-nos no conteúdo, abordagem, atitude, maneirismos, ilustrações, fraseologia e etc. Eu ainda tenho os dois lados da folha de papel almaço abarrotados com palavras e as anotações de David nas margens.

Esse tipo de envolvimento em meu aprendizado iria se tornar norma pelos próximos dois ou três anos. Confirmou para mim como é importante que eu estivesse disposto a aceitar críticas, correções e ajuda em cada área de minha vida. Não achava isso fácil – de fato eu comecei a ficar com medo.

Poderia não alcançar aquilo que esperavam de mim, e me perguntava se meu potencial algum dia seria alcançado.

Toda a vida da igreja naquela época era minha para aprender – adoração, batismo, membresia, finanças, tomada de decisões, governo e estrutura da igreja, trabalho com jovens e relacionamentos. Eu não tinha que concordar com nada; era importante para eu aprender sobre tudo isso. Não somente era necessária a minha disposição para me envolver e para aprender, mas também a disposição da igreja em se abrir e me permitir entrar – o que eles fizeram. Em todo esse período minha lealdade, à liderança e ao corpo da igreja, era integrante do meu desenvolvimento como indivíduo.

### **Crescendo como um aprendiz**

Quando a igreja finalmente me aceitou por tempo integral em 1978, eu tinha mais tempo disponível para desenvolver aquelas áreas, nas quais eu estava começando a desenvolver algum potencial. Embora naquela época não pudesse dizer definitivamente qual era o meu ministério, eu estava começando a descobrir o que eu gostava de fazer. Meu envolvimento com jovens se desenvolveu e eu comecei a trabalhar em escolas, fazendo aulas, assembleias e uniões cristãs. A chave para esse trabalho era a habilidade de comunicar-me e estava relacionada ao envolvimento dos jovens.

O trabalho nas escolas era bastante útil para mim, e ensinou-me lições que sinto que hoje fazem parte de minha vida. Eu levava horas de preparação, o que foi uma disciplina valiosa em si mesma. Também tive que lidar com uma dificuldade pessoal que tinha com relação à abordagem de uma escola, e perguntava ao diretor ou aos professores se estariam dispostos a me terem envolvido de alguma maneira. Quando eu lhes falava, estava consciente de que meu fracasso no trabalho dependeria do quão bem eu me comunicasse com essas pessoas, que tinham a autoridade para me convidar ou me dispensar. Foi uma situação pioneira, como do tipo de aprendizado que eu estava passando na igreja, e às vezes não me sentia totalmente seguro.

Eu comecei a dirigir cultos na igreja. No início, estava sob olhos atentos e restrições severas. Essas restrições diminuíram levemente quando me tornei um obreiro por tempo integral na igreja, mas eram, contudo muito grandes.

Eu estava constantemente ciente de que permanecia ao lado de homens que eram de longe mais experientes do que eu. Tendo sido um membro de igreja por algum tempo, eu também tinha consciência de que considerávamos a boa organização e o bom funcionamento como sendo bastante importantes. Embora me esforçasse pessoalmente para me encaixar nesse quadro bastante rígido, sabia que se pudesse encontrar minha liberdade sob tais restrições, eu começaria a conhecer a liberdade como ela realmente é. De novo, a forma como eu conduzia esses cultos e o que eu dizia, faziam parte das conversas, após o evento, que eu tinha com Phil e os outros na liderança.

Com o estímulo de Phil comecei o evangelismo na igreja. Isso continuou e se desenvolveu bastante fortemente, quando passei a tempo integral. Embora o evangelismo estivesse centrado nos jovens, como sempre ocorre nas igrejas, isso me proporcionou um ótimo aprendizado sobre como organizar o evangelismo e comunicar o evangelho eficazmente.

Esse treinamento chegou ao clímax para mim, quando tivemos um evangelismo maior, baseado na igreja, em um número de escolas na área. Houve um período de uma semana quando, habilmente auxiliado por John Allan e o onipresente Ishamel, vimos cerca de setenta jovens irem ao Senhor Jesus. Consequentemente, o número de jovens em nossa igreja triplicou.

Uma das dificuldades principais que encontrei durante meu aprendizado foi trabalhar dentro de restrições e limitações. Phil e eu conversávamos sobre cada uma das áreas de meu envolvimento, como tinha me saído, o que deveria e o que não deveria fazer. Havia coisas que eu precisava ouvir e saber – quer gostasse ou não. Agora aprecio a liberdade que comecei a descobrir ao trabalhar sem essas limitações. Isso proporcionou uma criatividade bastante real em algumas áreas de minha vida.

Outra grande dificuldade que encontrei foi como chegar a algum tipo de autoconhecimento, e como manter-me fiel a mim como pessoa que Deus tinha feito, enquanto sob fortes restrições e limitações. Muitas vezes eu senti como se estivesse prestes a perder minha própria personalidade e me tornar um clone de alguém. Eu pensava que se falasse e atuasse como aqueles que pareciam ser aceitos na igreja, eu também seria aceito.

Percebi que mesmo que eu diferenciasse dos outros, em caráter e em personalidade, Deus queria dar-me para a vida da igreja e dar a vida da igreja para mim.

É importante então que, aquele que esteja ensinando, não prene o aprendiz em seu próprio molde. Sinto que o desejo de Phil era ver-me desenvolvido como pessoa. Ele mesmo aprendeu a importância disso enquanto me ensinava.

Foi-me dito em mais de uma ocasião que minhas opiniões e estratégias seriam inevitavelmente as mesmas de Phil Vogel. Eu poderia tomar isso como um real elogio, embora isso não fosse acontecer, mas para mim, isso somente destacou meus esforços pessoais. Creio que levou algum tempo para Phil ver o tipo de pessoa que era e a necessidade crescente de dar mais liberdade àquela pessoa. Esperançosamente eu não era aquilo que sempre fora, mas estava crescendo em tudo que desejava ser. Eu aprendia a permanecer em pé e a ter segurança de quem eu era em Deus, porque chegaria um momento quando o aprendiz terminaria seu aprendizado.

Somos todos aprendizes do Senhor Jesus e assim, nossos líderes nunca param, mas o assunto deste livro é um aprendizado que desenvolve um chamado para um ministério em particular, e é a esse aprendizado a que me refiro agora.

Descobrir o momento quando o aprendiz alcança o final de seu aprendizado não é tão simples quanto possa parecer, à primeira vista. Quando duas pessoas estão tão estreitamente envolvidas uma com a outra, pode ser difícil de ser objetivo sobre se o aprendizado deveria terminar ou se deveria continuar.



O aprendizado na indústria ocorre por um período de tempo limitado, após o qual o aprendiz recebe um trabalho relacionado às habilidades aprendidas. Na igreja, porém não temos normalmente trabalhos específicos para fazer, ou salários para ganhar, mas estamos no negócio de crescer em maturidade em Cristo. A decisão, sobre se devemos ou não ser liberados do aprendizado, tem que ser feita com referência àquela maturidade.

Phil sabia que meu aprendizado estava se aproximando do final quando comecei a assumir mais responsabilidades na vida de nossa comunidade. Phil era nosso líder de equipe e assim ele começou a pedir-me para liderar nossas reuniões de equipe semanalmente. Ele também tirou um curto período sabático e deixou as coisas principalmente em minhas mãos. Dessa maneira, as coisas foram sendo estabelecidas para mim para deixar de ser um aprendiz.

Se me pedissem para escolher a lição mais importante que aprendi em meu aprendizado, eu diria que é essa: a importância de ser aprendiz desenvolve plenamente como pessoa, não somente em seus dons, talentos ou inteligência, mas em seu ser completo. Prioridade absoluta deveria ser dada ao valor da pessoa como um todo.

Espero poder ser capaz de ensinar aos outros assim como fui ensinado. Na verdade, confio que vou fazê-lo. Recebi a liberdade de cometer erros e aprendi deles. Recebi a liberdade de 'explodir' e de saber que fui apoiado pessoalmente em todo o caminho. Isso significou muito para mim, e tento pôr em prática diariamente em meu relacionamento com os outros.

Ao me permitir assumir responsabilidades por minha vida e trabalho, Phil me estimulou a assumir responsabilidades por outros. E que, afinal de contas, é o trabalho de quem está ensinando – o desejo de ver cada homem e mulher maduros em Cristo.

### **Pós-escrito do autor, 1997.**

Terry, mais tarde, assumiu de minhas mãos a liderança da Igreja Comunitária de Guildford e se envolveu com o treinamento de pessoas para a liderança. Depois se mudou para Londres para dirigir uma igreja, Terry está atualmente em um posto importante na liderança do World Horizons, um movimento missionário dedicado a espalhar o evangelho pelas nações do mundo.



Publicado gratuitamente pela Fundação DCI, Inglaterra.  
© Esta edição, Philip Vogel, 2010.

Não está a venda: Permissão concedida para fazer cópias e distribuir gratuitamente, alterações no texto somente com previa autorização do autor.

E-mail: [support@dc.org.uk](mailto:support@dc.org.uk)  
Website: [www.dci.org.uk](http://www.dci.org.uk)